

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.ºs 2 e 3

Fevereiro e Março de 1921

Ano LXXIII

Director, proprietário e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
Largo da Biblioteca

PELA PATRIA

Honra ao soldado desconhecido, ao exército e à raça portuguesa

A idéa patrioticamente sugerida e entusiasticamente apóstolada por um dos mais conceituados e bem redigidos jornais da nossa terra, de, à semelhança do que fizeram os nossos aliados aos seus heroes, prestar a suprema consagração nacional aos cadaveres de dois mortos da Grande Guerra, soldados portugueses desconhecidos, caídos nos campos da Africa e da França, varados pelas balas, ou esfarrapados pela metralha do inimigo, foi generosa e comovidamente perfilhada por toda a imprensa e pelos altos poderes da Republica.

A ela se associaram tambem, num impeto de fervente entusiasmo, devotado civismo e amor patrio, todas as classes sociais, desde as menos cultas, que são quasi sempre as que mais facilmente se deixam enternecer pelas glorias nacionais, até às de mais elevada intelectualidade; o exército que com tão tocante manifestação se orgulha; e o País inteiro que nunca negou aos seus filhos o merecido galardão.

É por isso que a apoteose que tão venerado simbolo reclama e merece, e que tão intensamente faz vibrar a alma nacional, é sublime e sensibilizadora.

Não será ela tão brilhante e grandiosa como a que a França, sempre idealista e fidalga, e a altiva Inglaterra pres-

táram aos seus bravos lutadores, e como a que, em breve, a poderosa America do Norte vai render tambem aos seus; mas, certamente, pelo cunho de sinceridade, carinho e fervor que deverão revesti-la, não será menos bela, nem traduzirá menor admiração e fraternal reconhecimento do povo, da lusa gente, por aqueles dos seus irmãos que tudo souberam sacrificar no altar da Patria.

Os ataúdes que contem os restos desses bravos que recolheram ao seio piedoso da Terra-Mãe, simbolizam os de todos os soldados de Portugal que, lá longe, morreram defendendo as causas santissimas da integridade nacional e da liberdade dos povos oprimidos, e agora dormem o sono eterno: ou em terra amiga para cuja libertação generosamente deram o sangue precioso e a vida; ou nos areaes ardentes do Negro Continente, aonde o nome portuguez ressoa aureolado do respeito e assombro que merecem as façanhas imorredouras dos nossos antigos batalhadores, que com o seu gládio flamejante ali traçaram o caminho do progresso; ou no fundo desses mares que as quilhas das nossas caravelas primeiro sulcaram.

São reliquias sagradas essas, perante as quais todos, a porfia, nos iremos descobrir com piedosa devoção e sublimado orgulho.

O misterio que envolve esses mortos queridos mais lhe engrandece a ignorada figura, dando-lhe mesmo proporções gigantescas.

As cinzas que esses sarcófagos encerram consubstanciam as de todos os portuguezes que soltaram o derradeiro alento no fragor dos combates, ou minados pelas doenças devastadoras dos países tropicais, tendo gravada no coração a imagem da Pátria triunfante e a aflorar-lhe aos labios com o ultimo sopro de vida, como o murmúrio de uma prece, o nome de Portugal por cuja fortuna se fôram à guerra. O ultimo olhar reflectia, sem duvida, em fulgurações repassadas de saudade, as côres vivas da nossa bandeira imaculada e gloriosa, que souberam engrinaldar com novos, imarcescíveis e mais virentes louros.

Não é então o soldado desconhecido que a Patria glorifica, é o soldado portuguez, que na Grande Guerra se bateu com a estóica bravura de sempre, sem que a sua alma gene-

rosa e simples contasse com outro prémio que não fosse a satisfação do dever cumprido, prémio tão merecidamente ganho que nenhum compatriotã neste momento solene e consolador lhe regateará a gratidão, o culto a que o seu heroísmo lhe dá direito incontestavel. Glorificando-o, glorificam-se os soldados e marinheiros de Portugal, que tão nitidamente reflectem a alma da Nacionalidade, e que, sempre, em abençoada competencia se aliaram e confundiram fraternalmente no culto fervoroso, na conquista sublime dessas passadas glórias que constituem a maior e mais bela das epopeias.

Sim, porque se uns completaram o mundo na odisséa espantosa das suas viagens, os outros dilataram a Patria na ansia épica das suas conquistas.

Podem diferir as tarefas da marinha e do exército num dado momento histórico, assim como succedeu durante essa terrivel conflagração que findou; as almas essas são iguais, os corações esses não divergem, quaesquer que sejam os sacrificios a repartir, os miraculosos e homericos esforços a realizar.

*

* *

Os soldados que combateram em Africa e na Flandres, e que em tantos lances arriscados lutaram sempre com honra e a mor parte das vezes com gloria, não valiam menos pelo seu valoroso esforço e épica resignação, pelo seu vibrante patriotismo, do que as lendárias figuras que arrancaram á supremacia da Espanha o torrão sagrado dos nossos láres, e á heroicidade mussulmana o que ainda faltava para este pedaço de terra portuguesa. Não valiam menos do que os aventureiros imortaes que arrancaram á Persia o impório de Ormuz, a cidade das perolas, e rasgaram sobre os adárves de Chaul o estandarte auriflamante de Nizam; e do que esses valentes que conquistaram os laureis de Montijo e Montes Cláros á mais brilhante e intrepida infantaria do seculo xvii.

Se os lutadores do Rovuma, de Newala, de Kiwambo, de M'kula, são dignos émulos dos herois de Marracuene e

Coolera e dos valentes do Cuamato, por seu lado os bravos dêsses épicos *raids*, na terra de ninguém, e os martires da batalha de La Lys não valiam menos que os soldados que chegaram a Madrid numa altiva marcha triunfal e os que nas escarpas dos Pirineus combateram denodadamente pela honra da Espanha, como os seus remotos antepassados das Navas e do Salado, e os que da Roliça a Albuera e de Victoria a Toulouse ofuscaram o brilho intenso do sol de Austerlitz, depois de darem lições á milicia dos aliados de então que, como nos Arapiles, se mostraram assombrados pela sua bravura e energia.

Revelando sempre, em todas as situações mais confrangedoras e difíceis, com deslumbramento, as tradicionaes qualidades que essa águia alterosa que se chamou Bonaparte, tanto exaltou, os nossos soldados de agora irmânam-se bem, pela intrepidez e pelo denôdo, com esses velhos guerreiros que, vestidos de aço, puseram sobre o peito arquejante do Mohgreb a grêva luzente das suas armaduras. Assim tambem os nossos marinheiros desse episodio épico do caça-minas Augusto Castilho, que na trágica madrugada de 14 de outubro de 1918, data memoravel nos anaes da marinha lusitana, tudo sacrificaram, com a mais sublime abnegação, para evitarem o torpedeamento do vapor S. Miguel, por um poderoso submarino alemão, não valiam menos do que os desamparados herois da corveta *Andorinha* e do brigue *Minerva* nessa peleja terrivelmente desigual contra os marinheiros francêses.

Não fôram menos valentes, esses bravos, de que os seus famosos predecessores do combate do Cabo Fenisterra e das batalhas navaes de Malaca, de Ormuz e da foz do Mandovi, apesar de o éco das suas imorredouras façanhas ainda hoje se repercutir até aos confins do Oriente.

Invocámos propositadamente os nossos feitos de armas, para que os animos neles se retemperem e se preparem para novos empreendimentos, e ainda para mostrarmos que nem tudo se perdeu das nossas antigas grandezas, pois que a lendária galhardia lusitana se mantêm inalteravel através de todos os infortunios.

Gloria pois aos heroicos soldados desconhecidos, ao soldado português e ao nosso esforçado exército.



Quando aqueles herois, amanhã, seguirem para o panteão que a Patria reconhecida lhes destina, curvemo-nos á sua passagem e sigamo-los com a comoção, com o fervor que os grandes heroismos sempre despertaram na alma dos portugueses. Junquemos-lhes de flores a estrada triunfal a caminho do Templo da Vitória, dessa primorosa joia artistica, desse *poema em pedra*, que a mão piedosa do mestre de Aviz fez erigir para ficar como padrão, imorredouro e belo da nossa independencia.

Formulemos ainda ali, invocando as figuras épicas dos filhos de D. João 1.^o, dessa pleiade de sabios, de herois e de eximios patriotas, que foram os propulsores das nossas maiores glorias, o voto solene de concorrermos quanto em nossas forças caiba, esquecendo dissensões e agravos, para que não seja estéril o sublime sacrificio desses bravos que souberam defender gloriosamente o pendão da Patria e morrer por ela. Oxalá que a sua memoria, como se fôra lampadario acêso no altar nacional, jamais se apague. Oxalá que tão gloriosa e viva comemoração, na qual enternecidamente colaboram desde o Chefe do Estado até essas pobres e humildes mães que, numa epopeia de lagrimas e saudades, pranteiam os filhos que perderam na temerosa luta, seja o lábaro da nossa completa redenção.

Só assim esse Portugal que todos venerâmos conseguirá readquirir o antigo esplendor, e voltar a ser grande e admirado como foi no periodo aureo das descobertas.

As homenagens verdadeiramente excepcionais e intensivamente sugestivas, que nos são prestadas neste momento histórico, por todas as Nações que conosco pelearam contra o inimigo comum, associando-se á comemoração do soldado desconhecido e enviando ao nosso Pais missões dos seus heroicos exércitos, das quais fazem parte vultos eminentes, espadas luminosas, como são o marechal Joffre, o generalissimo Diaz e o general Smith Dorian, chefes aureolados, que, nas maiores batalhas conhecidas, souberam guiar os seus soldados á vitória, enchem-nos de desvanecimento e orgulho. Teem elas uma dupla significação que não pode passar des-

percebida: se revelam uma bem honrosa situação política e internacional para esta pequena Nação, representam a mais simbolizante consagração a que o nosso exercito podia aspirar e que é bem o justo e consolador prémio do seu supino esforço e grandioso sacrificio na Grande Guerra.

A *Revista Militar*, que em mais de setenta anos de honrado labutar na imprensa, inspirando-se sempre, sem desfalecimento, em tão elevado sacerdocio, no prestigio e engrandecimento do exercito, não tendo outro ideal que não seja erguer bem alto as instituições militares, inclinando-se reverente perante os heróis desconhecidos que a morte prostrou no seu posto de honra, êndereça aos vivos com a expressão do seu orgulho pelos valorosos feitos por êles praticados, a mais carinhosa, a mais comovida e a mais fraternal saudação.

Sauda tambem os representantes dos povos a cujos destinos a guerra nos ligou, em horas amargas de incertesa, e ainda os da cavalheirosa Espanha, nossa irmã, que nos honram vindo associar-se á piedosa e patriótica consagração aos inolvidaveis mortos.

9 de Abril de 1921.

A DIRECÇÃO.

O XX Concurso Nacional de Tiro

A educação fisica e a preparação para a guerra.— A importancia da prática do Tiro

Os acontecimentos de caracter internacional que se vêm produzindo após essa tremenda e emocionante refrega que, durante quatro anos convulsionou o mundo, não são de molde a tranquilizar absolutamente o espirito dos propagandistas da paz, evangelizadores que nos merecem a mais viva simpatia e profundo respeito.

Ainda se não evolou de todo o fumo dos canhões que, por tanto tempo, ribombaram no fragôr das mais espantosas batalhas, não cessando de vomitar metralha e de semear a destruição e a morte em volta de si, e já lutas crueis e san-

guinárias se travam, neste momento histórico, entre povos irmãos, porque os menos poderosos anseiam por se libertar duma tutela que reputam odiosa e aviltante; e novas, e por ventura mais temerosas contendidas, as Chancelarias anteveem para breve. Mas agora, ao que parece, não vão os lutadores terçar armas em defesa da Lei, da Liberdade e da Justiça, como succedeu — dizia-se — na campanha que findou.

Tudo isto prova, infelizmente, que vem muito distante ainda o momento em que, como annunciou o profeta de Israel: a arvore das dissensões será destruida; as Nações desmontarão os canhões para montarem fábricas; transformarão as lanças em alviões e as espadas em charruas. É que a guerra, com todos os seus horrores, com todo o cortejo de devastações que lhe são inerentes, é inevitavel. Obedece a uma lei natural, e não há forças humanas que a modifiquem.

A luta constante que se manifesta inalteravel e sempre nos fenomenos vitaes é uma condição essencial á existencia de todos os sêres. É a propria natureza que impele, forte e galhardamente, todos os seus elementos para essa peleja constante e tenaz, como que para produzir o rejuvenescimento e perfeição sucessiva de tudo o que existe. E' por isso que os espiritos incrédulos na possibilidade da paz mundial entendem que os Apostolos da confraternização dos povos não lograrão ver para breve realizado o seu sublime ideal.

O homem, ente mais perfeito da criação, exerce infalivelmente sobre o seu semelhante a influencia da sua força, impondo o direito que dele dimana. E' um principio imutavel, por maior que seja o progresso e perfeição dos povos cultos.

Como o homem, as sociedades, os Estados, só pela força conseguem defender os seus legitimos interesses e fazer respeitar os mais sagrados direitos.

Justificado é, pois, que o anseio supremo das Nações modernas seja congregarem em torno da bandeira, simbolo venerando da nacionalidade, para a defesa comum, todas as forças vivas do País. Os exércitos actuaes são as Nações em armas. Os pequenos Estados então, como o nosso, necessitam bem mais do que os que dispõem de poderosos e inexgotaveis recursos, de transformar cada cidadão num soldado apto para velar pela honra e integridade da Patria, cumprindo assim a mais sublime e nobre das virtudes civicas.

Se assim é, não esqueçamos que entre tantos ensinamentos colhidos na *Grande Guerra* dois há que, embora de diferente natureza, nos devem merecer especial atenção: Demonstrou-se nessa monstruosa luta que os povos que curam com maior entusiasmo, interesse e carinho, da educação física da mocidade e cultivam, com mais persistencia, todos os desportos, tiveram uma relativa facilidade em preparar combatentes aureolados com as mais sublimes virtudes militares e guerreiras, a honra e o dever; em obter soldados não só robustos, mas também habéis, ousados e prudentes.

E' que o desenvolvimento físico, aperfeiçoando o character, dá aos homens a consciencia da sua força e do seu valôr. E confirmou-se mais uma vez, pelo que respeita ao papel da infantaria nas pugnas da actualidade, irrefutavelmente, o aforismo de ha muito consagrado de que o fôgo é, sem contestação plausivel, o meio principal de que dispõe a rainha das batalhas para combater o adversário.

*

*

*

Se nós os portugêses quizermos aproveitar inteligente e ponderadamente as proficuas lições colhidas na derradeira guerra europeia, devemos empenhar-nos, com ardor, em procurar solução breve ao importante problema da Educação Física, visto êle muito auxiliar e facilitar o da preparação para a guerra. Tal problema não deve, melhor diremos, não pode ser considerado separadamente, mas sim na sua intima, estreita e indistrutivel relação com os restantes problemas nacionaes.

Para que a cultura física se generalise em todo o Pais e ofereça garantias de bem valorizar a raça portuguesa, tornando a capaz de produzir, de trabalhar, de vencer, não basta que apliquemos, sem uma lucida e meditada orientação scientifica, o que a tal respeito se pratica em outras nações e especialmente nos póvos scandinávos.

Forçoso é que préviamente se proceda ao criterioso estudo de adaptação, a qual depois a prática corrigirá e completará. Para que tal adaptação seja conscienciosa e inteli-

gentemente operada é preciso que se colham dados positivos sobre as principaes características da lusa raça, das suas condições de existencia, e das suas mais urgentes e imperativas necessidades, e bem assim que se determine a mais simples e prática forma de as satisfazer. Indispensavel é tambem que se criem os organismos para tal fim adequados e se eduque e instrua o pessoal que terá de meter hombros a tão elevada como patriótica empresa.

E' por demais sabido que a educação fisica tem, como ramo da educação geral dos povos, um papel preponderante não só no desenvolvimento fisico do individuo, mas tambem, e supinamente importante, no seu moral, na constituição da colectividade, da Nação, e consequentemente afirmativo do seu direito de viver e de progredir.

A Grande Guerrá, oferecendo-nos a tal respeito dados interessantissimos, conduz-nos a conclusões positivas e, em nosso parecer, irrefutaveis.

As qualidades de maior resistencia fisica e do mais limpo character afirmaram-se, sempre, naquela temerosa contenda que enlutou a humanidade e da qual ainda refulgem sinistros lampejos por essa Europa fóra, ou como consequencia prevista, matematica mesmo, de uma solida e bem conduzida preparação fisica, ou como produto de um elevado e grandioso sentimento de patriotismo, que exaltando o valor guerreiro, estimulando e engrandecendo o heroismo, dá causa aos mais epicos e assombrosos cometimentos.

A primeira destas afirmações é talvez mais notavel pela reflectida energia e firme tenacidade que originam e permitem raciocinio claro e previsão lúcida e rápida; e a segunda pelo impulsivismo gerador de admiraveis sacrificios.

Foram estas duas alianças que mais concorreram para a vitória, uma representada pela proverbial tenacidade e firmeza anglo-saxonia, simbolizada na Inglaterra, como consequencia das suas condições especiaes de educação e de character; a outra pelo entusiasmo, espirito de sacrificio e épico patriotismo, simbolizados na França.

A consciencia do imperioso dever de dar solução immediata ao importante problema da Educação Fisica em Portugal preocupa ha tempos já os governos da Republica. Em obediencia a um tal pensamento, antes mesmo de nos enfileirar-

mos ao lado dos aliados na luta contra os alemães, já os Ministerios da Instrução, Guerra e Marinha haviam nomeado uma comissão destinada: a elaborar um Regulamento de Educação Física, moldado nos modernos principios da pedagogia e tecnica educativa; e a propor as bases para a organização de um Instituto, no qual se formem professores civis, instrutores e monitores militares, e se estudem todos os assuntos que interessem ás condições físicas e moraes da raça portugüesa. Terá ainda a suprema missão de promover uma propaganda eficaz de maneira a despertar o interesse publico por este momentoso assunto, que devido a circunstancias varias, bem lamentaveis por certo, durante largos anos se debateu num caos desconsolador.

O Regulamento que, no dizer dos especialistas, está moldado nos mais modernos principios scientificos adoptados nas nacionalidades que maior paixão professam pela cultura fisica dos seus filhos, viu já a luz da publicidade; e a Comissão estuda actualmente a organização da Escola ou Instituto Normal Superior destinado á educação do pessoal docente da especialidade que possua a sufficiente preparação para inteligente, consciente e proficuamente, saber aplicar o mesmo Regulamento. Trata ainda de criar um organismo especial dirigente, consultivo, centralizador e fiscalizador de todos os assuntos respeitantes á Educação Física, o que realmente se impõe.

*

* * *

Outro ensinamento colhemos na Grande Guerra— que é a confirmação dos principios de há muito preconizados pelos profissionaes— vem a ser: *que os sucessivos aperfeiçoamentos introduzidos no armamento e a descoberta das polvoras quimicas, trouxeram como consequencia a preponderancia do fogo como o meio de acção da infantaria no combate, tanto na ofensiva como na defensiva.* Dêle se induz facilmente que dos varios generos de desporto um dos que mais interessa no aprestamento para a guerra das pequenas nacionalidades é a pratica do tiro por todas as classes da sociedade.

Sim, porque saber pegar em armas é condição essencial para que todos os cidadãos possam cumprir o mais alto de-

ver civico: sustentar a independencia e integridade da Patria e defende-la dos inimigos internos e externos.

A maneira como o gosto pelo tiro civil se tem ultimamente desenvolvido em Portugal pode apreender-se do rapido bosquejo que vamos fazer do ultimo concurso nacional.

Os Concursos de Tiro que, de ha muito, periodicamente se realizam em Lisbôa, revestem, de ano para ano, maior brilho, mercê do crescente entusiasmo que taes certames despertam não só no nosso meio militar, mas ainda entre um grande numero de civis que, com fervor, se dedicam a um tão patriotico genero desportivo, como é a pratica do tiro com armas portateis.

O XX Concurso Nacional que se efectuou, de 1 a 15 de outubro, passado, na Carreira de Pedrouços, hoje dotada com todos os melhoramentos modernos e rivalizando com as mais perfeitas do estrangeiro, revestiu um intenso relêvo.

Embora a concorrência não fosse tão avultada como noutros torneios efectuados antes de 1916, visto que se inscreveram sómente 426 atiradores, ressaltou de todas as provas, o que é importante e significativo, uma melhor e mais aturada preparação e mais acertada escolha dos concorrentes, que constituíram as delegações militares das diferentes unidades do exército, da armada e da Guarda Republicana.

Aonde uma superior, cuidada e persistente preparação mais notavelmente se evidenciou foi nas delegações da Marinha e da Guarda Republicana.

Entre as primeiras salientaram-se as do Deposito de Praças da Armada, da 2.^a repartição da Direcção Geral de Marinha e da Escola Provisoria de recrutas da Armada. E das segundas destacaram-se as dos batalhões n.^{os} 2, 8 e 12.

Não oferece dúvida que o lisongeiro resultado colhido por aquelas delegações teve como causa primordial os cuidados e bem conduzidos treinos por elas efectuados na Carreira de Tiro de Lisbôa e de outras localidades, sob a direcção, ás de Marinha, do tenente da armada, Matheus da Cruz e as da G. N. R. dos respectivos chefes, tenentes Manuel da Silva Guerra e Anibal de Jesus.

O XX Concurso ofereceu-nos aspectos novos, muito valiosos e interessantes.

Registamos com desvanecimento, como um dos factos

mais impressionantes, e revelador do fulgurante entusiasmo e do crescente interesse, no nosso meio militar, por estes emocionantes torneios, a criação de tres novas taças, este ano instituidas, e que não figuravam no programa do Concurso. Alem da Taça oferecida pelo Ministerio da Guerra, para ser disputada por todas as delegações do exército de terra e mar, a qual se achava em poder do R. I. R. 8, e que este ano foi brilhantemente ganha pela delegação do batalhão n.º 12 da G. N. R., chefiada pelo tenente Anibal de Jesus, que foi duma solícitude notavel no ensino e preparação dos seus subordinados, a Fraternidade Militar ofertou outra denominada *Taça Fraternidade Militar*, destinada por esta associação a ser disputada pelas unidades do exército e estabelecimentos militares que tenham organizados os respectivos nucleos. Foi obtida pela delegação do regimento de infantaria n.º 14.

Figuraram tambem: a *Taça Club Militar Naval*, oferecida e destinada pelo mesmo Club para uma prova a que concorressem delegações das unidades e estabelecimentos da Marinha. Obteve-a a delegação do Deposito de Praças da Armada.

A *Taça Patria e Republica*, destinada pelo comando da G. N. R. para ser disputada sómente pelas delegações das unidades da mesma Guarda. Obteve-a a delegação do batalhão n.º 8. As tres taças são valiosos e elegantes objectos, que honram a arte nacional. Conforme os respectivos regulamentos, foram todas disputadas colectivamente, sobre um alvo figura-tronco, visivel durante um minuto, e á distancia de 200 metros, num maximo de 10 tiros, por praça ou official.

A prova *Campeonato Colectivo Militar*, concorreram 74 delegações pertencentes a unidades do exército metropolitano, marinha, guarda republicana e guarda fiscal, alcançando a vitória, como já referimos, a do batalhão n.º 12 da G. N. R. de guarnição em Braga. Uma tão avultada concorrência, se torna mais valioso e significativo o triunfo daquela delegação, que conseguiu 379 pontos, faz tambem realçar os meritos das suas contendoras que obtiveram os segundo e terceiro premios, e que foram respectivamente a da 2.ª repartição da Direcção Geral de Marinha e a do regimento de infantaria 35.

Na prova da Categoria III *Campeonato Colectivo*, para as Sociedades de Tiro, e que é sempre uma das mais interessantes dos concursos, foram contendoras:

As Sociedades de Tiro N.º 1 (União dos Atiradores Civis Portuguezes); Sociedade de Tiro N.º 2 (Grupo Patria), e Sociedade de Tiro N.º 3 (Gimnasio Club Português), que obtiveram os seguintes resultados: Sociedade de Tiro N.º 1, 314 pontos no tiro individual e 94 no colectivo; Sociedade de Tiro N.º 2, 301 pontos no tiro individual e 97 no colectivo; Sociedade de Tiro N.º 3, 262 pontos no tiro individual e 64 no colectivo.

Ficou pois: definitivamente em poder da Sociedade de Tiro N.º 1 a taça que, como premio de honra, era destinada a esta categoria, e que conforme o programa do concurso, ficaria sendo propriedade da associação que a ganhasse por tres vezes. Sobre esta taça já as Sociedade de Tiro n.ºs 1 e 2 haviam alcançado duas victorias cada uma.

As delegações eram assim constituídas:

Sociedade de Tiro N.º 1: srs. Adolfo Ferreira Lima, Félix Bermudes, Jorge Francisco de Carvalho e capitão de infantaria Andrea Ferreira.

Sociedade N.º 2: srs. Antonio Silva, Francisco Mendonça, Antonio Montês e Dario Canas.

Sociedade N.º 3: srs. João José Calais Grilo, Carlos Marrafa, alferes Henrique Silva e Eurico Silva.

A circumstancia de o Gimnasio Club Português, uma das mais perfeitas agremiações desportivas do nosso País, se haver tambem constituido em sociedade de tiro, da qual fazem parte atiradores ainda novos, mas verdadeiros entusiastas do tiro, como são os srs. Formosinho Simões, Carlos Marrafa e Antonio Reis, é pronuncio de que novos grupos se formarão, sem dúvida, que trarão maior esplendor á Federação dos Atiradores Civis Portuguezes, que já se integrou na Federação Internacional de Tiro.

Nas provas individuaes, a que tambem concorreram avultado numero de officiaes e praças do exército, que em anteriores concursos se limitavam geralmente a prestar as provas a que os regulamentos os obrigavam, evidenciaram-se, sem contestação, resultados apreciaveis e compensadores dos esforços que pelas autoridades competentes se vêm fazendo

para desenvolver e aperfeiçoar este ramo da instrução das tropas.

Foi assim que no grupo de categorias I e II, *Republica* e *Presidente*, figuraram entre os 10 atiradores melhor classificados cinco militares, quatro officiaes e um 1.º sargento musico da armada.

Na categoria IV, *Mestre Atirador*, obtiveram a respectiva classificação mais de 20 atiradores, dos quaes metade pelo menos, se não estamos em êrro, são cabos e soldados.

Na categoria V, *General Gomes Freire*, foram classificados, no grupo A, concorrendo com atiradores dos mais categorizados e peritos, em 5.º, 6.º e 7.º lugares tres officiaes.

No grupo B, obtiveram a primeira e segunda classificações uma praça da armada e um official; e no grupo C os primeiros classificados pertencem ao exército.

Na categoria VI, *Campeonato de Portugal*, obtiveram a primeira e segunda classificações respectivamente um official e o 1.º sargento musico da armada, Armando Fernandes, que por um ponto apenas não foi classificado campeão.

Na categoria VII, *Campeonato de Portugal á pistola*, ainda um official, tenente medico Antonio Martins foi classificado campeão.

Nas VIII e IX categorias, *Mestre Atirador a 200 e 300 metros*, varios officiaes e praças conseguiram a classificação de Mestre atirador e Primeiro atirador.

Nas categorias XII e XIII, *Mestre Atirador, á pistola, a 25 e 50 metros*, um official obteve a designação de *Mestre atirador* e um sargento a de *Primeiro atirador*.

No *Campeonato do Exército de Terra e Mar* foram classificados: 1.º, o sr. Antonio Martins; 2.º, o 1.º sargento Fernandes; 3.º, o 2.º sargento Santos, e 4.º, o alferes Eurico da Silva.

Resta-nos fazer referencia ás provas prestadas pelos atiradores civis já consagrados pela sua provada pericia neste genero de desporto, as quaes mais uma vez decorreram brilhantes.

Na categoria XI, *Suprema*, secção A, a que só podiam concorrer os *Campeões de Portugal* e do *Exército de Terra e Mar*, tomaram parte quatro atiradores, que ficaram classificados pela seguinte ordem: 1.º, Francisco de Mendonça:

2.º, Antonio Martins; 3.º, Jorge Carvalho, e 4.º, Adolfo Lima. O atirador Francisco de Mendonça, campeão em 1919, bateu os tres competidores, tambem campeões, por uma diferença de 4 balas.

Na mesma prova, secção *B*, a que só podiam concorrer os *Mestre Atiradores*, ficaram classificados, entre 25 concorrentes: 1.º, Adolfo Lima; 2.º, Henrique Silva; 3.º, 1.º sargento musico da armada Fernandes, e 4.º, tenente medico Antonio Martins.

O atirador Adolfo Lima conseguiu o maximo, acertando no alvo as 30 balas de que dispunha para efectuar a prova, deveras difficil.

Em todas as outras provas prestadas por aqueles atiradores, mantiveram eles os créditos já de ha muito firmados, o que demonstra que a prática do tiro ao alvo conta em Portugal verdadeiras dedicações, que constituem um nobre exemplo e um patriotico estimulo para as novas gerações se aperceberem para a defesa da integridade nacional com o heroismo e valentia que é o apanagio da gente portugêsa.

Recapitulando, vamos indicar as colectividades e atiradores a quem foram conferidos os primeiros premios:

No «Campeonato Colectivo do Exército de Terra e Mar», a Taça de Honra, foi ganha pelo batalhão n.º 6 da G. N. R.; no «Campeonato Colectivo das delegações civis», a Taça de Honra, foi conferida á Sociedade de Tiro (ex-União dos Atiradores Civis Portugêses), ganha pelos srs. Jorge Francisco de Carvalho, capitão Soares Andréa, Félix Bermudes e Adolfo Lima. O premio de honra obteve-o o atirador Adolfo Lima; o 2.º premio, Félix Bermudes; o 3.º, Dario Canas e o 4.º, Francisco Mendonça.

No «Grupo *B*», o 1.º premio foi conferido ao atirador Antonio Fernandes, 1.º sargento da Armada; o 2.º, a Henrique da Silva; o 3.º, a Carlos Marrafa e o 4.º, ao sargento Antonio Santos.

No «Grupo *C*», o 1.º premio obteve-o o atirador Adolfo Lima; o 2.º, o 1.º sargento Raul Pereira; o 3.º, o tenente coronel Ducla Soares, e o 4.º, o 1.º grumete Antonio Pires.

No «Campeonato do Exército de Terra e Mar» — Campeões: Tenente medico, Antonio Martins; 2.º premio, 1.º sar-

gento Armando Fernandes; e 3.º, Antonio Santos, 2.º sargento de infantaria.

No «Campeonato de Portugal» — Campeão o tenente medico, Antonio Martins; 2.º premio, 1.º sargento Armando Fernandes; e 3.º, Félix Bermudes.

No «Campeonato á pistola» — 1.º premio, tenente medico Antonio Martins; 2.º, Antonio Santos; e 3.º, Antonio Duarte Montês.

«Imprensa» — «Secção A», disputada entre campeões: 1.º premio, Francisco Mendonça; 2.º, Antonio Martins; 3.º, Jorge Francisco de Carvalho; e 4.º, Adolfo Lima.

«Secção B», entre «Mestres Atiradores»: 1.º premio, Adolfo Lima; 2.º, alferes Henrique Silva.

«Mestres Atiradores», a 300 metros, Dario Canas; a 200, Francisco Mendonça, Jorge de Carvalho e capitão Andréa Ferreira.

«Juventude», 1.º premio, sr.^a D. Beatriz Ducla Soares; 2.º, Fernando Nunes do Carmo.

A distribuição dos premios, na qual o Chefe do Estado se fez representar, e a que assistiram os ministros da Guerra e Marinha, revestiu o costumado luzimento e esplendor.

Alem dos membros do juri, compareceram ao acto as autoridades superiores do exército e da armada e deputações das unidades da guarnição, da guarda republicana, guarda fiscal e estabelecimentos e repartições dependentes do ministerio da guerra.

*

* *

A fiscalização durante o concurso foi superiormente dirigida e orientada pelo director da carreira, tenente coronel Ducla Soares e pelo sub-director, major Pereira Coelho, dois profissionaes, estudiosos e competentes, conhecendo perfeitamente tudo o que se prende com a tecnica e prática do tiro, a cujo estudo de ha muito se vêm dedicando com amôr e solicitude.

Em tão melindrosa tarefa, foram êles inteligentemente auxiliados pelos membros do juri e pelo restante pessoal da carreira de Pedrouços.

Os serviços de inscrição, conferencia de minutas e direcção das linhas de tiro, foram regulados com habilidade pelos capitães Casa Nova, Barros, Carmo, Joel Vieira e Lourenço Pereira. Houveram-se com tal acêrto e metodo, que não se produziram reclamações, o que aliás é frequentissimo em certames da natureza daquele de que nos vimos occupando.

E' este um facto digno de registo pelo seu alto significado, por isso que põe tambem em relêvo a maneira superior como o juri do Concurso organizou, dispoz e dirigiu todas as provas que constituiram tão patriotico torneio. O entusiasmo que o mesmo despertou no elemento civil e militar, entusiasmo que, de ano para ano, alcança mais vivo e palpitante incremento, constitue a prova provada de quanto os assuntos que se prendem com a integridade da Patria bem amada, com a preparação para a guerra, faz vibrar a alma da Nação, tão ciosa da sua autonomia, pela qual tudo tem sempre sacrificado, com inigualavel ardor e honra.

A imprensa de Lisboa, por meio dos seus orgãos mais categorizados, de mais circulação e de maior credito, que tinha a representa-la no juri alguns dos jornalistas mais considerados da nossa Terra, despertando com uma persistente e alevantada propaganda, o entusiasmo, o gosto, pela prática do tiro, por ser um dos meios mais conducentes a facilitar o aprestamento para a luta a que, por ventura, possâmos ser arrastados, em defesa de sagrados interesses, muito contribuiu para o brilhantismo do XX Concurso Nacional de Tiro.

Bem merece os rendidos agradecimentos dos dirigentes do concurso e dos poderes publicos.

Aos chefes do exército e da armada que, na elevada comprehensão dos seus altos devêres, se não têm furtado a fornecer os meios materiaes, compatíveis com a nossa precaria situação financeira, e o mais subido e indispensavel auxilio moral, para fomentar, fazer progredir e aperfeiçoar os nossos meios de defesa, muito agradavel deve ter sido o progressivo resultado obtido, como demonstração de que Portugal, o seu heroico exército e patriotico e esforçado povo, num nobre anseio de glorificar a Patria, procura manter intactas as nossas velhas tradições de valentia, abnegação e sacrificio. Tão famosas são elas, fulguram tão intensivamente nos anais da

humanidade, que nem mesmo o egoísmo e desdem das grandes potencias e famosas nacionalidades, orgulhosas do seu poderio, conseguirão ofuscar.

E' essa a nossa maior gloria, que com desvanecimento devemos recordar sempre.

Poderão elas, impulsionadas só pela vil cubiça e ávido interesse, não respeitando os mais sagrados direitos, querer espoliar-nos, como condôres famintos, desse magnifico patrimonio colonial que os antepassados nos legaram e que é ambicionado por tantos, no desenvolvimento e progresso do qual — podemos dizer-lo bem alto — temos posto o melhor do nosso esforço; o que elas não podem, porque ninguem ousa empanar o sol da história, é apagar as paginas gloriosas e refulgentes dos nossos feitos nos seculos xv e xvi; é fazer obliterar os altos sacrificios feitos e os importantes serviços á humanidade e ao progresso prestados pelos portuguezês, como colonizadôres, na Africa, na Asia e no Novo Mundo. Em toda a parte se levantam, a atestar a grandiosidade da imorre-doura obra lusitana, indestrutíveis padrões, cimentados com o sangue dos soldados e navegadores portuguezês.

Não poderão tambem, embora lhes pese, aniquilar a nossa autonomia. Saberemos defende-la com o valor, heroismo e energia de sempre, enquanto pulsar um coração no peito dos filhos de Portugal.

Não esqueçamos, porém, que, para isso, necessitamos, sobretudo, não quedar envaidecidos pelos louros colhidos em passadas vitórias, e estarmos sempre aprestados e apercebidos para lutar e vencer.

Não podem os pequenos Estados contar com a generosidade e altruismo das grandes Nações que, fingidamente, se arvoram em paladinos da liberdade dos povos. Quanta ironia ha em tal afirmação!...

Se por mal nosso é bem verdadeiro o aforismo: *que a vida é a luta e a sociedade a guerra*, devemos todos, sem desfalecimento, e com a maior energia, procurar fazer de cada cidadão um soldado capaz de, na hora do perigo, defender a Pátria.

Lisbôa, Janeiro de 1921.

FERREIRA GIL.

General

A campanha dos Dardanelos ⁽¹⁾

TERCEIRA PARTE

ATAQUE COMBINADO

I. O DESEMBARQUE

1. *Origem do ataque combinado* (2) — A primeira ideia de enviar uma expedição militar aos Dardanelos, resultou do reconhecimento da necessidade de apoiar o ataque naval por uma força capaz de assegurar a liberdade de passagem depois da destruição das fortificações pelos navios, e ainda da vantagem de possuir no Mediterraneo Oriental uma força disponível para uma acção conjugada com os Estados Balcânicos, dependente da attitude destes.

Era, de resto, o parecer do Estado Maior Naval, que não considerava que a marinha, por si só, pudesse levar a cabo a operação, pois que para efectuar uma penetração por sobre campos minados, que não era possível rocegar, em aguas dominadas a curta distancia pela artilharia, seria necessario incorrer em pesadas perdas, e sem mesmo assim conseguir tornar segura a passagem dos Estreitos para o transporte de tropas para o mar de Marmara.

Tornava-se, pois, necessario limpar a Peninsula de artilharia inimiga, e, para isso, ocupa-la por forças de desembarque.

Um memorandum do E. M. General, de 1906, considerava como uma operação de enorme dificuldade o desembarque na Peninsula, inclinando-se a opinião militar para o parecer de que «nenhum desembarque poderia actualmente ser efectuado, em presença de um inimigo, a não ser que a força naval, operando de cooperação, estivesse em condições de garantir com a sua artilharia que as tropas, os cavalos e os veículos alcançassem a praia sem serem molestados e que, depois de desembarcados, encontrassem uma area suficientemente extensa, livre do fogo inimigo, que lhes permitisse

(1) Vide *Rev. Mil.* n.º 4, Abril de 1920.

(2) The final report of the Dardanelles Commission.

desenvolverem-se para entrar em acção em terreno apropriado».

No parecer do E. M. General, havia dúvidas sobre se a cooperação da esquadra poderia dar esta *garantia absoluta*, dúvidas que as operações subseqüentes por completo justificaram. Por isso, o E. M. General não recomendava a tentativa, em vista dos riscos que a acompanhavam.

Diferente era a opinião naval. O *Director of Naval Intelligence*, afirmava que aquele memorandum apoucava o valor da cobertura fornecida pelo fogo da esquadra, baseando-se nos ensinamentos da guerra russo-japonesa, pois que, se o ataque japonês de Kinchow teve êxito, quando apoiado apenas por canhoneiras, com mais razão o teria agora, quando se dispunha de poderosas unidades e as condições hidrográficas eram tais que «qualquer número de navios, das maiores dimensões e da maior força poderiam ser empregados em apoio das forças terrestres».

Neste mesmo sentido se inclinava o War Council, baseando-se em que:

a) um grande progresso se tinha realizado na artilharia naval, desde 1906;

b) a queda de Liège e Namur mostravam a destruição fácil de obras permanentes, por peças modernas de grosso calibre;

c) com o emprêgo dos aereos, o valor do bombardeamento naval tinha aumentado enormemente.

Em 13 de Março, o general Sir Ian Hamilton parte para o Levante com o seu E. M. General, e chega a Mudros a 17, na vespera do grande ataque naval. Partia sem um plano de campanha porque, apesar de desde Fevereiro se considerar no War Council a possibilidade de um desembarque, Lord Kitchener, quando interrogado sobre o assunto, respondeu que não havia informações suficientes para a preparação de um esquema pormenorizado de desembarque, o qual seria elaborado no local por Sir Ian Hamilton, de concerto com o comandante em chefe naval.

2. *Exame da situação no local.*— Todos os pontos de possível desembarque estavam cobertos por linhas de trincheiras e eficazmente batidos por peças e obuses de campanha, em posições bem ocultas. Muitas tropas se tinham esta-

belecido na Península, sob um comando superior alemão, habilmente dispostas e fortemente entrincheiradas, de forma a terem pouco que recear do tiro tenso dos navios.

No dia 18, o general executou pessoalmente um reconhecimento ao longo da costa, e, do ataque a que assistiu, convenceu-se da fraca probabilidade que tinham os navios de forçarem os Dardanelos, opinião em que depois concorreu o almirante De Robeck, telegrafando a 23 que «seria necessario tomar e ocupar a Península de Gallipoli por forças terrestres». Ocupada a Península pelo Exercito, poderiam ser dominadas as bôcas de fogo estabelecidas na costa asiatica, de forma a assegurar a passagem.

Antes de alcançar o Estreito, as forças desembarcadas teriam de ocupar o monte de Saribair, o planalto de Kilid Bahr e o monte Achi Baba. As encostas escarpadas dos montes impedem o desembarque, a não ser em um pequeno número de ravinas, e estas tão estreitas, que não permitem quaisquer movimentos de forças importantes, encontrando-se além disso, fortemente defendidos estes pontos de possível desembarque. Os montes não correm de maneira regular e bem definida, antes existe entre eles uma confusão de vales; o terreno é praticamente desprovido de caminhos e coberto de mato espinhoso.

3. *Os preparativos para o desembarque.*— O reconhecimento provou ao general Hamilton, que só um desembarque que permitisse pôr em terra a totalidade das forças muito rapidamente teria probabilidades de êxito. «As praias estavam tão bem defendidas por obras e artilharia, ou então eram tão acanhadas por natureza, que parecia impossível, mesmo por dois ou três desembarques simultaneos, fazer transportar para terra as forças com a rapidez necessaria, para lhes permitir manterem-se contra a rapida concentração e o contra-ataque que o inimigo era de esperar tentasse em tal caso. Tornava-se necessario, portanto, não só desembarcar simultaneamente no maior número de pontos possível, como também ameaçar desembarcar noutros. A primeira destas necessidades trazia consigo uma outra contingencia desagradavel, mas inevitavel— a separação das forças por intervalos consideraveis.

Lemnos, que servira de base para o ataque naval, devia

servir também para a expedição combinada. Em começos de Março, chegou uma brigada australiana e a 9.^a divisão de marinha inglesa, e a divisão francesa, reconhecendo-se então que Lemnos não podia servir de base a uma grande força.

Ao mesmo tempo, reconheceu-se que a disposição dos carregamentos dos transportes era impropria, sendo necessario descarrega-los e carrega-los de novo, segundo a ordem mais conveniente ao desembarque, o que se não podia fazer em Mudros.

A 18 de Março, Lord Kitchener sanciona a escolha de Alexandria para base principal, e para lá seguem os transportes, excepto os da brigada australiana. Lemnos fica como base secundaria. Enviados os transportes a Alexandria, tiveram ainda aí de esperar a chegada dos navios mais lentos, que tinham a seu bordo cousas que eram essenciaes.

Os inconvenientes da falta de um plano prévio manifestam-se também no estivamento dos transportes que, à falta de instruções especiais se faz segundo as normas gerais, resultando que se embarcaram meios de transporte em excesso, como por exemplo, um numero de cavalos muito maior que o necessario e todo o transporte mecânico regulamentar e que era dispensavel.

Pouco se perdeu com a demora do re-estivamento em Alexandria, não só porque não havia ainda elaborado um plano de operações, como porque Março não era epoca propria para desembarque; em fins de Abril já se podia contar com alguns dias seguidos de calma.

Em 24 de Março, o general Hamilton parte para Alexandria com o seu E. M. General; o general francês d'Amade procede semelhantemente. Só em 1 de Abril chegou a Alexandria o E. M. Administrativo, partido de Inglaterra depois do comandante em chefe, inconveniente grande, dada a natureza do serviço que se estava realizando. Em 7 de Abril o general Hamilton sai de Alexandria, e deixa aí o seu E. M. Administrativo.

Começam logo comissões mixtas de officiaes do exercito e da marinha a trabalhar nos planos pormenorizados para as operações de desembarque; a 22 de Abril estava a expedição pronta a desembarcar.

4. *O plano de desembarque de 25 de Abril.* — Examina-

dos varios planos, o comandante em chefe decidiu fazer dois desembarques principais: um no extremo sul da Peninsula, subdividido em varios ataques parciais; outro no norte, em Kaba Tepe (no Anzac Cove). Quanto aos objectivos imediatos, em Anzac, a força a desembarcar primeiro — força de cobertura — depois de vencer qualquer resistencia que o inimigo oferecesse na praia, devia ocupar as alturas de Sari Bahr (que dali se estendem na direcção ENE) e cobrir assim o extremo esquerdo do corpo principal, que devia desembarcar pouco depois. Este corpo principal avançaria quatro milhas para Leste do ponto de desembarque e assaltaria Mal Tepe, um monte que dominava o Estreito.

Em Helles, no extremo sul da Peninsula, as forças de desembarque dividiam-se tambem em cobertura e corpo principal; depois de vencida a resistencia ao desembarque, deviam ocupar Krithia e Achi Baba.

Realizados estes objectivos parciais, a intenção era efectuar um ataque convergente, partindo destes pontos, sobre a posição turca de Kilid Bahr.

Como a resistencia turca junto das praias de desembarque foi muito mais forte do que se esperava, tanto em Anzac, como em Helles, o avanço planeado para o interior, sobre Sari Bahr e Mal Tepe, de um lado, e Krithia e Achi Baba, do outro, não chegou a realizar-se.

Alem dos desembarques ingleses, foi feito um desembarque francês em Kum Kale, na costa asiatica (lado sul da entrada dos Dardanelos), mas apenas com o caracter temporario, sendo as tropas aqui empregadas transferidas depois para uma posição na direita das forças inglesas de Helles.

Ainda dos desembarques de Helles, os das praias V, W e X deviam ser os principais, e os das praias S e Y, destinados especialmente a «proteger os flancos, disseminar as forças inimigas e interceptar a chegada de reforços».

Foi feito tambem um desembarque simulado nas proximidades de Enos, com o fim de impedir o envio de tropas turcas do norte da Peninsula, para resistirem aos desembarques.

5. *O desembarque* (1). — O desembarque efectuou-se, se-

(1) Relatorios do General Hamilton e do almirante de Robeck.

gundo o plano, na madrugada de 25 de Abril. A noute foi calma e de luar, pondo-se a lua às 3 horas; às 4.20 começavam os desembarques.

a) *Desembarques no Sul.*

A força de cobertura saiu da baía de Mudros na tarde de 23 de Abril, em direcção às cinco praias S, V, W, X e Y. Os desembarques em S e Y deviam realizar-se ao alvorecer, enquanto que as primeiras tropas destinadas a V, W e X deviam chegar à praia simultaneamente às 5.30, depois de meia hora de bombardeamento pelos navios.

O desembarque era feito sob as ordens do contra-almirante Wemyss, comandando uma esquadra composta de 7 couraçados, 4 cruzadores, 3 draga-minas e 14 trawlers.

Os transportes, que conduziam a força de cobertura chegaram a Tenedos na manhã de 24, e durante a tarde as tropas foram transferidas para os navios de guerra e draga-minas, nos quais deviam aproximar-se da costa.

Cêrca da meia noute, estes navios, cada um rebocando um certo numero de embarcações, suspenderam e, escoltados pela esquadra, seguiram vagarosamente em direcção ao rendez-vous final, no cabo Helles, onde chegaram pouco antes do amanhecer, com tempo calmo.

A esquadra tomou as posições que lhe tinham sido designadas, e às 5 horas, havendo já a luz suficiente, começou um bombardeamento violento contra as defesas inimigas. Entretanto, as tropas eram passadas rapidamente para as embarcações que deviam ser rebocadas para a costa.

A não ser alguns tiros da costa asiatica, o inimigo não respondeu ao fogo dos navios.

Desembarque em Y.— Em Y deviam desembarcar um batalhão escocês e outro da divisão de marinha. A's 4 horas as embarcações remaram para a praia que deviam atingir às 5, a coberto do fogo do «Goliath». A praia aqui é uma estreita faixa de areia, no sopé de um monte escarpado, de 60 metros. O batalhão escocês desembarcou em duas levas, seguido imediatamente pelo de marinha. Ambos conseguiram estabelecer-se sem opposição nas alturas que dominavam a praia, resultado que se deveu à rapidez do desembarque e ao fogo eficaz de cobertura dos navios.

As tropas procuraram pôr-se em contacto com as desem-

barcadas em X, mas, interpondo-se o inimigo, depois de repetidos ataques sôbre as cristas, onde o fogo dos navios pouco auxilio lhes podia prestar, foram mandadas reembarcar. O desembarque foi coberto pelo fogo dos navios, que impedia o inimigo de se aproximar dos bordos das cristas, e assegurado por uma pequena guarda de retaguarda. Apesar de tudo, este desembarque concorreu para o êxito do ataque principal, atraindo sôbre si fortes colunas inimigas.

Desembarque em X.— O desembarcadouro era uma praia de 200 metros de extensão e 8 de largura, no sopé de uma colina baixa. O batalhão de fuzileiros que devia desembarcar aqui, seguiu no «Implacable», e às 4.30 começou a sair do navio para as embarcações. O navio aproximou-se da praia e começou a bater as alturas que dominavam os dois extremos da praia, com toda a sua artilharia; com êste apoio, a operação realizou-se quasi sem perdas. O desembarque fez-se em duas levadas de meio batalhão. As tropas avançaram contra os entrincheiramentos turcos entre as praias V e W, mas foram fortemente contra-atacadas e cederam terreno. Em breve dois outros batalhões se lhes seguiram e à noute tinham-se entrincheirado, depois de estabelecerem contacto com as de W.

Desembarque em W.— O desembarcadouro é uma praia de peirao de 300 metros de extensão e 15 a 40 de largura, ao fundo de uma ravina. A sua conformação prestava-se admiravelmente à defesa, por ser dominada por alturas em declive, que oferecem posições ideais para as trincheiras e dão um perfeito campo de tiro; os unicos pontos fracos eram os flancos, onde se tornava possível desembarcar sobre rochas, enfiando as defesas, como se efectivou, concorrendo muito para o êxito da operação.

A toda a extensão da praia havia um labirinto de arame, completado por uma rêde de arame farpado, dentro de agua, nos pontos mais baixos. Tinham tambem sido colocadas minas terrestres e maritimas. O terreno elevado, que dominava a praia, estava fortemente defendido com trincheiras e metralhadoras, que efectuavam um fogo convergente sobre as defesas de arame da praia. A crista do monte que dominava a praia era, por sua vez, dominada por maiores elevações, e especialmente por dois redutos de infantaria, no

Monte 138, protegidos por labirintos de arame, e outro labirinto vinha desde os redutos até à orla da altura, junto ao farol, tornando assim impossível a comunicação entre as praias V e W.

O primeiro batalhão embarcou a 24 no «Euryalus» e seguiu para o local, trasbordando as tropas para as embarcações às 4 horas. Pouco antes das 5 aproximou-se da praia e às 5 abria fogo violento sobre ela.

O batalhão inteiro aproximou-se da praia em 32 embarcações, rebocadas por 8 vedetas (quatro cada uma) em linha de frente; chegando a pouco fundo, largaram os reboques, e as embarcações avançaram para terra a remos, indo tres companhias para a praia e uma para os rochedos.

Infelizmente o fogo dos navios não teve o efeito que se esperava, pelo que, logo que a primeira embarcação tocou em terra, as tropas foram recebidas por um fogo muito violento de fusilaria, metralhadores e pom-poms, e encontraram as defesas de arame intactas. Uma longa linha de homens foi logo abatida. Os que se lhes seguiam, cobertos pelo fogo dos navios, que agora se tinham aproximado mais da praia, e auxiliados pelo fogo da companhia da extrema esquerda (rochedos), romperam através do arame e foram concentrar-se no pé das alturas, a um e outro lado da praia, donde, reformando-se, se lançaram ao ataque dos entrincheiramentos inimigos. A's 10 horas tinham tomado tres linhas de trincheiras, firmando-se no ponto de desembarque.

A's 9.30 começou a desembarcar mais infantaria, e duas horas mais tarde efectuava-se a junção com as tropas desembarcadas em X, e a que já foi feita referencia.

O êxito dêste desembarque era da maior importancia, pois que as praias W e V eram as unicas de uma certa extensão, nesta area, onde se podiam desembarcar outras tropas, alem da infantaria.

Desembarque em V.—O plano consistia no seguinte: Bombardeadas as defesas pela esquadra, tres companhias procurariam desembarcar, seguidas de perto pelo vapor River Clyde, especialmente preparado para conduzir as forças restantes. Tinham-lhe sido praticados largos resbordos no costado, construidas largas pranchas pelas quais as tropas podiam facilmente chegar aos batelões, que deviam formar

uma ponte entre o navio encalhado e a terra, e que eram rebocados pelo navio.

Logo que as primeiras embarcações chegassem a terra, o River Clyde devia encalhar de proa à costa, sendo os batelões então colocados em posição, de modo a formarem uma ponte de passagem entre o navio e a praia, esperando-se poder lançar em terra por este meio dois mil homens, com a maxima rapidez.

O resto da força de cobértura, destinada a esta praia, sairia então dos navios, em levás, a reboque.

A praia V possuia todas as defesas da praia W, e alem disso os flancos eram fortemente guardados a Leste pelo velho forte e aldeia de Seddul-Bahr, e a Oeste por elevações talhadas a pique. Toda a ante-praia estava coberta de defesas de arame, que se prolongavam até dentro de agua. A posição forma um anfiteatro muito regular, tendo a praia uns trescentos metros de extensão, e na sua retaguarda uma barreira formada pela propria areia, de pouco mais de um metro de altura, e que, pequeno, como era o abrigo que podia dar, representou ainda assim um papel importante na operação.

Na extremidade sueste está o forte arruinado, mas que dava abrigo à infantaria inimiga, a qual podia daí comandar a praia aberta.

A praia foi sujeita a um forte bombardeamento, mas quando a primeira leva de embarcações tentou desembarcar, foi recebida por um fogo mortifero, que só se iniciou quando as embarcações largaram os reboques. Como aqui era impraticavel um desembarque nos flancos, a quasi totalidade da leva foi morta ou ferida; ainda dentro das embarcações sofreram grandes perdas, e os que conseguiram pôr pé em terra procuraram alcançar o pequeno escarpado de areia, mas êsses foram em pequeno numero. Nenhuma embarcação pôde regressar a bordo, pois que, tanto elas, como as suas guarnições foram destruidas na praia.

Logo que as embarcações chegaram à praia, o River Clyde foi encalhado na extremidade Leste, sob um fogo violento; ali podia formar um vantajoso quebra-mar durante o futuro desembarque de material.

A utilização dos batelões do River Clyde apresentou grandes dificuldades, devido à forte corrente. Primeiro, des-

embarcou uma companhia de fuzileiros, de que poucos chegaram à praia; uma segunda companhia foi morta pelo inimigo, ou afogada, por terem os batelões cedido à corrente; ainda uma terceira companhia desembarcou depois, com fortes perdas, resolvendo-se então suspender a operação, quando tinham já saído de bordo cêrca de mil homens, dos quais, perto de metade foram mortos ou feridos antes de terem chegado ao fraco abrigo que a praia fornecia.

Resolvido não prosseguir ali o desembarque, o corpo principal foi mandado para a praia W. Durante o dia, os navios de guerra, com a artilharia, e o River Clyde com as metralhadoras, neutralizaram quanto possível o fogo inimigo dirigido contra os homens abrigados na praia, impedindo qualquer tentativa de contra-ataque.

Durante a noite de 25 para 26, as restantes tropas do River Clyde puderam desembarcar a coberto da escuridão e alcançar algum abrigo. Ao amanhecer de 26, começou a organizar-se um ataque ao Monte 141, que dominava a praia. Iniciou-se por um forte bombardeamento dos navios contra o forte da praia, a aldeia, um velho castelo ao norte dela e o terreno que conduzia à praia. Com fortes perdas, às 2 horas da tarde, o monte e o velho castelo eram assaltados e ocupados, podendo agora utilizar-se a praia para o desembarque dos exercitós aliados.

Desembarque em S.—O destacamento destinado a este ponto desembarcou com fraca opposição em embarcações comboiadas e cobertas por dois couraçados. O inimigo só contra-atacou depois de as tropas estarem firmemente estabelecidas, pelo que, com o auxilio dos navios, se mantiveram até que o avanço geral de 27 as pôs em ligação com o corpo principal.

Durante a noite de 25 para 26, o inimigo atacou continuamente, e foi só, quando na tarde de 26, se conseguiu ocupar a praia V, que a posição inglesa se pôde considerar consolidada. Durante êste periodo, continuou nas praias W e X o desembarque de tropas, artilharia e abastecimentos.

b) *Desembarque em Anzac.*—Para este desembarque tinha sido escolhida uma parte da costa tão difficil e acidentada, que se esperava que os turcos a não teriam defendido por não esperarem ali um desembarque. A praia é uma faixa

muito estreita de areia, de 900 m. de extensão, limitada nos extremos por promontórios.

O comando naval dispunha para o desembarque dos seguintes navios: 5 couraçados, 1 cruzador, 8 destroyers, 1 porta-aeroplanos, 1 porta-balões e 15 trawlers. Os couraçados *Queen*, *London* e *Prince of Wales* deviam servir ao desembarque, enquanto o *Triumph*, o *Majestic* e o cruzador *Bacchante* cobririam os desembarques com o seu fogo de artilharia.

Desembarque da cobertura. — Neste desembarque tentou-se empregar a surpresa. O corpo de australianos e neozelandeses chegava ao rendez-vous pouco depois da 1 1/2 da madrugada de 25. Da força de cobertura, 1:500 homens tinham sido embarcados nos tres couraçados referidos, e foram transferidos para as embarcações. Simultaneamente, os 2:500 restantes da cobertura foram transferidos dos seus transportes para 6 destroyers.

A's tres horas, a esquadra aproximou-se da terra a pequena velocidade, e, quando a curta distancia da praia, ás 3. 30, fizeram-se avançar as embarcações a reboque, e ás 4. 10 ordenou-se aos destroyers tambem para seguirem.

As embarcações, em silencio, chegaram até junto da praia, ás 4. 20, sem que o inimigo desse sinal de si, e só neste momento se vendo um batalhão de turcos correndo, estender-se ao longo da praia, para interceptar as linhas de embarcações. Logo que as embarcações encalharam, os australianos saltaram rapidamente em terra, lançando-se à arma branca sobre o inimigo que fugiu de elevação em elevação.

Os destroyers fizeram o desembarque da restante força de cobertura com grande pericia e rapidez. Toda a operação do desembarque da cobertura levou apenas meia hora.

Desembarque do corpo principal. — Logo depois da força de cobertura, começou o desembarque do corpo principal, a primeira e a segunda brigadas australianas, e ás duas horas da tarde tinham desembarcado ao todo 12:060 homens e duas batarias de artilharia de montanha.

As operações foram um tanto demoradas, devido a terem os transportes de ficar a uma distancia consideravel da praia, de forma a evitarem o fogo dos obuses e das peças de cam-

panha, assestadas contra eles, assim como o fogo dos navios de guerra estacionados dentro dos Estreitos, em Chanak.

Outra causa da demora vem apontada no relatório do inquerito. O desembarque veio a efectuar-se num local um pouco ao norte daquele em que se tinha projectado, e, na confusão do desembarque, cruzaram-se alguns cabos dos reboques, do que resultou misturarem-se os batalhões, o que demorou o avanço, pela necessidade de reorganiza-los.

Por outro lado, a natureza do terreno, acidentado e coberto de mato, e a dispersão muito para o interior de pequenos grupos desembarcados, tudo concorreu para a confusão e mistura das unidades.

Finalmente, uma multidão confusa de combatentes veio a solidificar-se em uma posição semi-circular, com a direita uma milha ao norte de Kaba Tepe e a esquerda em uma elevação.

Entretanto, o desembarque da divisão australiana era seguido pelo da divisão neo-zelandesa e australiana (de duas brigadas apenas). O inimigo tendo conseguido pela tarde reunir 20:000 homens, contra-atacou varias vezes, sendo sempre repellido com o auxilio do fogo dos navios, prolongando-se pela noite os contra-ataques.

Durante todo o dia 26, continuou o desembarque de tropas, artilharia e abastecimentos, sob um fogo continuo de shrapnel. Neste dia, e ainda no seguinte, tornou-se impossivel reorganizar as unidades e formações, devido aos persistentes ataques; avançar antes da reorganização era igualmente impossivel, restando apenas entrincheirar a posição. Nos dias 28 e 29, desembarcaram 4 batalhões da divisão de marinha, para reforçarem o corpo de exercito.

c) *Desembarque em Kum Kale* (francês). — Simultaneamente com os desembarques referidos, de tropas inglesas, um regimento do corpo francês desembarcou com felicidade em Kum Kale, na costa asiatica, sob a protecção da esquadra francesa, com o fim de impedir o inimigo de ocupar posições naquelas proximidades, e bater a artilharia inimiga estabelecida logo para Leste daquela posição, a qual podia bater as posições a ocupar pelos desembarques ingleses.

Depois de um bombardeamento preliminar, começou o desembarque às 10 da manhã, terminando depois do meio

dia. No dia 26, verificando-se que não era possível avançar sem grandes perdas, foi dada a ordem para o reembarque, que se efectuou de manhã, sem perdas apreciáveis. O general Hamilton reconheceu que esta diversão, atraindo sobre si o fogo da artilharia da costa asiática, facilitou os desembarques ingleses.

d) *Desembarque do corpo principal francês* — Na tarde do dia 26, começou o desembarque do corpo principal das forças francesas, na praia V, as quais vieram a ocupar a direita da posição aliada, com o flanco no mar.

e) *Cooperação entre o exercito e a marinha*. — Desde o começo existiu a mais leal cooperação entre o exercito e a marinha. O almirante De Robeck diz: «as dificuldades que surgiam eram rapidamente solucionadas, e nada podia ter excedido o tacto e a previsão de Sir Ian Hamilton e do seu Estado Maior!»

Por seu lado, no relatório do comandante em chefe das forças expedicionárias lê-se: «Todo o trabalho altamente complexo que exigiam estes desembarques foi levado a cabo pelo meu Estado Maior General, trabalhando em colaboração com o comodoro Roger Keys e os oficiais do Naval Transport, para este fim nomeados pelo almirante de Robeck. Marinha e exercito desempenharam estas funções combinadas com aquela perfeita harmonia que era, na realidade, absolutamente essencial ao êxito... A marinha foi o pai e a mãe do exercito. Nenhum de nós deixa de reconhecer quanto deve ao vice-almirante de Robeck, aos navios de guerra franceses e ingleses, aos destroyers e draga-minas, vedetas, e todas as suas destemidas guarnições, que, sem se preocuparem consigo, tudo arriscavam para darem aos seus camaradas do exercito todas as facilidades para irem ao inimigo!»

6. *Primeiras operações em terra*. — Tanto em Anzac, como no Sul da Península, as tropas ao fim do dia ocupavam posições na praia ou muito perto dela. No Sul, tinha-se geralmente estabelecido contacto entre as diferentes fracções, através do extremo da Península, mas nenhum dos objectivos imediatos tinha sido atingido.

A natureza do terreno foi um formidável obstáculo, assim como a sua configuração, que em certos casos não permitiu um fogo eficaz dos navios. Mas a principal dificuldade resu-

tou de que os turcos estavam prevenidos da probabilidade do ataque, pelo bombardeamento e ataque naval, seguido da concentração da expedição, e, conseqüentemente, fizeram todos os preparativos possíveis para resistirem ao desembarque, e concentraram uma força considerável e bem comandada (em parte por oficiais alemães) que combatia extremamente bem, tanto na defesa, como no ataque.

Nos dias seguintes as posições melhoraram, mas poucos progressos se fizeram. No dia 27 foi dada a ordem do avanço geral no Sul da Península, o qual foi completado sem opposição; o movimento aliviou o crescente congestionamento que se sentia nas trincheiras.

Novo avanço foi ordenado para o dia 28, começando às 8 (a. m.), mas fizeram-se poucos progressos, devido aos contra-ataques inimigos, os quais as forças expedicionárias, auxiliadas pelo fogo da grossa artilharia do «Queen Elizabeth», conseguiram, contudo, deter.

Com excepção de um batalhão, todas as forças tinham, pela tarde, sido absorvidas pela linha de fogo. Os homens estavam exaustos, e as poucas peças que até então tinham sido desembarcadas, não podiam dar-lhes um apoio de artilharia adequado. Os meios de transporte então disponiveis não bastavam para manter o abastecimento de munições, que começavam a faltar. Se tivesse sido possível fazer chegar à frente reforços de homens, artilharia e munições, Krithia devia ter caído neste dia, evitando-se muitos dos esforços subseqüentes para a sua captura. Ao mesmo tempo iam crescendo os reforços do inimigo.

Houve forçadamente de abandonar, pelo menos de momento, a idea de pôr pé em Achi Baba, e às 6 da tarde foi dada ordem para as tropas se entrincheirarem. Tinha-se feito um avanço apreciavel, e a linha ocupada ia de um ponto na costa, 3 milhas ao noroeste do cabo Tekke até um ponto uma milha ao norte de Eski Hissarlik, donde continuava na direcção sueste a parte ocupada pelo corpo francês, até à costa, dentro do Estreito.

Em 29 e em 30 consolidaram-se e rectificaram-se as posições. Mais dois batalhões da divisão de marinha foram desembarcados, os quais, com uma brigada indiana, desembarcada em 9 de Maio, formaram a reserva. Na tarde dêste dia

ficou desembarcada toda a infantaria e artilharia (menos duas baterias) do Corpo Expedicionario do Oriente.

Continuaram os contra-ataques inimigos, que foram repellidos, mas sem que fôsse possível avançar.

No dia 5 de Maio, desembarcou uma brigada de fuzileiros, que ficou de reserva, e foram dadas ordens para um avanço no dia seguinte.

Observações que sugere esta fase das operações :

1. — A divergencia de opiniões dos Estados Maiores Militar e Naval, quanto à eficiencia do fogo dos navios, na protecção das operações de desembarque, foi prejudicial na fase da decisão superior sôbre as operações a empreender, o que nos sugere a conveniencia de uma preparação em comum e da consequente formação de uma doutrina única, no que se refere especialmente às operações combinadas.

2. — O intervalo de tempo que mediou entre o ataque naval e os desembarques, privou estes do importantissimo factor da surpresa, porque permitiu aos turcos consolidar e completar as suas defesas, e concentrar forças superiores, tirando assim aos aliados toda a possibilidade de capturar os fortes dos Dardanelos por meio de golpes de mão sôbre a sua retaguarda. O aviso dado pelo ataque naval e, mais tarde, a concentração da expedição à vista das ilhas, vieram a constituir o maior obstáculo para as operações do corpo expedicionario.

3. — As circunstancias em que a esquadra que coopera nas operações pode dar a *garantia absoluta* de que as tropas e o material alcancem a praia sem perdas apreciaveis e possam desenvolver-se num terreno apropriado para entrarem em acção, estavam longe de verificar-se na península de Galipoli. Foi um êrro da parte do E. M. Naval generalizar demasiadamente o que se tinha verificado no ataque de Kinchow (guerra russo-japonesa) em condições locais muito diversas.

4.º — Apesar disto, e de terem tido os defensores um aviso com bastante antecedencia e de possuirem tropas em abundancia para guardarem os pontos de possível desembarque, os aliados conseguiram desembarcar. E' certo que, apesar do limitado numero dos pontos onde era de esperar o desem-

barque, os turcos se despreocuparam de alguns deles, o que facilitou a operação dos atacantes; mas, ainda assim, apesar de tudo, a principal razão do sucesso foi o fogo de cobertura dos navios, os quais, em geral, puderam ir até muito perto das praias.

«Se os turcos tivessem empregado artilharia capaz de obrigar os navios a conservarem-se a distancia, o desembarque não poderia ter-se realizado, porque a experiência tem mostrado que, ainda mesmo a mais poderosa artilharia naval, a grande distancia, não pode pôr fóra de acção as bôcas de fogo terrestres, quando bem ocultas. Mesmo um ou outro tiro feliz tem pouco efeito sôbre parapetos de areia ou de terra.» (1)

Seria, pois, necessario que, alem da infantaria da defesa, existisse artilharia capaz de obrigar os navios a manterem-se a distancia de não poderem empregar eficazmente o seu armamento secundario, tendo, portanto, os transportes de ficar a distancias ainda muito maiores, com todas as desvantagens inerentes.

5.º — Dada a impossibilidade de possuir um tal armamento de artilharia em todos os pontos de possivel desembarque, a soluçao consiste em empregar artilharia movel, tendo tomado as necessarias medidas, na organizaçao da defesa costeira, de forma a faze-la transportar rapidamente ao ponto ameaçado.

6.º — Os navios, fazendo fogo com artilharia de tiro tenso, terão sempre uma acção reduzida contra entrincheiramentos e contra os postos de metralhadoras, geralmente faceis de ocultar e mesmo de desenfiar ao tiro de bordo. Estas circunstancias favoraveis para a defesa davam-se nos Dardanelos, podendo o defensor deixar aproximar as embarcações até junto da praia e aí, com um fogo nutrido de infantaria e metralhadoras, dizimar as tropas ao saltarem em terra, occasião em que são incapazes de se defenderem eficazmente, e embaraçadas nos labirintos de arame farpado, tambem ainda intactos.

(1) «Fortifications», prepared in War College Division (U. S. America, 1916).

7.^o — Nos pontos onde se pode fazer sentir eficazmente o fogo dos navios, as operações que se seguem ao desembarque decorrem bem; onde esse fogo não é eficaz, por circunstancias de configuração topografica ou natureza do terreno, e quando as tropas não possuem ainda a sua artilharia propria, a situação torna-se perigosa e, na melhor das hipoteses, o que teem a fazer é entrincheirar-se e esperar.

Como sucedeu na praia Y, chegado o destacamento a posições elevadas, onde a artilharia dos navios não pode bater as posições inimigas, invisiveis de bordo, por estarem colocadas à retaguarda do planalto, não sendo seguro fazer-lhe chegar reforços a tempo, o que ha a fazer é reembarcar sob a protecção do fogo dos navios.

8.^o — Com forças de defesa efficientes, em igualdade ou em superioridade de numero, relativamente às tropas desembarcadas, é possível impedir o avanço do atacante para além da protecção do fogo dos navios. Quando, porém, se não possua uma força sufficiente de defesa, e que o inimigo tenha conseguido penetrar nas primeiras linhas de defesa, o defensor precisa de possuir uma posição completamente preparada, fora da acção do fogo dos navios, e cobrindo o objectivo do inimigo, para a qual retirará. Se não possuir uma tal posição, de extensão conveniente, e preparada de antemão, torna-se impossivel prolongar a resistencia. (1)

9.^o — Foi um êrro e uma grande falta de previsão fazer partir de Inglaterra os comandantes e as tropas expedicionarias sem ter sido esboçado um plano de campanha. Inconvenientes importantes resultaram tambem do atraso com que partiu o E. M. Administrativo do comandante em chefe, o qual só chegou ao teatro das operações (Mudros) depois de completas as disposições para o desembarque.

10.^o — Da falta de um plano estabelecido com antecedencia, resultou serem os carregamentos dos transportes mal arrumados, e embarcar-se material de transporte desnecessario. Só o conhecimento do plano permite efectuar o estiva-

(1) «Fortifications», prepared in War College Division (U. S. America, 1916).

mento pela forma mais apropriada às necessidades de material, depois da operação de desembarque.

Sem o descarregamento e o novo carregamento em Alexandria, o desembarque estava condenado a um grande desastre. Importantes poderiam ter sido também os inconvenientes da demora resultante d'êste facto, se não fôra estar-se numa estação do ano que não era ainda a mais conveniente.

11.º — E' reconhecida pelo comandante em chefe a importancia do estado do tempo. Desembarques de grande envergadura não podem tentar-se sem perigo quando não existam razoaveis probabilidades de que o tempo se conserve bom, durante toda a operação.

12.º — Como um principio geral, os navios de guerra não devem transportar tropas, em primeiro lugar porque estas reduzem consideravelmente a sua capacidade de acção militar, e em segundo, porque os navios não possuem espaço livre bastante ou acomodações para elas.

Vimos, em todo o caso, nos desembarques em exame, que os navios de linha, como os destroyers, transportaram tropas para o local do desembarque, sem inconveniente, antes com vantagem para a facilidade e rapidez da operação. E' necessario, porém, salientar que :

- a) eram forças de cobertura do desembarque principal, sem impedimenta volumosa ;
- b) se tratava de uma travessia apenas de horas ;
- c) sobretudo, não havia a recear interferencia por parte do inimigo, que pudesse obrigar os navios a terem de combater e ao mesmo tempo garantir a segurança das tropas e da operação.

13.º — A preparação do plano de desembarque em todos os seus pormenores é uma condição essencial do êxito. Principalmente ao amanhecer, quando a luz é fraca, e mais ainda de noute, deve ser muito para considerar a contingencia, quer de não alcançar exactamente o ponto da praia designado no plano, quer de se estabelecer a confusão nos reboques das diferentes colunas de embarcações, (como foi o exemplo de Anzac). D'êste ultimo acidente pode resultar, pela troca da posição das embarcações, relativamente às estabelecidas no plano, a mistura das unidades, a qual depois difficilmente se pode remediar, com evidente prejuizo para as operações.

14.^o— A importancia da leal cooperação entre os comandos e entre as forças do exercito e da marinha, tantas vezes posta em relevo pelos desastres resultantes da sua falta, teve nestas operações uma confirmação pela afirmativa. Reconhecem-no os chefes dos dois serviços, cada um em termos elogiosos para o outro. Esta cooperação, que é essencial, tanto no transporte para terra de pessoal e material e na fase perigosa de pôr pé na praia, assim como na condução das primeiras operações, é igualmente importante que comece na preparação dos planos da operação de desembarque e das operações que se lhe seguem; é necessario que officiais dos dois serviços cooperem na sua elaboração, animados do melhor espirito de colaboração para o êxito de um empreendimento que é de ambos.

15.^o— Desembarcadas as tropas, o serviço da praia fica a cargo da marinha, tanto para a defesa e para a preparação do reembarque, quando necessario, como para assegurar o desembarque de reforços, material e abastecimentos de toda a ordem, evacuação de feridos e doentes, etc.

16.^o— No que às operações de terra diz respeito, a marinha cooperou com o armamento *grosso dos seus navios, contra-batendo o fogo da artilharia inimiga. Nova experiencia adquiriram os officiais e guarnições na acção contra a terra, tanto nos sucessivos bombardeamentos contra as fortificações permanentes dos Dardanelos, como contra os entrenchamentos e artilharia de campanha inimiga, durante as operações em terra, ganhando novos conhecimentos e muita experiencia na resolução dos complexos problemas tecnicos, que constantemente se lhes apresentavam.

17.^o— Particularmente interessante foi a utilização dos destroyers, nas suas multiplas formas de actividade. Na operação do desembarque foram empregados em transportar até perto de terra a segunda leva das tropas de cobertura; carregados de tropas em Mudros acompanhavam os navios de linha até aos locais do desembarque, em Helles como em Anzac. Aqui aproximavam-se mais e mais da praia, entrando na zona de fogo do shrapnel, das metralhadoras e da fuzilaria do inimigo, mas avançando sempre, e só se detendo quando a profundidade já não permitia avançar, para trasbordarem as tropas para as embarcações. Durante as primeiras

operações conservaram-se activos, quer desembarcando gente, quer cobrindo com o seu fogo as alas das fôrças desembarcadas, quer fazendo a guarda ao Estreito para impedir a saída das flotilhas do inimigo, que tentassem atacar os transportes ou os grandes navios de guerra.

ALFREDO BOTELHO DE SOUZA.

Esboço da geografia militar da Provincia de Moçambique

A Provincia de Moçambique, sendo a nossa Colonia mais cobiçada, é porem dotada de um particular dispositivo de fronteirás, que convem salientar, para robustecer a fraca nacionalização da Provincia, e assim levantar uma barreira às pretensões de vizinhos insaciaveis, que já absorvêram as Colonias boers e alemãs.

Sofreu a prospera Provincia, mais do que as outras nossas Colonias, o soffregio embate de ambições desenfreadas sendo-lhe alguns retalhos arrancados, com manifesta violencia às leis naturais da configuração das fronteiras. Desses retalhos regressou recentemente à nossa posse, o territorio de Kionga, mas penoso se torna observar, que uma profunda fenda nos ficou ainda aberta, pela infiltração dos pioneiros inglêses na Zambezia, onde a colonização portuguesa mais conseguira penetrar para o interior da Colonia.

Entretanto a Provincia de Moçambique conservou ainda notavel agregação, não obstante, alem da referida brêcha afectando a regularidade da geografia fisica da fronteira, tambem na parte da geografia politica se encontrar a sua administração partilhada pelo Estado e duas Companhias com direitos de soberania, concedidos por largos periodos de tempo.

Neste esboço de geografia militar empreendêmos conside-

rar o ponto de vista sintético, destinado a vulgarizar alguns principios e conservar metódica coerência, para que estes principios possam ser ampliados com estudos mais profundos, provenientes de reconhecimentos militares, que devem ser coordenados, em vez de ficarem esquecidos nos arquivos, ou pior ainda serem perdidos, como succede com frequencia.

As características da Provincia de Moçambique, são confirmadas por uma historica occupação de seculos, desde que, balizando o caminho maritimo para a India, a dominação portuguesa se estabelecia ao longo das costas da Africa Oriental, fortificando-se nas feitorias e penetrando à busca de ouro pelas margens do Rio Zambeze. Constituem pois, os portos do litoral e o Zambeze as características geograficas da Provincia.

Sob o aspecto militar vemos que, a antiga occupação portuguesa repelida pelos arabes concorrentes ao commercio, fixou por uma manifestação naval de força realizada no porto de Palma, em 1886, que a fronteira Norte se estabelecesse no Rio Rovuma.

No Sul da Provincia tambem a occupação foi firmada por gloriosas operações contra o poderoso Chefe indigena Gungunhana, enquanto que, as fronteiras occidentaes foram delimitadas pela linha onde se realizaram os choques da penetração portuguesa caminhando do litoral para o interior, contra a penetração dos colonos estrangeiros vindos da Africa do Sul. Foram portanto as fronteiras da Provincia de Moçambique acentuadamente marcadas por uma concorrência de acções militares, que mais fazem avigorar a importancia da sua geografia militar.

Se num conjunto de larga amplitude ficou provado pela recente campanha da Africa Oriental, que o seu teatro de guerra abrange a vasta região dos lagos centraes da Africa e compreende a nossa Provincia de Moçambique, bem como a Africa do Sul, contudo, as zonas de operações militares, que se devem considerar em tão grande teatro de guerra ficam naturalmente constituídas pelos grandes portos de mar, que podem ser utilizados para bases maritimas; e, grupando as zonas que formam a Provincia de Moçambique observâmos, que esta apresenta condições para ser considerada uma região independente, o que tem sido comprovado pelos factos,

porque rebeliões indígenas que teem rebentado na sua vizinhança, não se propagaram para o seu territorio, reconhecendo-lhe assim uma individualidade geografica militar independente.

Mais ainda, esta primeira afirmação de que a Provincia de Moçambique constitue uma região geografica particular é justificada pelas suas relações com o Rio Zambeze. Com effeito, na bacia hidrografica do Rio Zambeze vêmos ao Norte intimamente intercalada, a bacia hidrografica da margem direita do Rio Royuma, enquanto que para o Sul do Rio Zambeze observâmos as grandes planicies de aluvião serem delimitadas até à moderna cidade de Lourenço Marques pela cordilheira dos Montes Libombos; e podemos notar, que o Zambese ocupa uma linha de simetria, mesmo considerando as divisões administrativas, uma vez abstraindo do distrito de Gaza, que é uma organização artificial.

Graficamente, se tomarmos uma escala representando trescentos kilometros, e que será proximamente a frente do litoral de cada divisão administrativa, podemos construir um esboço grosseiro, mas menemonico, que defina a Provincia de Moçambique, cuja superficie é oito vezes e meia maior do que Portugal.

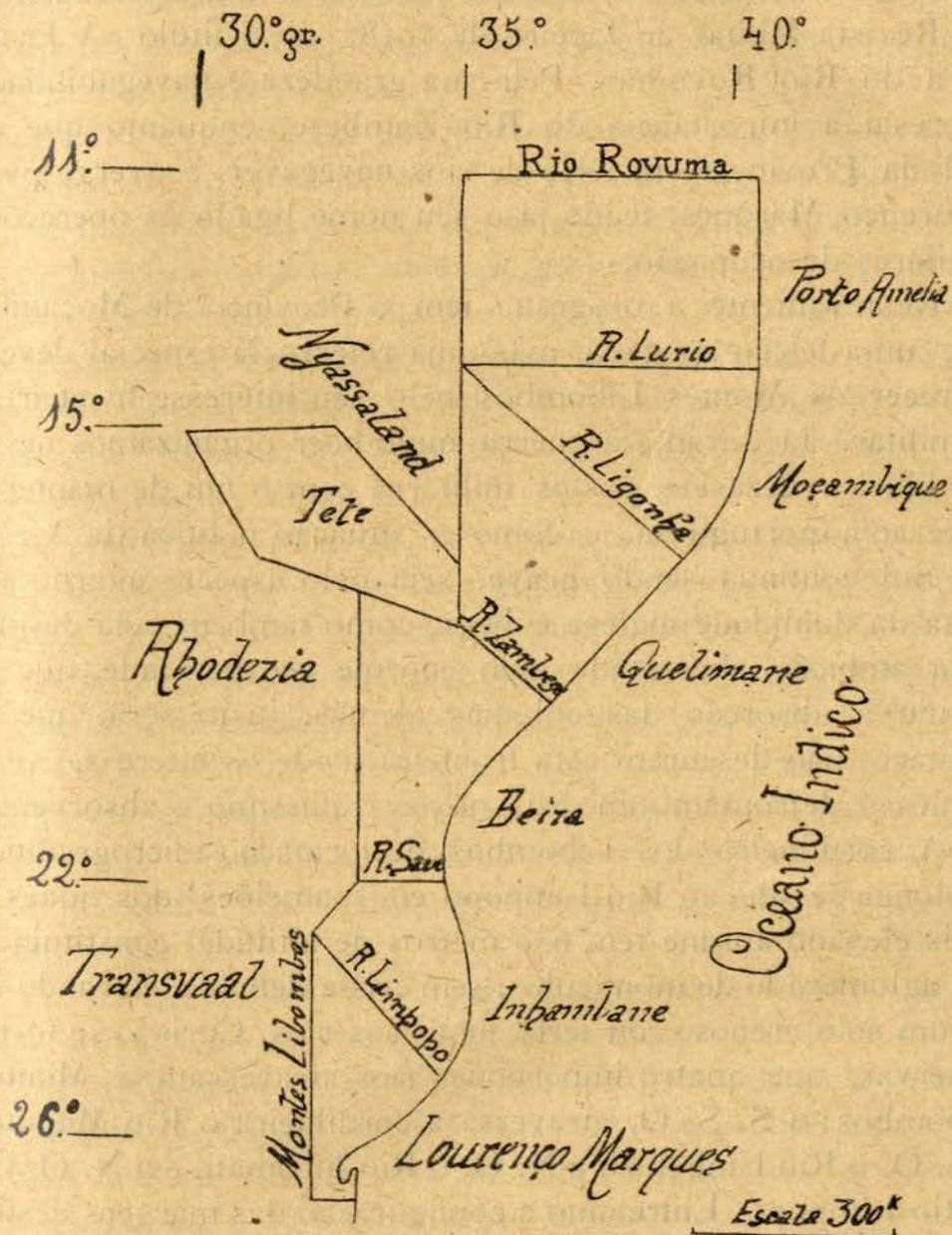
Se com essa linha desenhâmos um rectangulo cuja base seja vez e meia da altura, desde logo observarêmos a sua semelhança com o territorio da Companhia do Niassa, delimitado ao Norte pelo Rio Rovuma, a Leste pelo Oceano Indico, a Oeste pelo Lago Niassa e ao Sul pelo Rio Lurio.

Ao Sul justapõe-se o Distrito de Moçambique, com a superficie de um sector tendo como litoral aproximadamente a mesma escala; segue-se o Distrito de Quelimane, representado por um trapézio rectangular, enquanto que para Noroeste se desenha o Distrito de Tete, com a forma de um ferro de lança, que aponta a direcção de Angola, indicando o caminho de uma futura ligação, já geograficamente estabelecida pelo Zambeze, mas cortada duramente pela linha ferrea do Cabo ao Cairo, hoje uma realidade pratica.

Simetricamente ao Zambeze, lembrando o fiel de uma balança, desenhâmos os tres distritos do Sul, e tomando o meridiano 33º Leste de Greenwich com a referida escala traçâmos o litoral da Companhia de Moçambique, e tomando

o meridiano 32° semelhantemente obtêmos os Distritos de Inhambane e Lourenço Marques, numa linha curva reintrante para a Companhia, saliente para Inhambane e depois esbo-

Esboço Mnemônico da Provincia de Moçambique



çando a magnífica Baía da Lagoa, como nós lhe chamavamos antigamente, e os ingleses persistem em chamar Delagoa Bay, reservando para a cidade o nome do descobridor Lourenço Marques.

A hidrografia da Provincia de Moçambique, é, sem duvida, o capitulo mais interessante da sua geografia. A equi-

distancia dos grandes portos de mar e o traçado das linhas de agua mantendo notaveis relações entre a geografia fisica e a geografia politica e economica, exigem para o estudo dos grandes rios da Provincia, desenvolvimentos só comportados por monografias detalhadas. Para a geografia militar teem particular interesse o Rovuma, cujo valor militar estudámos na Revista Militar de Janeiro de 1918, sob o título «A Fronteira do Rio Rovuma». Pela sua grandeza e navegabilidade sobressai a importancia do Rio Zambeze, enquanto que ao Sul da Provincia um feixe de rios navegaveis converge para Lourenço Marques, tendo já o seu nome ligado ás operações militares de occupação.

Relativamente á orografia tem a Provincia de Moçambique uma feição apagada, mas uma referencia especial devem merecer os Montes Libombos pelo seu interesse fronteiriço e militar. Já durante a guerra anglo-boer organizámos nessa cordilheira dezasete postos militares com o fim de manter a soberania portuguesa, e como a situação politica da Africa do Sul continua sendo grave, seja pelo aspecto interno em vista da dualidade inglesa e boer, como tambem pela desmedida ambição alimentada pelo enorme prosperidade, que se seguiu á absorção das colonias alemãs, justo será, que os militares não descurem esta fronteira, onde os interesses portugueses defrontam um país novo, riquissimo e absorvente.

A cordilheira dos Libombos de formação microgranitica prolonga-se até ao Rio Limpopo em mamelões (dos quaes o mais elevado Josane tem 630 metros de altitude) constituindo um aglomerado de monticulos, sem crista definida, elevando-se de um solo arenoso, ou fertil junto aos rios. Curioso se torna observar, que quatro importantes rios atravessam os Montes Libombos: a S. S. O. atravessa a cordilheira o Rio Maputo, a S. O. o Rio Umbeluzi, a N. O. o Rio Incomati, e a N. O. O. o Rio Limpopo. Entretanto a configuração das margens destes rios mudou radicalmente ao atravessarem a cordilheira, passando do aspecto arido caracteristico do planalto, para a exuberancia do terreno de aluvião, cujos produtos agricolas teem obtido os primeiros premios nas exposições provinciaes.

Os Montes Libombos, tambem notaveis em territorio britannico por delimitarem a Suazilandia, teem ainda para nós salientada a sua importancia, por umas outras colinas levan-

tando-se em territorio portuguez a Poente de Lourenço Marques designadas Pequenos Libombos; a curta distancia da fronteira apresentando outra posição militar natural, sendo curioso, que para distinguir a denominação destas pequenas colinas, daquelas pouco mais altas erguidas na fronteira, aos Montes Libombos se chamasse tambem Grandes Libombos, dando-lhes uma convencional grandeza, que nos convem salientar como fronteira natural.

Quanto à descrição dos povos, que habitam a Provincia de Moçambique, indispensavel se torna fazer-lhes algumas referencias, pela sua grande importancia na geografia militar. As populações indigenas filiam-se na grande raça bantu, mas as suas ramificações em detalhe tornam-se confusas e pouco interessantes praticamente, porque as tribus tendem para se acomodar em às divisões administrativas das colonias europeias, que terminaram com as rivalidades sangrentas que mais dividiam as tribus.

A população indigena da Provincia de Moçambique está avaliada em cerca de quatro milhões, mas pelos reconhecimentos consequentes da recente campanha entre o Zambeze e o Rovuma, o número deve ser muito maior. E assim, no distrito de Moçambique, que conta quinze comandos militares com funções administrativas, em 1887 após a campanha dos Namarrais começou a exigencia do imposto de palhota de 2750 sendo a cobrança dez anos depois 20 contos e em 1917-1918 já rendia 602 contos, evidenciando uma densa população indigena.

Os indigenas da Provincia de Moçambique tem reconhecidas qualidades militares, sendo os ladins, que habitam ao Sul, considerados os nossos melhores soldados coloniaes. Entretanto na recente campanha comprovou-se, que a par dos ladins podiam formar sem desdouro os macuas, que mais densamente ocupam o Distrito de Moçambique, mas se estendem entre o Zambeze e o Rovuma. Tambem se apresentaram com bom aspecto em campanha, os manicos recrutados pela Companhia de Moçambique, e pôde afirmar-se, que se as tropas indigenas mal satisfizeram perante um excepcional adversario foi devido à precaria instrução.

Na generalidade, conforme um maior vigor físico dos indigenas, assim se obteem melhores soldados, sendo preferi-

veis aqueles recrutados no interior, aos provenientes do litoral, que em regra, estão tanto mais desmoralizados quanto mais em contacto com os grandes portos de mar. Contudo no conjunto os indigenas da Provincia teem provado bem como soldados, em forças expedicionarias de Moçambique para as outras nossas colonias, e como trabalhadores, no arduo trabalho das minas do Transval, satisfazem principalmente os ladins, ao Sul do paralelo 22° correspondendo aos distritos da zona temperada, onde os indigenas são mais vigorosos.

Num estudo de geografia militar as condições sanitarias locais assumem enorme importancia na capacidade de resistencia das tropas ao clima, tendo a experiencia evidenciado na campanha da Africa Oriental, a vantagem de conservar em Porto Amelia, o esquadrão de cavalaria 3, até se iniciar a nossa ofensiva de 1916, e tambem comprovado a utilidade do acampamento de Goba, nos Montes Libombos, que só se organizou precipitadamente em 1917, mas muito poupando pela sua salubridade as tropas expedicionarias.

Muito se podem modificar pelo trabalho as condições sanitarias locais, sendo um exemplo frisante desta afirmação, o antigo presidio de Lourenço Marques, rodeado então de pantanos mortiferos e hoje transformado na magnifica cidade de Lourenço Marques, erguida em espectacular anfitheatro sobre o melhor porto de mar da Africa Oriental.

Neste esboço da geografia militar da Provincia de Moçambique cumpre-nos ainda salientar a rêde de comunicações, notando em coerencia com o que temos estudado, que a capital via de comunicação na Africa Oriental é constituída pelo Oceano Indico, e na Provincia segue-se-lhe em importancia a grande arteria fluvial formada pelo Zambeze. A rêde fluvial navegavel, que no Sul da Provincia converge no porto de Lourenço Marques forneceu em tempo, os meios de comunicação para as operações militares da occupação efectiva.

As vias ferreas teem já na Provincia um desenvolvimento inicial importante, correspondendo aos grandes portos de mar, cuja missão internacional cresce incessantemente e em maior progressão depois da grande guerra.

As estradas da Provincia irradiam semelhantemente dos grandes portos de mar, permitindo que operações militares

no interior sejam executadas tomando como bases dois portos vizinhos, o que representa uma grande vantagem militar, numa acção convergente para surpreender o adversario e facilitar os abastecimentos. Já existe tambem partindo de Lourenço Marques e ligada à Africa do Sul uma estrada de turismo, o que tem um valor particular, porque como diz com verdade o relatorio da comissão de obras publicas enviada a Moçambique em 1880, e que marcou o renascimento da Colonia, «as comunicações são uma prova indiscutivel de occupação».

Concluindo este esboço da geografia militar da Provincia de Moçambique devemos metodicamente sintetizar a organização defensiva máis coerente com os principios estudados. A organização militar de 14-11-1901 tem vindo sucessivamente sendo melhorada, mas sómente com o fito da economia de despezas e nada se tratou, quer nessa organização, quer nas modificações, acerca da instrução dos quadros. A organização não assenta portanto em bases scientificas, se bem que, a distribuição das tropas fosse facilmente adaptavel aos principios da geografia militar, localizando as companhias de recrutamento e deposito, nas capitais dos distritos, faltando porem impôr este principio às duas Companhias soberanas, cujas forças militares se limitam aos corpos de policia.

Mantem-se na Provincia o preconizado escalonamento de tropas entre os melhores portos de mar e para o interior, como se requer para uma maior economia de forças, sendo as unidades as seguintes :

9 Companhias indigenas de infantaria, tendo adstritas uma secção de metralhadoras ;

2 Baterias indigenas de metralhadoras ;

1 Bateria mixta europeia de artilharia de montanha e guarnição ;

1 Companhia disciplinar ;

Guarda Republicana de Lourenço Marques, formada por uma companhia europeia de infantaria montada e uma companhia indigena de infantaria.

Lamentavel é, que os recursos militares das Companhias soberanas estejam, desligados daqueles do governo, ainda que, elas durante a recente campanha se prestassem a recrutar forças, mas ineficazmente, porque a instrução se

limitou a trez meses, quando é preciso um ano de instrução para boas raças indigenas (Revista Militar, paginas 413, de 1920).

Ainda outra lacuna imperdoavel na organização militar colonial é não existir ainda uma preparação conveniente, para que uma força expedicionaria da metropole possa economica e prontamente marchar para apoiar as forças coloniaes; nada está feito neste sentido, quando se reconhece ser a Provincia de Moçambique cobiçada evidentemente por conter os portos de natural saída do Transval, Rhodezia e Nyassaland.

Sem duvida, que não será sómente pela força militar, que deteremos as vizinhas cobiças, mas inegavelmente a força militar constitui uma componente de valor a considerar entre os elementos que garantem a posse das nossas colonias.

Digna da meditação dos nossos dirigentes é a correspondencia de Londres publicada no *Diario de Noticias* de 21-9-920 dizendo :

«A Inglaterra parece não se julgar com influencia bastante para obstar a que os Sul-Africanos nos ofereçam ou nos imponham os seus *bons officios* no caso, por exemplo, de uma rebelião de indigenas, que apareçam fortemente armados, — vá-se lá saber por quem».

Seja qual fôr a opinião, que se possa ter, acerca da segurança da Provincia de Moçambique, é um dever elementar prepararem-se todos os recursos de defesa para evitar uma surprêsa. (1)

E para uma preparação militar eficiente são indispensaveis

(1) Em 29 de Dezembro de 1895 o Dr. Jameson comandando 500 policias montados e duas peças, da extinta Companhia soberana inglesa, marchou de Mafeking invadindo a Republica do Transval.

Esta força foi porem cercada pelos Boers e rendeu-se em 2 de Janeiro de 1896 em Dornkorp, depois de um curto combate em que morreram seis boers e trinta ingleses.

Estava projectado realizar-se simultaneamente com este *raid*, uma rebelião em Johannesburg, a qual porem só rebentou mais tarde, sendo dominada pelos Boers, sem efusão de sangue e presos 60 rebeldes, entre eles o coronel Rhodes, irmão de Cecil Rhodes, então primeiro ministro na Colonia do Cabo.

Este *raid*, levantou indignação mundial, contudo no inquerito realizado em Londres, ninguem foi julgado culpado.

os conhecimentos de geografia militar. O grande e sintetico ensinamento colhido na recente campanha da Africa Oriental foi que, os nossos adversarios sendo conhecedores do terreno e incansaveis na instrução das tropas, foram mestres nos conhecimentos de grande envergadura, que demoraram a campanha, indo em 1917 desde o Rovuma ao Nyassaland e em 1918 chegando às portas de Quelimane. Enquanto nós ignorantes do terreno e negligentes na instrução das tropas ficámos quasi sempre reduzidos a uma attitude passiva.

Eduardo Augusto d'Azambuja Martins.

Tenente coronel

Educação moral e civica do soldado

... «En temps de paix. nous sommes avant tout des *éducateurs*, chargés de faire naître et d'organiser des forces qui durent et que nous retrouverons au jour de la mobilisation.»

(*André Garvet. L'art de commander*)

Se é certo que em tempo de paz deve ser o official o *educador* dos seus soldados, se é certo que o exercito democratico deve ser, realmente, a *grande escola de educação nacional*, nenhum outro país terá talvez, como o nosso, tanta necessidade de confiar ao exercito essa nobre missão educadora, em nenhum outro exercito, mais do que no nosso, essa alta missão deve merecer dos militares profissionais, maior dedicação e mais desvelado interesse.

Nem a familia, nem a escola, nem a instrução militar preparatoria — tão bem inspirada na sua criação quanto deturpada na sua applicação — nenhuma dessas instituições onde, em sucessivas étapes, deveria ser predisposto o espirito da criança e do adolescente para o futuro cumprimento, consciente e voluntario, dos seus deveres civicos, nenhuma, no nosso país, desempenha essa missão, por forma a preparar convenientemente a educação do cidadão-soldado.

Passam hoje pelas fileiras do nosso exercito todos os

mancebos válidos, de todas as classes da sociedade, mais ou menos ilustrados, mais ou menos civilizados. Pode-se, contudo, afirmar, sem receio de exagero, que nenhum deles traz, ao ingressar no exercito, nem mesmo os mais nobres, nem mesmo os mais letrados, aquela preparação de espirito que constitue a educação moral e cívica indispensavel ao homem.

O exercito tem de ser pois a grande escola onde os mancebos veem receber, além da instrução militar, a educação moral e cívica—de que a educação militar é apenas uma variante ou modalidade—, educação a ministrar-lhes integralmente e desde os seus principios fundamentais, para que á vida civil sejam restituídos *homens*, conscientes dos seus deveres para com a sociedade, para com a familia, para com a Patria, para consigo próprios.

Infelizmente, nem todos os profissionais do nosso exercito se compenetraram ainda bastante desse seu papel, uns porque, cultores impenitentes do *jemenfichisme*, propositadamente descuram tudo quanto possa acarretar-lhes a menor preocupação de espirito, outros porque, não lhes tendo sido ministrada nas escolas de applicação qualquer preparação, mesmo sumária, para o desempenho dessa missão especial, se julgam antecipadamente incompetentes para a exercer, pelo menos com o exito que seria para desejar.

A uns e outros se torna indispensavel que os comandos superiores chamem a atenção para esse importante assunto; aos primeiros, para tentar chamá-los ao cumprimento desse dever, e para os fazer eliminar do exercito, como elementos inuteis e dissolventes, caso falhe a tentativa benévola desse convite ao trabalho; aos segundos, para lhes incutir animo e lhes orientar o espirito sobre a forma pratica e eficaz de levarem a cabo essa patriótica missão.

Assim pensou o Governo do Campo Entrincheirado de Lisboa ao redigir a ordem que acaba de fazer distribuir pelas tropas que lhe estão subordinadas, e que adiante se transcreve por nos parecer interessante torná-la conhecida dos nossos leitores, não vá porventura supôr-se que só o *capitán generale* de Madrid e outros generais... *lá de fóra*, manifestam pela educação dos seus soldados aquêle interesse que deve constituir para todos os comandos, mais do que um

simples dever militar, um nobre dever cívico, um alto dever patriótico.

Segue a transcrição da *Ordem* citada :

Governo do Campo Entrincheirado de Lisboa

Quartel General em Caxias, 31 de Dezembro de 1920

Sua Ex.^a o General Governador determina e manda publicar o seguinte :

RECEPÇÃO E EDUCAÇÃO DOS RECRUTAS

1.º — Ao aproximar-se a época da incorporação de um novo contingente de recrutas, chama-se a atenção dos comandos subordinados a este Governo e em geral de todos os oficiais e graduados das tropas do C. E. L., para os principios abaixo consignados, que definem a orientação deste Governo sobre a forma de educar os mancebos que nessas tropas veem cumprir a sua obrigação de serviço militar.

Na época que atravessamos em que as doutrinas mais avançadas procuram insinuar-se de preferencia nos espiritos menos cultos, pelos quaes é constituida a grande maioria dos mancebos recrutados, e em que a indisciplina social ameaça alastrar-se exactamente entre as classes mais modestas, donde provem a maioria dos soldados; no momento grave em que a nossa nacionalidade, a nossa independencia como nação autonoma, pode ver-se ameaçada, em face da nossa critica situação economica e financeira, o exercito tem de ser, mais do que nunca, a verdadeira escola de civismo e de disciplina, sobretudo no nosso país, onde a educação na familia e a educação nas escolas estão infelizmente bem longe de preparar o moral das crianças e dos adolescentes, dispondo-os, como deviam, para o cumprimento voluntario e consciente dos seus deveres civicos e patrioticos.

Para que essa nobre missão educadora, do exercito, possa ser iniciada com segurança de exito, torna-se necessario, primeiro que tudo, que os novos recrutas encontrem no quartel um ambiente favoravel que em breve se lhes torne simpatico e reconheçam nos seus camaradas e superiores uma nova familia que, longe de lhes mostrar aquella severidade brutal com que porventura os tenham aterrorizado na vida civil, lhes proporcione, pelo contrario, o interesse e o carinho que, não sendo incompativeis com a austeridade e o rigor da disciplina militar, farão desaparecer por completo do espirito desses mancebos as apreensões e os receios de que naturalmente virão possuidos ao ingressar num meio que lhes é estranho e que a muitos talvez terá sido pintado com côres propositadamente carregadas em exagero.

Assim, para lhes facilitar e suavizar quanto possivel a transição

brusca da vida civil para a vida militar, deve a recepção dos recrutas em cada unidade obedecer aos seguintes preceitos principaes :

1.º — Os recrutas devem ser recebidos festivamente, revestindo a recepção um caracter affectuoso e familiar que os atraia e os tranquilize ;

2.º — A distribuição dos recrutas deve ser feita por forma que fiquem, quanto possível, reunidos na mesma companhia os que forem conterraneos, procurando-se assim continuar na caserna o convívio que existia na vida civil entre vizinhos, parentes, amigos e companheiros ;

3.º — Os graduados inferiores e os soldados antigos devem ter sido predispostos, por palestras apropriadas dos seus officiaes, para servirem gostosa e dedicadamente de guias diligentes e carinhosos aos seus novos camaradas, com quem estarão mais em contacto ;

4.º — O comandante de cada companhia deverá, em formatura geral, dar as boas vindas ás praças novas e apelar para os sentimentos de boa camaradagem das praças antigas, para que entre umas e outras se criem e se mantenham as mais affectuosas relações na familia militar ;

5.º — Logo depois de cumpridos os preceitos higienicos que são regulamentares e indispensaveis, deve-se proceder á distribuição do fardamento aos novos recrutas para que, no mais curto praso, todos se encontrem irmanados dentro do mesmo uniforme, cessando as distincções de classe que os trajas civis exteriorizam e fazendo assim evidenciar perante os novos soldados que é na vida militar onde melhor se pratica e realiza o principio democratico de *igualdade perante a Lei*.

A adopção criteriosa destes preceitos, de entrada, constituirá, por si só, um primeiro passo seguro para a educação dos novos soldados que se deve ter em vista.

Essa tarefa educativa continuará incessantemente, durante toda a permanencia dos soldados nas fileiras, devendo ser principalmente exercida pelo *exemplo* e pela *palavra* que a todo o instante e sob qualquer pretexto se fará sentir, quer individual, quer colectivamente.

Individualmente, cada official ou graduado deve aproveitar todos os ensejos para, a cada um dos novos soldados, prestar o valioso auxilio das suas indicações, dos seus conselhos, das suas recomendações sobre os deveres especiaes militares, que eles ainda ignoram e sobre os deveres geraes de cidadão que eles, na sua maioria, só imperfeitamente conhecem.

Por outro lado, os officiaes, em especial os capitães, devem aproveitar todos os pretextos para manifestarem a cada um dos seus soldados o seu interesse pela situação destes na vida civil, pela sua familia, pelo seu bem-estar. Este interesse — a que não é insensível a alma rude e simples do soldado — contribuirá enormemente para fazer nascer no seu espirito a confiança, a afeição e a dedicação pelos seus chefes, sentimentos esses que todos os bons comandantes devem procurar despertar e cultivar nos seus subordinados, como indispensaveis que são ao exercicio do comando.

O *exemplo*, a *solicitude*, a *lialdade* e a *justiça* são os factores principaes de que depende a consideração e o respeito que espontaneamente devem nascer no espirito dos novos soldados para com os seus superiores. São eles portanto os meios principaes e *indispensaveis* a adoptar por

todos os officiaes e graduados, na sua acção educativa *individual* para com os seus subordinados.

A acção educativa *individual* é completada pela que se exerce em *colectividade*, por meio das palestras que são regulamentares e que devem merecer o maior interesse da parte dos comandos e a maior atenção da parte dos officiaes a quem fôr incumbida essa parte importante do programa da Escola de Recrutas.

Estas palestras educativas terão por fim formar o caracter do *homem*, incutir-lhe no espirito os seus deveres de *cidadão* e fazer-lhe compreender a sua elevada missão como *soldado*, despertando-lhe os sentimentos do *dever*, da *honra*, do *patriotismo*, da *disciplina*, da *coragem* e da *abnegação*.

Visando estes objectivos devem ser versados nas *palestras*, entre outros, os seguintes assuntos principaes :

- a) A idea da *Patria* e a noção de *patriotismo* ;
- b) A descrição da *nação portuguesa* como nacionalidade e o culto pela sua *independencia* ;
- c) O *hino* e a *bandeira*, sua significação e valor como simbolos da *Patria* ;
- d) A necessidade do *exercito* e a sua missão social como orgão de força nacional e de manutenção da ordem no interior do pais ;
- e) O principio igualitario do *serviço militar obrigatorio* e a sua vantagem para a constituição da *nação armada* ;
- f) As *virtudes militares* : probidade e discreção, obediencia e disciplina, subordinação e respeito, dedicação e confiança nos chefes, coragem, bravura e intrepidez, iniciativa e decisão, camaradagem e espirito de corpo, asseio, correcção e porte militar ;
- g) A *solidariedade* e a *confraternização das armas*, o combate ;
- h) Principios fundamentaes de *educação civica e social* : Republica e Constituição, ordem e trabalho, a Lei e os poderes do Estado, os deveres e os direitos do cidadão, os inconvenientes da emigração e vantagens da colonização, a solidariedade humana e os beneficios de associação (cooperativas, credito agricola, etc.), a mutualidade e a previdencia (caixas economicas, seguros, monte-pios, Fraternidade Militar, etc.) ;
- i) Principios fundamentais de *educação moral* : vantagens da higiene, inconvenientes do alcoolismo, perigos do venereo, beneficio da instrução, deveres da familia, etc.

O official incumbido de fazer uma *palestra* deve preparar-se cuidadosamente para ela, para que, perfeitamente seguro do assunto, possa expô-lo livremente e com clareza numa linguagem simples e chã accessivel ás inteligencias menos cultas, dispensando-se de leituras diante dos soldados e corroborando, sempre que seja possivel, a doutrina exposta, com factos colhidos na historia patria, tão fertil em exemplos dos nossos antepassados, que, amenizando a palestra, contribuirão para melhor gravar o assunto no espirito dos ouvintes e para tornar conhecidos dos soldados menos letrados as nossas passadas e imorredouras glorias.

Tal é, na sua generalidade, o programa que, sob o ponto de vista educativo, este Governo deseja ver adoptado em todas as unidades suas

subordinadas, programa cujo maior ou menor desenvolvimento será compatível com o tempo que, na E. R. se puder destinar a esta importante tarefa.

Cumprido ele, metódica, diligente e conscienciosamente, terá o C. E. L. contribuído, com êxito semelhante áquêle que tem obtido na *educação física* dos seus soldados, para que a passagem destes pelas suas fileiras se lhes torne igualmente profícua sob o ponto de vista da *educação moral e cívica* e terá desempenhado no exercito democratico da Republica a sua quota parte na nobre missão que a este incumbe como grande escola patriótica da educação nacional.

Como se vê, esta ordem, não descendo a pormenores mais do que os precisos para bem definir os pontos de vista do comando superior e orientar convenientemente os comandos subordinados, deixa a estes larga margem para usarem da sua iniciativa na execução dos preceitos esboçados, iniciativa que é de esperar seja posta em acção pela forma mais intelligente e criteriosa e secundada pelos esforços dedicados de todos aquelles que, directa ou indirectamente, nela tem de colaborar.

Assim seja.

Janeiro 1921.

LUIZ A. F. MARTINS

Coronel.

Tropas de manobra

Porque alguns camaradas me obsequiaram pedindo a minha opinião sobre o que se deva entender por *tropas de manobra e reserva geral*, e alguns me estimularam a trazer a publico o meu modo de ver a tal respeito, recorro ás paginas da «Revista Militar» para expor o que entendo sobre tão interessante assunto.

Em varios trabalhos aqui publicados, temos procurado mostrar que, em parte, se pôde attribuir á insuficiencia da terminologia na doutrina da teoria da guerra, a pouca clareza e nitidez em que se encontram ainda varios assuntos tecnicos. Se na divisão da teoria da guerra nas suas grandes partes se notam ainda indicisões sobre as designações que melhor se lhe devem attribuir e limites que atingem; nas sub-divisões,

grupamentos menores, e termos apropriados para mais precisa exposição de doutrina, essa insuficiência e hesitação tornam-se mais salientes.

Deste atraso em que se encontra ainda a teoria da guerra e que se nota em quasi todos os seus ramos, resulta que nos diversos trabalhos didaticos que se publicam, aparecem, em geral, tentativas sucessivas destinadas a produzir aperfeiçoamentos não só na divisão e sub-divisão da doutrina, como, em introduzir nela novos termos que permitam torna-la mais expressiva e clara, e, ainda, em substituir os termos empregados por outros julgados mais convenientes.

Os termos novos são sempre uteis, embora por vezes não consigam a precisão desejada, quando não sejam apresentados apenas com a preocupação de novidade. Se esta ultima circumstancia predomina, o termo ou a designação que se pretende estabelecer tem então o quer que seja de inutil e até mesmo de nocivo, agrava a confusão, e, embora desapareça em pouco tempo, não deixa, contudo, de traçar vestígios que são inconvenientes.

A designação *tropas de manobra* não é inutil, mas julgamo-la imperfeita e até impropria se se pretende com a sua adopção eliminar a designação — reserva geral.

E julgam alguns que assim succede, por o R. I. T. I., na segunda parte, n.º 201, prescrever, que «Na ordem para a occupação da posição determina-se, em especial, o seguinte: a) Disposições que permitam o reconhecimento e medidas de segurança a adoptar; b) Posição a ocupar, sua divisão em sectores com indicação das respectivas guarnições...; c) Ligações a estabelecer; d) *Lugar a ocupar e composição das forças destinadas ao movimento ofensivo.*»

E' desta ultima alinea que se tem sido levado a concluir que as forças destinadas ao movimento ofensivo são as chamadas tropas de manobra; e, como o regulamento no artigo citado, não faz referencia á reserva geral, que esta designação desapareceu das ordens de operações, e, pior ainda, que na distribuição e applicação das forças não se deve contar com este escalão, por bastarem as forças destinadas ao movimento ofensivo.

E' possivel que essa orientação seja aceitavel e vantajosa; mas nós continuamos preferindo a doutrina exposta no R. C.



que, no n.º 271, diz: «A regra geral para o emprego das tropas, consiste em: opor ao inimigo o menor numero de tropas necessarias para o conter e immobilizar, mantendo-o na ameaça de uma crise decisiva; conservar uma parte das forças para, num dado momento, produzir a decisão; e manter uma reserva ao abrigo das emoções da luta a fim de intervir, no momento oportuno para sustentar as vantagens obtidas, completar o successo ou limitar o revés.»

Esta doutrina, que tem sido a de sempre e imutavel, exige a existencia dos tres escalões de forças, embora em certas acções ou momentos destas, não se distingam nitidamente, como adiante mostraremos; não permite que se elimine a designação reserva geral, e, que, de antemão, na maioria dos casos, se fixe numa ordem de operações, a um nucleo de forças, a designação *forças destinadas ao movimento ofensivo ou tropas de manobra*.

A analyse da distribuição, proporcionalidade e applicação das forças nas diversas acções militares, desde a escaramuça até á grande batalha, quer na parte em que predomina a ofensiva, quer naquella em que a defensiva mais se acentua, mostra-nos sempre a necessidade da reserva. Ao outro escalão não cabe bem a designação tropas de manobra, e se lançarmos mão das definições dos regulamentos para a apreciarmos, vemos que essa forma de indicar um nucleo de forças é pouco nitida.

Pelo que dispõe o n.º 5 do titulo primeiro da primeira parte do R. I. T. I., manobras: «são a applicação das evoluções ás hipoteses da guerra»; e evoluções «são os movimentos que permitem mudar de formação». Por esta definição de manobra, naturalmente se é levado a concluir que todas as forças são de manobra pois que todas evolucionam segundo as hipoteses da guerra.

É que bem analisado, o termo manobra tem significado diverso consoante o ligamos directamente ás tropas ou o conjugamos com a idea de comando.

As tropas realizam manobras quando executam movimentos que resultam da combinação de algumas evoluções, ao passo que o comando manobra as forças de que dispõe para atingir o fim que tem em vista.

Isto é, as tropas á disposição dum comando executam

evoluções que satisfaçam ás hipoteses da guerra, e assim manobram; os comandos, escalonam, proporcionam e distribuem as suas tropas para, como dizem as instruções francezas em execução na Grande Guerra, «Instruction des grandes unités dans la bataille», ficarem constantemente aptos á manobra: manobra de «parada» para aniquilar os ataques inimigos; manobra «de ataque» para dominar o adversario e perseguir-lo se bate em retirada. Vigiar e reconhecer o inimigo, por um lado, para descobrir todos os seus preparativos de ofensiva, por outro, para tatear os seus pontos sensiveis e preparar «*manobras militares*».

Na acção designada grande batalha, á falta de melhor expressão que a caracterize, o comando superior, pelas circunstancias de tempo e de espaço, vê-se forçado a ordenar mais de uma manobra.

E como estamos apreciando o valor tecnologico da designação tropas de manobra ou de destinadas ao movimento ofensivo, sob o ponto de vista do comando, e não sob o restrito da qualidade dessas tropas, nem das evoluções que executem para satisfazerem ás hipoteses da guerra, vamos apreciar, num curto resumo, como se deve encarar essa designação nas diversas situações de campanha.

No periodo de marchas, o comando duma coluna faz preceder a distancia o grosso da sua coluna pelos meios de segurança de que disponha, e, mais proximo dela, por escalões proprios a produzirem protecção. O grosso da coluna constitue então a tropa de manobra que o comando aplica para o desenvolvimento de uma acção que tenha de travar. As forças destinadas á função protectora, constituem tambem por sua vez, uma como que tropa de manobra de parada, com influencia na applicação ulterior das tropas do grosso. Emquanto a culuna estaciona, as mesmas circunstancias se verificam.

No mesmo periodo de marchas, um grupo de colunas movimenta-se escalonado em profundidade e dispostas as forças de modo que o comando se conserve sempre apto a manobrar. E se a segurança tem sido de grande produtividade, o escalonameato e movimento do conjunto efectiva-se com o fim de realizar a manobra, isto é, todas as colunas formam as tropas de manobra.

No periodo activo das operações, as acções succedem-se com certo character de continuidade. As acções ou são de encontro ou planeadas, e umas e outras podem ser precedidas por largas informações e elementos fornecidos pela segurança, que orientem os comandos, ou de tal modo restritos, contraditorios e confusos que estes só adquirem uma orientação sufficiente depois de largos esforços. No primeiro caso, o comando manobra desde logo, emprega o escalonamento e proporcionalidade apropriada ao fim a que visa, movimenta as forças e conjuga-as até atingir a solução que procura. Todas as forças entram como que simultaneamente em manobra, todas são tropas que executam a mesma manobra.

Mas, no segundo caso, em que o comando não dispõe de esclarecimentos sufficientes, necessita que a situação se esclareça. Todos os meios destinados a produzir segurança procuram então insistentemente informações e esclarecimentos indispensaveis ao comando. Esses meios porem, não bastam por si só, como regra, para esse fim, vão então as forças destinadas a efectivar a protecção colaborar na missão das de segurança procurando precisar ou esclarecer a situação, ao mesmo tempo que desempenham o seu papel principal de proteger o grosso, garantir a zona de manobra, e apoderar-se de pontos julgados importantes para a manobra ulterior.

O grosso concentra-se em lugar apropriado e aguarda aí as determinações do comando.

Assim que a situação se esclarece, o comando resolve aplicar as suas forças e desenvolve a acção, mas não esquece a necessidade de conservar uma reserva. E assim procede quer no seu espirito predomine a intenção offensiva, quer seja levado a aguardar que esta lhe seja facilitada.

Em qualquer caso, em resumo, o comando não pode fixar numa ordem de operações, e muito menos numa ordem para occupação duma posição o lugar e a composição das forças destinadas ao movimento offensivo, e abstrair-se de uma reserva a fim de intervir no momento oportuno para sustentar as vantagens obtidas, completar o successo ou limitar o revés, como muito bem preceitua o R. C., diploma destinado a orientar os comandos, e que como tal deve ser seguido de preferencia a qualquer outro mais secundario que tenha tido publicação; embora posterior áquete.

Só no caso muito excepcional do comando ter obtido, pelos meios destinados á função de segurança, informações muito completas dando-lhe garantia de que procede seguro desde que resolve iniciar uma acção, circumstancia esta que quasi dispensa fortes escalões na função protectora, só então, neste caso pouco vulgar, o comando póde na sua primeira ordem para a acção, indicar: a situação; precisar o fim e como espera atingi-lo; e nas disposições, entre as indispensaveis, determinar aquelas que se ligam com a composição, lugar ou direcção a seguir por essa força para executar determinada manobra, mas não esquecendo a que deve dispor como reserva.

Fóra desta circumstancia, o comando quer inicie a acção ofensiva quer defensivamente, applica o minimo de forças á protecção e guarda o maximo para o desenvolvimento ulterior, destinando parte para a missão que cabe á reserva. Mas não é possivel fixar-se de antemão aquele minimo nem este maximo. Muitas vezes as forças destinadas á função protectora são insufficientes para a desempenharem por completo, sendo então necessario recorrer ás escalonadas á retaguarda, e, se estas tivessem sido previamente destinadas e classificadas como de movimento ofensivo, seriam constrangidas desde logo a uma missão oposta.

Até sob o ponto de vista moral o inconveniente de se attribuir a uma força uma designação baseada sobre uma missão que pode deixar de ter lugar, vem á superficie, pois não deixará de ser pequeno o abalo produzido nas forças, que sendo com bastante antecedencia designadas na ordem como destinadas ao movimento ofensivo, se vejam desde o início da acção destinadas a reforçar as de protecção, ou a qualquer outro fim que não seja ofensivo.

Se é recomendado por motivos que a experiencia tem indicado, que nas ordens de operações relativas ás acções se não faça referencia a combates fixantes, demonstrativos e outros, parece-nos, pela mesma ordem de razões, que se não deve nessas ordens fazer referencia á composição de forças do movimento ofensivo.

Nem tropas de manobra nem destinadas a movimentos offensivos.

Mas, havendo de facto, no exercicio do comando, a neces-

sidade do escalonamento de forças e que este corresponda, em geral: á manobra com que se reconhece, fixa e imobiliza o inimigo, restringindo-lhe quanto possível a liberdade de actuar; á manobra ou manobras pelas quaes se vai ferir o adversario no ponto mais apropriado ou se evita que tal golpe se dê; e, ainda, conservar uma reserva para ulterior aplicação: não haverá vantagem que a tecnologia apresente termo ou designação que especifique o segundo escalão a que fazemos referencia?

Estamos convencidos dessa necessidade, e foi talvez daí que resultou a circumstancia de lhe aplicar a designação «tropas de manobra» para as distinguir das da reserva.

Estudando-se as acções que têm sido bem dirigidas, entendendo como taes aquellas que produziram o seu fim, não por casualidade ou esforço de subalternos mas pela criteriosa e oportuna intervenção do chefe que superintende, nota-se em grande numero delas que, a partir de certo momento, apparece um nucleó de forças que o comando aplica quasi que pessoalmente e com o qual vence a acção. São como que tropas que ultimam o pensamento do comando, mas a que não cabe a designação de tropas de manobra e que de modo algum excluem a reserva.

Em algumas acções essas forças conservam-se durante certo tempo com as que ficam constituindo a reserva. Noutras acções, essas forças destacam-se e, ou são logo applicadas ou vão situar-se em lugares mais apropriados á missão que terão de resolver. Nestes ultimos casos essas forças nem se confundem com a reserva nem são tropas de manobra especial, pois que em regra é então realizada quasi ou simultaneamente por todas as forças que interveem na acção.

Resumindo: ha acções em que desde o seu inicio todas as forças são applicadas immediatamente na manobra que o comando pôde fixar em função do tempo e do espaço que lhe provem dos esclarecimentos, informações e dados fornecidos pela segurança; todas as tropas duma só columna ou todas as colunas de um grupo de colunas entram simultaneamente na manobra, conservando-se um nucleó de reserva se as circumstancias a indicarem. Noutras acções distribuem-se as forças indo uma parte colocar-se em lugar conveniente em consequencia das indicações recebidas, deslocando-se no

momento oportuno; noutras, finalmente, as forças disponíveis conservam-se reservadas reunidas ou não á reserva até que chegue o momento de se lhes attribuir a missão a desempenhar.

Não nos parecendo que a designação *tropas de manobra* exprima nenhuma dessas applicações, e menos ainda a de forças destinadas ao movimento ofensivo, entendemos que tais designações não devem aparecer nas ordens, muito especialmente naquelas que se redijam antes da segurança ter fornecido esclarecimentos bastantes.

Preferimos que se continue chamando reserva geral ou forças disponíveis áquelas que não estejam ainda imediatamente empenhadas, e que áquelas que o comando resolve fazer actuar ulteriormente se lhes indique antes o objectivo e a missão do que se lhes applique uma designação pouco expressiva.

ANGELO CRUZ E SOUZA

Coronel.

Apontamentos para a organização dos serviços burocraticos e de justiça do exercito

Deve ter sido completa a decepção de certos utopistas que viam no termo da Guerra Europeia a agonia do militarismo e o advento da paz geral e do Homem livre.

Lendo pela cartilha de Rousseau e vendo no ser humano a bondade infinita a que os acasos do determinismo social modificaram a directriz primitiva, devem ter-se convencido de que o herói de *struggle for life* é ainda bem o representante heriditario do homem das cavernas, denunciando igualmente a combatividade ancestral no dominio das ideas ou dos factos. O que nele mudou e o superioriza é a faculdade de organização servida pelas aquisições scientificas e pelos ensinamentos da experiencia.

Com efeito, ainda no ambiente discreto das chancelarias se procura a maneira de epilogar o monstruoso drama e já as potencias que nele jogaram os seus destinos reorganizam,

para eventualidades futuras, os seus novos exercitos, pactuando talvez com a adversidade, mas continuando a ter por menos perigosas as consequencias do conselho latino *si vis pacem para bellum*, do que a aceitação de tão gratas teorias.

A condição de existência do ser vivo, desde a célula primordial ao ser pensante, é a da luta perpetua. eternamente renovada sob modalidades infinitas. Os conflitos pessoais, como as guerras entre nações, tendo por objectivo a defesa de interesses em colisão, não são mais do que a expressão violenta e localizada dessa reacção universal, que atinge nas sociedades humanas a sua ferocidade suprema.

A guerra é pois a consequencia inelutável da nossa condição orgânica, da fatalidade biologica que nos fez o que somos; em todo o caso menos perniciosa à felicidade colectiva do que esse idealismo doentio, em que se refugiam as naturezas falhas de volição e os povos que perderam com o amor da terra a noção da sua finalidade historica.

Já não é só a ameaça das fronteiras invadidas, das *revanches* possiveis, alimentadas por chauvinismos exagerados, as megalomanias conquistadoras, as populações irredentes, etc. Não são já só estes espectros classicos de desassocego que nos obrigam à vigilia continua e à conservação e aperfeiçoamento dos organismos coordenadores de energias, sempre prontos à defesa e ao ataque, a que chamamos exercitos permanentes. Um novo inimigo se precipita sobre nós, numa explosão sinistra de todas as abominações, de todos os horrores da ferocidade inutil e de todos os egoísmos sem grandeza, desde as «stepes» geladas da Russia, por onde no alvor da raça passaram um dia as heroicas tribus arianas à conquista da Europa. Esse inimigo mais implacável do que as hostes sanguinárias, que no século xv deram vida ao sonho imperialismo de Ivan o Terrivel —, nutrido do pensamento negativista que visa o aniquilamento da ordem social e da sintese moral da civilização; esse inimigo que pôde numa hora, de desalento reduzir ao caos bolkvista a pátria imensa de Pedro o Grande; esse inimigo insidioso que passeia ao nosso lado, surpreendendo as deficiencias da nossa coesão, os deliquios da nossa fé e a vulnerabilidade das nossas instituições, obriga hoje todos os homens de estado ao exame serio do problema militar. É o que se faz na Inglaterra, na França, mesmo na

vencida Alemanha, em todos os países emfim, onde os governantes possuem o sentimento do momento que passa e das suas responsabilidades perante o futuro. Todos reconhecem a gravidade e a eminencia do perigo e sentem que é preciso livrar das garras da indisciplina e da anarquia esta civilização, de certo imperfeita, como tudo o que exprime a relatividade da perfeição humana, mas que, seja como fôr, é a herança sagrada e gloriosa das gerações que nos precederam e que cumpre transmitir engrandecida aos que vierem depois de nós.

Por isso a instituição militar, ao contrário do que muitos supunham, saiu avigorada desta guerra e a disciplina social de que ela é expoente tende a robustecer-se, passada a crise de afrouxamento que se segue ás fases mais ou menos prolongadas da sua tensão máxima.

Não poderíamos nós tão duramente experimentados nesta guerra, deixar de seguir esse movimento superviniente da reconstrução, que se opera no mundo militar e especialmente nos exercitos que directamente intervieram no grande pleito.

Há observações importantes a coligir e sistematizar, modificações e adaptações que temos de introduzir no nosso Exercito, de forma a torná-lo um todo harmonico, concordante e em sincronismo com os melhores da Europa.

Não podemos nunca ter fôrças numericamente importantes, mas podemos e devemos aspirar à importância qualitativa que resulta da sua boa organização, do seu aperfeiçoamento material, da sua homogeneidade e disciplina, do seu espirito de sacrificio e do valor tecnico e combativo dos seus quadros.

A nossa acção em França — digo-o sem desprimor para ninguem e porque, sôbre ser um factô histórico e como tal dos dominios da critica, é minha intenção determinar a etiologia dum mal, que como membro do exercito me é licito estudar —, a nossa acção, dizia, se resultou menos brilhante do que era de esperar da dedicação e brio dos nossos officiais e da natural subordinação e combatividade dos nossos homens, foi devido à nossa incompleta preparação, ou antes à rotina do tempo de paz. Com raras e brilhantes excepções os comandos mostravam na sua relação com os Q. G., especialmente no periodo de instalação um constrangimento expressivo mesmo do seu horror das responsabilidades e duma ausencia conexas de iniciativa. Preguntava-se tudo, para tudo

se solicitava a autorização superior, numa abdicação espontânea da individualidade, como se fôsse uma falta de respeito ter criterio proprio e exerce-lo em circunstancias justificaveis.

Esses comandantes que a meu ver, e não só sob o meu ponto de vista, constituíram excepções eram officiaes habitua-dos às dificuldades e imprevistos da vida dos quartéis e dos acantonamentos, aos obstáculos que surgem a cada momento e que é necessário remover de pronto e de iniciativa propria. Militares reconhecidamente dedicados ao *métier* dos que se não encontram pelas secretarias a minutar correspondência e torturar as meninges no estudo da legislação, destruindo as qualidades fisico-morais que caracterizam o profissional das armas e adquirindo, com o entorpecimento progressivo da energia e da virilidade, toda a série de misérias patológicas resultantes da imperfeita oxidação do sangue e do cerebro. Quem tem por missão comandar soldados deve distingui-los mais do que pela farda, precisa de estar em contacto com eles, conhecer-lhes a psicologia, o grau de instrução, a capacidade de resistencia e de acção e adquirir, emfim, a mais clara intuição das suas virtualidades subjectivas.

O official, especialmente o official combatente, para me servir dum qualificativo tradicional, tem de ser uma criatura de ar livre, pulmões oxigenados, de torax e biceps desenvolvidos, ressumando vigor fisico e energia moral por todos os poros. O seu dever é manter-se continuamente em estado de agir, robustecendo paralelamente os musculos e a intelligencia por forma a saber melhor e a executar melhor, adquirindo sobre os subordinados o ascendente necessario ao nobre exercicio do comando.

O que determina nos novos exercitos a tendencia à máxima redução dos limites de idade, deriva da necessidade de conservar nos quadros apenas individuos na plenitude da força e da flexibilidade requerida pela função; porque estes exercitos não são já organismos da finalidade restricta, mas centros irradiantes de cultura fisica e de energia actuante, mais do que isso, verdadeiras escolas práticas de disciplina comunicativa, da mais benefica repercursão social.

Mas para que o sejam, é indispensavel que cada um esteja onde deve estar pelas suas habilitações especiais e pela sua

categoria e competencia. *The right man in the right place*, — o melhor para o lugar —, encerra todo o segredo do triunfo, e no exercito, onde tudo indica divisão de trabalho, o conselho é de ouro. De resto, os aperfeiçoamentos trazidos às diferentes armas e serviços, nomeadamente á artilharia e infantaria, requerem não só a permanencia do official nos serviços da respectiva especialidade mas tambem todo o seu tempo e dedicação.

As exigencias da instrução tecnica multiplicadas por esses aperfeiçoamentos e a determinação de sub-especialidades, não se compadecem hoje com as ausencias prolongadas dos graduados das respectivas unidades; particularmente para os serviços burocraticos, aonde vão atrofiar as qualidades militares sem proveito notável para esses serviços que, embora de categoria mais modesta como esforço, demandam tambem continuidade e interesse.

As repartições militares encontram-se assim pejudicadas de officiaes cuja aptidão professional e habilitações scientificas se encontram desaproveitadas, diluindo-se na execução de serviços que, a não ser os de ordem tecnica, seriam regularmente desempenhados por simples amanuenses.

Existindo, porém, um quadro de officiaes e sargentos destinados á especialidade burocratica, é a estes funcionarios que compete a execução desses serviços.

De alguns sei eu que se encontram neles bem a seu pensar e até com sensível prejuizo economico, forçados por circumstancia bastante atendiveis. Assim, se a minha voz encontrasse éco nas estações superiores, sem abdicar do meu principio, que é, antes de tudo, o de servir o Exercito, aconselharia a substituição desses officiaes pelos do Secretariado Militar, sem prejuizo de justos interesses e sem desprêzo de competencias aproveitáveis, gradualmente, á medida que, por promoção, por vontade propria ou por incapacidade, aqueles tivessem de abandonar os lugares que exercem.

Nas repartições ficariam apenas, como auxiliares dos chefes respectivos para os assuntos de caracter tecnico-instrução, concursos, etc., os officiaes estritamente indispensáveis á sua execução. Dentro de alguns anos tudo estaria em ordem, sem prejuizos para ninguem, sem perturbar serviços, e beneficiando até muitos que, dando á sinergia nacional a honrada coope-

ração do seu esforço e da sua intelligencia, adquirem por isso mesmo o direito de tambem terem aspirações.

O nosso processo de escrita carece de remodelação, de uniformidade e de simplificação. Todos reconhecemos quanto é nuns casos prolixo ou pleonastico, noutros deficiente. Conviria efectuar essa reforma, do que resultaria para a Fazenda uma sensivel economia, adoptando um sistema de mapas e verbetes, como vimos empregar no Exercito Inglês, que ainda tem mais alguma cousa do que a esgrima digna de aproveitamento.

Essa reforma porem não trará todos os seus beneficios se previamente não forem entregues os serviços burocraticos, administrativos e de justiça ás entidades competentes, — as da-especialidade.

Isto determinaria a mais completa unidade de vistas e o meio de se chegar à simplificação desejada.

A colocação dum official do S. M. em cada unidade activa, já não é principio a defender, porquanto a sua necessidade tem sido reconhecida e até denunciada por alguns comandantes, existindo já o precedente. O mesmo direi do lugar de ajudante nas unidades de reserva, meramente burocratico, e o de secretario dos D. R. que pela sua importancia e serviços exige a nomeação dum official do activo do Secretariado; pensamento aliás consignado no respectivo regulamento.

Em todos estes cargos este official seria delegádo nato da repartição de Estatística, que eu creio não deixará de ser criada junto do Ministerio da Guerra, e que mal se comprehende que ainda não exista como subsidiaria da Estatística Geral do Estado.

Creio ser logico reivindicar para o Secretariado o fornecimento de impressos ao Exercito, e como consequencia a direcção dos serviços graficos.

A estatística ficaria sob a Direcção dum official superior do Estado Maior, tendo como auxiliares capitães e subalternos do Secretariado, — Chefes de secção e adjuntos.

Junto do Ministerio da Guerra deveria funcionar uma Secretaria Geral, cujo Chefe, o Secretario Geral, seria um coronel do S. M., despachando pessoalmente com o Ministro e sendo para com êle directamente responsavel pelas tres repartições que constituiriam essa Secretaria.

Estas repartições numeradas de 1 a 3 com as atribuições das actuais 1.^a e 5.^a da 1.^a Direcção e 1.^a da 2.^a Direcção, teriam como chefes oficiais superiores do S. M., que regulariam a sua promoção pela do oficial do mesmo posto e antiguidade, no quadro menos favorecido do grupo composto pelas armas de cavalaria e infantaria e serviço de administração militar.

O tombo ou matricula dos officiaes do S. M. ficaria a cargo da 1.^a Repartição da Secretaria Geral, bem como todo o seu movimento: promoções, colocações, transferencias, pretensões, etc.

A esta repartição ficariam tambem adstritos os arquivos das actuais Direcções e a Biblioteca do Ministerio da Guerra.

A 5.^a repartição da 1.^a Direcção Geral continuaria chefiada pelo seu actual chefe e provisoriamente subordinada à 1.^a Direcção Geral, no caso de existir entre o Secretario Geral e aquele chefe a incompatibilidade prevista pela regra 3.^a do artigo 2.^o do Regulamento Disciplinar; integrando definitivamente na Secretaria Geral, logo que tal incompatibilidade houvesse desaparecido.

O quadro constitutivo dos seus officiaes, porem, só poderia ser substituido por officiaes do S. M. com o curso da especialidade ou com a pratica do serviço de justiça adquirida nos tribunais territoriais ou na 2.^a Repartição do Q. G. das divisões do Exercito.

A esta repartição incumbiria tambem a concessão de medalhas e recompensas, exceptuando as licenças de favor.

Mas onde a falta de officiaes especializados mais se sente, é na execução dos serviços de justiça. Os processos, apesar dos crivos por que passam, chegam frequentemente a julgamento affectados de nulidades que permitiriam à vontade arquivá-los e mandar em paz os delinquentes, se não se lhe anteposesse o honesto e vigoroso espirito de justiça que caracteriza os nossos tribunais. Ora nas sociedades modernas, aonde dia a dia se codificam maiores garantias às liberdades individuais e se fornece mais latitude às defesas, os juizes carecem da maior soma de provas e detalhes elucidativos da culpabilidade dos accusados para poderem em consciencia pronunciar o seu veridictum. Tambem é minha opinião que devia chegar aos tribunais apenas o conhecimento dos crimes devidamente

caracterizados e relegar para as infracções de disciplina, embora agravando as respectivas sanções, aqueles actos pseudo-criminosos que em regra são ali absolvidos ou punidos com insignificantes penas disciplinares.

Impõe-se por isso a criação de brigadas de justiça, de que se fez a experiencia no C. E. P., com o melhor exito. Estas seriam constituidas por subalternos do Secretariado, — tres ou quatro em Lisboa e Porto; dois ou tres nas restantes divisões. Estes officiaes poderiam acumular, consoante as exigencias do serviço, o lugar de adjuntos da 2.^a repartição dos Q. G., com o serviço exterior de investigações, levantamento de autos e o de secretarios de sindicancias, etc. Penso que seria o melhor meio de evitar os inconvenientes que resultam quasi sempre, menos da ignorancia do processo criminal, do que da falta de pratica, que, neste como em todos os serviços, é garantia de melhor execução.

Ha na organização do processo formalidades imprescindiveis a observar sob pena de nulidade, minusculos detalhes que escapam facilmente a quem não adquiriu na pratica o habito de associar todas as idéas referidas ao objecto essencial.

Assim, é frequente encontrar-se um processo elaborado com certa proficiencia, detalhado, minucioso, bem conduzido desde a primeira linha, com todas as provas do delicto evidentes: concordancia do depoimento testemunhal e da queixa, e até da declaração do réu, mas a que faltou em tempo oportuno, por inadvertencia ou ignorancia, um simples exame de peritos... Méra formalidade em muitos casos, mas cuja preterição fere de nulidade o processo.

Junto da Secretaria dos tribunais deveria ser colocado um official adjunto, especialmente destinado ao serviço de expediente e com a faculdade de lavrar termos nos processos na ausencia do secretario e de substitui-lo nos seus impedimentos legais.

Dizem-me que esta necessidade foi já reconhecida nas estações superiores e que será oportunamente atendida.

Basta considerar o movimento destas secretarias, que o ano passado atingiu em cada um dos tribunais de Lisboa umas cinco mil notas e officios, para não falar na massa de processos que diariamente ali circula, na deficiencia de meios

de execução por imperfeita preparação dos amanuenses e suas frequentes substituições, para se reconhecer a impossibilidade de executar serviços de tanta magnitude e responsabilidade, com aquele cuidado, ponderação e método que se requer.

Os secretários seriam capitães e assinariam todo o expediente ordinario; o que de facto succede já, embora não conheça disposição regulamentar que o determine.

A pratica dos serviços de justiça deveria ser condição a exigir aos candidatos não formados em Direito, para a sua admissão aos concursos de promotor e de defensor junto dos tribunais militares.

A 2.^a repartição dos Q. G. deverá ser definitivamente chefiada por capitães do S. M. e pertencerem tambem a este quadro os seus adjuntos e amanuenses.

Em regra os officiaes do Secretariado, segundo os lugares que desempenhem, deverão contribuir officiosa ou obrigatoriamente com todos os elementos de que disponham para a boa execução dos serviços de estatística, devendo incluir-se no programa da Escola Preparatoria de Officiaes do Secretariado o ensino desta especialidade.

As indicações que aí ficam não reflectem apenas o meu particular modo de vêr; são, duma maneira geral, a aspiração dos officiaes do S. M. e o pensamento de mais dum official do Estado Maior com quem sobre o assunto tenho falado. Dentro mesmo da Commissão de Reorganização do exercito conta o meu quadro alguns dos seus melhores amigos, que em mais duma circumstancia teem demonstrado o apreço em que teem os nossos serviços, independentemente da estima pessoal que lhes mereça um ou outro dos meus colegas e a justiça que façam ás suas qualidades de trabalho.

Creio prestar um serviço, ainda que modesto, publicando estes apontamentos, que ousou dirigir à Ex.^{ma} Commissão de Reorganização do Exercito. Do conjunto dos seus esforços sairá decerto uma organização mais perfeita; mas não ha conjunto perfeito com desprêzo do aperfeiçoamento dos detalhes. Os serviços burocraticos e de justiça que nem sequer são um detalhe insignificante, precisam ser devidamente organizados.

Não é logico que existindo um quadro de officiaes e sar-

gentos para o serviço das secretarias, seja este o que menos contribua para a execução desses serviços.

A estatística dum exercito em tempo de paz deve ser sensivelmente igual à dum exercito em prevenção de combate. Precisamos de integrar-nos na nossa função, definir as especialidades e dentro delas agir em concordancia com o pensamento geral. É indispensavel que cada um de nós ocupe o seu posto e se mantenha nele devotadamente, na convicção de que, se na dinamica social ha funções de desigual relevo, todas se equiparam na nobreza de esforço, quando teem no sentimento do Dever o fulcro da sua força propulsora.

E o nosso dever é dignificar a função e prestigiar o Exercito.

M. G. CRUZ ANDRADE.

Tenente do Secretariado Militar

Obras oferecidas

1 BELLESCIZE H. DE — **Études de quelques problèmes de radiographie**, um vol. 8.º, 174 pp. Paris (Gauthier-Villars) 1920.

Dedicado ao general Ferrié, o sábio especialista francês de radiografia, que tantos progressos nela conseguiu realizar como seu chefe supremo durante a guerra, é este livro um conjunto de apontamentos sobre problemas diversos que ao autor se ofereceram na prática do serviço de telegrafia sem fios, e que elucidaram a seus olhos alguns princípios importantes dum assunto, conforme êle diz, ainda muito obscuro há apenas 6 ou 7 anos.

Ao contrario do livro de Viard, que adiante mencionamos, é este um estudo da mais alta especialização e transcendência, versando as questões teóricas com um superior conhecimento das deduções e das fórmulas matemáticas applicáveis no vasto campo das ondas hertzianas. Infelizmente não é um tratado didactico completo e concatenado, como seria para desejar da competência acusada pelo autor neste ramo tão novo, e tão difficil ainda da sciência.

Os onze capitulos que compõem a obra tratam de assuntos desconexos, confessando o autor que apenas lhes deu a ordem cronológica em que se foram sucedendo no seu espirito, à medida que os problemas se ofereciam na prática diária.

É portanto um livro que, sobre esses pontos restritos que versa, poderá ser de grande utilidade a quem tiver de estudar problemas análogos, mas deixa evidentemente sem solução muitíssimos outros de igual ou porventura maior importância.

Alem disso —, e não sabemos por que motivo —, o autor julgou dever eliminar completamente tudo que se referisse às applicações militares da radio-telegrafia, de modo que o interêsse especial para os serviços do exército ou da marinha se torna muito menor do que seria se aquella restrição não tivesse sido posta em prática, o que hoje se nos afigura não teria já inconveniente algum, tanto mais que nestas questões é sempre difficil confiar que o sigilo militar seja eficazmente mantido, pois as vicissitudes das operações de guerra constantemente estão pondo à mercê duns ou outros combatentes os recursos de que fazem uso os dois campos opostos.

Êstes capítulos são, muitos deles, reprodução de artigos publicados pelo autor no jornal da especialidade *La lumière électrique*; outros são extractos resumidos de artigos semelhantes, e outros enfim notas originaes.

Como dissemos acima, este livro é de molde a elucidar consideravelmente as questões de que se ocupa, à luz dos princípios teóricos, e para uso dos especialistas sufficientemente versados na fisica-matematica e nas respectivas fórmulas no domínio das manifestações diversas de energia electrica.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

2. VIARD HENRI. — **Vocabulaire en cinq langues avec les définitions officiellement adoptées et un répertoire alphabétique. T. S. F.** — um volume 8.º oblongo, 108 pp. Paris (Gauthier-Villars) 1920.

A telegrafia sem fios está evidentemente destinada a um grande futuro, e não tardará talvez o dia em que ela venha a suplantar quasi por completo os outros meios de transmissão do pensamento, telégrafos e telefones ordinários. Uma vasta rede de comunicações hertzianas envolve já grande parte do globo, e em breve o envolverá na sua total extensão, estabelecendo uma confraternidade mental entre todos os povos e nações do mundo. É por isso este serviço um dos mais acentuadamente internacionais, em que as diferenças de línguas mais tem de ser vencidas, por uma interpretação que a todos se torne facilmente comprehensível.

É para facilitar a resolução prática deste problema, cada vez mais frequente, que se publicam livros como este a que nos referimos aqui, em que H. Viard, auxiliado por Koubli, Savine, e Cesana, compilou um grande número de termos relativos à radiotelegrafia, em francês, inglês, alemão, espanhol e italiano.

Além do simples vocabulário paralelo destas cinco línguas, encontram-se as definições ou pequenas notícias explicativas de muitos dos termos mencionados, em inglês e em francês. E para tornar fácil a consulta e a utilização do livro, um índice alfabético muito bem concebido permite encontrar o que se deseja, sabendo apenas a palavra respectiva em uma qualquer das cinco línguas.

Não só como vocabulário da equivalência entre os termos técnicos nas cinco línguas, mas ainda como verdadeiro *aide-mémoire* ou dicionário tecnológico dando prontamente e em breves palavras a explicação

ou a definição desses termos, é este um livro muitíssimo aproveitável.

Estas definições são em grande parte derivadas do *British Electro-technical Committee's Revised Report*, 1914, e da *International Electro-technical Commission*, 1908.

Outras são da obra de Scriven, *Radiotelegraphy* (Washington, 1915) ou ainda de *Yearbook of Wireless Telegraphy and Telephony* editado pela «Marconi Press».

Por último, insere em oito páginas o código Morse internacional e bem assim o Morse usado na América, com várias regras e preceitos mnemónicos, segundo Fleming, para mais rapidamente fixar esses sinais. (Notaremos de passagem que esqueceu imprimir no lugar respectivo o sinal de *traço de fracção*).

Por todos os motivos expostos vê-se que é este livro de grandíssima utilidade para todos os que, a qualquer título, tenham de lidar com radiotelegrafia prática, e sobretudo com a transmissão de radiogramas.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

F. O.

Material de artilharia. Polvoras e explosivos — Compilado e coordenado em harmonia com o programa oficial por ANTÓNIO JOSÉ MARQUES, tenente ajudante do R. I. R. n.º 1.

Num volume de pouco mais de 300 páginas compilou o tenente A. J. Marques as noções elementares que, sobre material de artilharia, pólvoras e explosivos, devem ser ministradas aos alunos da Escola Central de Sargentos.

Linguagem clara, exposição metódica, tipo bem legível, numerosas figuras esquemáticas, elucidando o texto, tais são as características que o livro apresenta à primeira vista e que satisfazem realmente aos requisitos indispensáveis a um compêndio que se destina a indivíduos cujo grau de ilustração é, por via de regra, pouco elevado.

Na primeira parte — *Material de artilharia* — trata sucessivamente das bocas de fogo, reparos e outras viaturas, munições e artificios, terminando por uma descrição sumária do material de artilharia das várias espécies em uso no nosso exército.

A 2.ª parte — *Pólvoras e explosivos* — abre por uma «Noção histórica», a que se seguem noções elementares de química, classificação dos explosivos e das pólvoras, e ideas gerais sobre o fabrico das pólvoras negras e sem fumo, e termina por noções sumárias sobre a dinamite e os altos explosivos.

Devendo ser duma grande utilidade para os alunos da Escola a que é destinado, o trabalho do tenente Marques, cuja oferta muito agradecemos, representa um notável exemplo a seguir por todos aqueles dos nossos camaradas a quem está confiada a instrução dos sargentos, que bem merece se lhe dedique uma atenção muito especial para que seja verdadeiramente útil e se não torne, pelo contrario, por exagero de matéria ou por deficiência do ensino, absolutamente improficua para o fim essencialmente pratico que se deve ter em vista.

L. M.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

A nova organização do exercito. — Pela nova organização, o exercito alemão é constituído por 7 divisões de infantaria e 3 de cavalaria. Cada divisão de infantaria tem a seguinte composição :

- a) O *comando*, compreendendo um estado maior, um comandante da infantaria divisionaria e pioneiros, e um comandante da artilharia.
- b) As *tropas* são constituídas por: 3 regimentos de infantaria, cada um a 3 batalhões de 4 companhias (sendo uma de metralhadoras pesadas — 12 metralhadoras); um batalhão de complemento; uma companhia de minenwerfer adstrita a cada regimento de infantaria; um regimento com 3 grupos de 3 baterias a 4 peças (2 baterias de peças de 7,cm7 e 1 bateria de 10,cm5); um esquadrão de cavalaria divisionaria; um batalhão de pioneiros com 3 companhias; um destacamento de elementos de ligação com 2 companhias; um destacamento do trem; um destacamento automovel; e um destacamento sanitario.

Nos batalhões de infantaria cada uma das 3 companhias dispõe de 5 metralhadoras ligeiras. Na artilharia divisionaria os *grupos de baterias* são mixtos, compreendendo 2 baterias de peças e uma bateria de obuses.

A divisão fica tendo, portanto, 24 peças de 7,cm7 e 12 obuses de 10,cm5, não contando com as 3 companhias de minenwerfer (uma por cada regimento), o que corresponde a 4 bocas de fogo de artilharia por cada batalhão, ou sejam umas 6 bocas de fogo por cada 1.000 infantantes.

Constituição de uma divisão alemã em harmonia com a nova organização do exercito. — Pela organização que começou a ser posta em execução em 1 de janeiro de 1921, uma divisão no pé de paz tem a seguinte composição :

- a) Comando da divisão e Q. G.
- b) Comandante da infantaria, tendo sob as suas ordens: 3 regimentos, 3 companhias de sapadores e 1 secção de projectores.
- c) Comandante da artilharia, tendo sob as suas ordens: 1 regimento de artilharia.
- d) 1 esquadrão de cavalaria com duas metralhadoras ligeiras.
- e) Um grupo de comunicações com duas companhias, uma tendo uma secção de pombos-correios e a outra uma secção de escutas. As companhias tem telefones e T. S. F.

- f) Um parque, com 2 grupos, sendo um hipomovel e outro automovel.
g) Um destacamento sanitario.

— Cada regimento de infantaria tem 3 batalhões, uma companhia lança-minas e um deposito; cada batalhão tem três companhias com quinze metralhadoras ligeiras cada uma, pertencendo às companhias, e uma companhia de metralhadoras pesadas com 12 maquinas.

O regimento dispõe assim de 57 metralhadoras.

As companhias lança-minas tem 9 lança-minas ligeiros e 3 pesados.

— Cada companhia de sapadores pertence administrativamente a um batalhão e dispõe de duas metralhadoras ligeiras.

— O regimento de artilharia tem 3 grupos e 1 bateria de deposito; cada grupo compõe-se de duas baterias de 4 peças e uma bateria de obuses. Cada bateria tem 4 peças e duas metralhadoras ligeiras.

Austria

Reorganização do exercito. — O exercito austriaco passou a ser constituido em *brigadas mixtas*, tendo cada uma a seguinte composição:

2 regimentos de infantaria a 3 batalhões e estes a 3 companhias e um destacamento de ligação; um batalhão ciclista (2 companhias); um esquadrão de cavalaria; um grupo de artilharia com 4 baterias; um destacamento de equipagens de pontes e um destacamento de projectores.

Os efectivos de cada brigada são: 2.200 espingardas, 75 cavaleiros, 84 metralhadoras ligeiras e pesadas, 12 peças de campanha (sendo 4 pesadas), 8 minenwerfer pesadas e 200 homens dos serviços técnicos.

O exercito austriaco ficará reduzido a uns 30.000 homens no pé de paz, sendo 1.500 officiaes, 2.000 sargentos, 26.500 praças e 1.000 empregados ou funcionarios (*Revue d'Infanterie*).

Belgica

Reorganização das escolas militares. — Foram recentemente criadas *escolas militares* para as armas de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia, verdadeiras *escolas de applicação* das armas.

Cada uma destas escolas comprehende:

Um estado maior; um centro de estudos técnicos; uma escola de aperfeiçoamento para alferes; uma escola para alferes da reserva; uma secção de sargentos instrutores; e uma unidade administrativa.

O *centro de estudos técnicos*, a que estão adstritas tropas de instrução, tem por fim estudar, ensaiar e experimentar o material da respectiva arma, especialmente o armamento, equipamento, engenhos especiais, assim como a técnica e a tactica da arma; isto é, em cada escola constitue-se uma *comissão de aperfeiçoamento da arma*.

A *escola de aperfeiçoamento* ou de applicação tem por fim completar, com uma feição pratica, a instrução profissional dos officiaes recentemente promovidos e saídos da escola militar de Bruxelas, fazendo-os executar os diversos serviços da arma, o serviço interno e administrativo de uma unidade, completar e aperfeiçoar os seus conhecimentos eques-

tres (na cav.^a e art.^a), de maneira a puderem ir para os corpos em condições de bem desempenharem os serviços de subalterno.

A *escola de oficiais de reserva*, tem por fim recrutar e formar oficiais subalternos dos quadros de reserva.

A *escola de sargentos*, propõe-se formar sargentos diplomados como instrutores para a sua arma, unificando os métodos de ensino. Os sargentos devem ser voluntarios ou readmitidos e ficam obrigados a servir por mais 2 anos depois de terminado este curso.

— São ainda organizados *curros de informação* para oficiais nos centros de estudos técnicos, de modo que os oficiais das diversas armas conheçam as teorias, métodos e processos novos de combate, assim como todos os aperfeiçoamentos e engenhos novos a empregar. A escola militar de Bruxelas continua a formar os oficiais das armas de inf.^a e cav.^a (2 anos), e de artilharia e engenharia (4 anos e meio).

Como se vê, o exercito belga vai entrar numa fase de grande actividade de modo a estar em condições de poder cooperar numa luta próxima, a que por ventura se veja obrigado.

— Ainda ha uma *escola de cadetes* (colegio militar) em Namur, que prepara os candidatos à admissão na escola militar de Bruxelas.

A *escola de guerra* de Bruxelas, onde se ministra o ensino militar superior, é destinada a formar *oficiais de estado maior* e a difundir os altos conhecimentos militares, sendo a duração do curso de 3 anos.

— Foi tambem adoptada uma medida de alta importancia. Os oficiais que tenham os seus cursos de informação passam a fazer serviço numa arma diferente da sua, incluindo o serviço aeronautico.

Os tenente-coroneis e coroneis que tenham concluido os seus cursos de preparação para poderem ser promovidos a generais são em seguida destacados para um *estado maior*.

Uma nova peça de acompanhamento da infantaria. — Os belgas teem construido uma nova peça ligeira para acompanhar a infantaria em todas as circunstâncias, conservando as características dos morteiros de acompanhamento.

A peça é pequena e pode facilmente dissimular-se, collocando-se numa trincheira, mesmo da 1.^a linha, e podendo ser manobrada com uma equipe de 4 homens, que são de infantaria. Emprega 2 projecteis: um de 19 e outro de 36 kg., com os quais pode bater e destruir os centros de resistencia num raio de 2 km. É uma peça de grande precisão pois o desvio em alcance não vai alem de 3 metros, e a estabilidade é tão grande que, obtido o primeiro empate sobre o objectivo, o fogo de eficacia pode continuar sem haver necessidade de sucessivas correcções. A peça pode deslocar-se numa pequena plataforma de modo a fazer um giro completo no plano horizontal. A nova boca de fogo destinada a substituir a peça de 37^{mm} e os morteiros de acompanhamento, está destinada a fazer uma grande revolução no armamento, vindo aliviar a artilharia da luta proxima, e ficando então esta mais livre para actuar às grandes distancias. A construção da nova boca de fogo é rapida e o

seu preço muito reduzido. Não se conhecem ainda todas as suas características, pois o seu fabrico está sendo feito com o maior segredo.

Metralhadoras empregadas durante a guerra no exercito belga. — No exercito belga foram empregadas as metralhadoras: *Hotchkiss, Colt, Maxim, Lewis* e *Vickers*. A metralhadora Hotchkiss foi considerada a mais simples e mais resistente, sendo de fabrico facil, de regular funcionamento, facil de limpar, e cujo aquecimento durante o tiro é muito lento, e sendo rapida a substituição do cano. Oferece ainda a vantagem de permitir muito bem o tiro indireto, o que não succede com a Colt.

A metralhadora Maxim, em virtude do deposito refrigerante, é facilmente alvejada e inutilizada. Os inglêses consideravam a Vickers superior à Lewis. Ambas estas metralhadoras foram especialmente empregadas na aviação, dando bons resultados.

Espanha

Exercicios da 2.^a brigada da 3.^a divisão de cavalaria. — No mês de outubro p. p. foram iniciados exercicios de reconhecimento e de resistencia, que duraram 4 dias, e levados a efeito por pelotões dos regimentos de cavalaria *Borbon, España* e *Talavera*, que constituem a dita 2.^a brigada, os quaes percorreram aproximadamente 240 km. por estradas, caminhos de carro e caminhos de pé posto.

Os pelotões eram precedidos de *patrulhas de oficial*, saindo das suas respectivas guarnições no dia 25 de outubro. As patrulhas puseram-se em marcha às 12 horas e os pelotões às 14.

A patrulha do *regimento Borbón* percorreu no 1.^o dia 57 quilometros, desde as 12 horas até às 18^h e 30^m; no 2.^o dia percorreu 85 qm., desde as 6^h até às 22^h, tendo tido um descanso de 3 horas; no 3.^o dia percorreu 104 qm., desde as 5^h até às 22^h e 15^m, tendo tido um descanso de 3 horas; no 4.^o dia percorreu 27 qm., desde as 9^h até às 11^h e 50^m, em que chegou a Burgos. O percurso total desta patrulha foi de 273 quilometros em 36 horas e 35 minutos de marcha efectiva.

O pelotão do mesmo regimento percorreu no 1.^o dia 53 qm., no 2.^o 61 qm., no 3.^o 84 qm., e no 4.^o 24 qm.; respectivamente em 8 horas, 11^h e 30^m (tendo 1^h e 30^m de descanso) 14^h (tendo 1^h e 30^m de descanso) e 4^h, indo pernoitar a Burgos. Percorreu portanto 222 quilometros em 34^h e 30^m de marcha efectiva.

A patrulha do *regimento de España* percorreu no 1.^o dia 55 qm. em 7^h, tendo tido um alto de 1 hora; no 2.^o dia percorreu 104 qm., em 16^h, tendo tido 2 horas de descanso; no 3.^o dia percorreu 104 qm., em 16^h, tendo tido um descanso de 2^h e 30^m; no 4.^o dia percorreu 14 qm., em 4^h e 5^m, vindo pernoitar a Burgos.

O percurso total foi de 277 qm., em 37^h e 35^m de marcha efectiva.

O pelotão do mesmo regimento percorreu no 1.^o dia 60 qm., no 2.^o 78 qm., no 3.^o 59 qm., e no 4.^o 13 qm., respectivamente em 7^h e 30^m, 13^h

(com descanso de 2^h e 30^m), 9^h e 30^m (com descanso de 2^h e 30^m) e 5^h e 25^m (com um descanso de 4^h).

Percorreu, pois, 210 qm., em 26^h e 25^m de marcha efectiva.

A patrulha do *regimento de Talavera* percorreu no 1.º dia 72 qm., em 9^h e 15^m (tendo um alto de 1^h e 30^m); no 2.º dia 61 qm., em 14^h (com descanso de 3 horas); no 3.º dia 69 qm., em 14^h e 30^m (com descanso de 3 horas); no 4.º dia, 37 qm., em 6^h 55^m (com descanso de 30^m), pernolando em Burgos.

Percorreu, pois, 239 qm., em 36^h e 40^m de marcha efectiva.

O pelotão do mesmo regimento percorreu no 1.º dia 48 qm., no 2.º 77 qm., no 3.º 58 qm., e no 4.º 32 qm., respectivamente em 5^h, em 12^h (com 1 hora de descanso), em 8^h (com descanso de 1 hora) e 8^h e 15^m.

Portanto fez nos 4 dias 215 qm., em 31^h e 15^m de marcha efectiva.

Patrulhas e pelotões terminaram os seus percursos no campo de instrução de Gamonal, onde se encontrava o general Monfroy da 2.ª brigada com o seu quartel general, e com os coroneis comandantes dos 3 regimentos e numerosos officiais.

Os cavalos, ao chegarem ao campo, ainda executaram um percurso de 1 qm., a galope largo, sendo em seguida examinado o seu estado e verificada a sua temperatura. Alguns cavalos tinham pequenas *assentaduras*.

A patrulha que primeiro chegou ao campo foi a do regimento de España e a ultima foi a do regimento Talavera. Mostraram grande resistencia os cavalos com 18 e 19 anos de idade, sobrelevando-se a outros muito mais novos.

Metralhadora Colt. — Nos exercicios realizados em maio p. p. na escola central de tiro, reconheceu-se que a metralhadora Colt adquirida para o exercito espanhol, tem um funcionamento máu, pois com as 9 metralhadoras então em exercicio, não se conseguiu realizar uma serie completa, e as interrupções no tiro foram tão frequentes, que a velocidade media do tiro não passou de 38 tiros por minuto. Reconheceu-se que o cano aumentava a temperatura na razão de um gráu por cada tiro durante os 100 primeiros tiros, baixando um pouco nos tiros seguintes.

Nestas circumstancias a temperatura do cano é excessivamente elevada e a dilatação quasi que faz desaparecer as estrias do cano.

Desta sorte torna-se indispensavel dar repouso às peças para que estas arrefeçam e voltem ao seu estado normal, ou então ter-se-á de tirar o cano e substituir por outro, o que leva um certo tempo e sempre obriga a suspender o fogo.

Reconheceu-se ser mais pratico retirar do fogo toda a maquina, deixando só o tripé, e substituindo-a por outra.

Pelo contrario, a metralhadora Hotkiss deu melhores resultados. Consta de poucas peças, pesa 12 quilogramas, e pode dar 600 tiros por minuto.

O mestre espingardeiro da escola de tiro está construindo uma metralhadora da sua invenção, que parece dar resultados muito satisfatorios.

Concurso de obras militares. — Com o fim de incitar os oficiais a aumentar os seus conhecimentos militares, a difundir os que possuem, pondo-os ao alcance dos outros oficiais, e a aperfeiçoar o conhecimento das diversas materias profissionais, foi aberto concurso, entre os generais, oficiais superiores e subalternos para a publicação de livros, que não poderão ter mais de 150 a 160 paginas, em 4.º menor, e com letra de tipo 9, tratando dos seguintes assuntos:

1.º — Descrição geografico-militar de uma região de Espanha, onde se tenham realizado feitos de armas importantes nos séculos 18.º e 19.º, e descrição das operações realizadas, com a análise crítica sob os pontos de vista orgânico, estratégico e tactico.

2. — Considerada a necessidade de uma instrução e educação militar completa de todos os cidadãos válidos, e no menos tempo de permanencia nas fileiras, determinar as transformações que devem sofrer as escolas militares de instrução em seus metodos e processos pedagogicos para o aperfeiçoamento e militarização dos seus alunos, em harmonia com os recursos economicos da nação.

3.º — As instituições militares nas organizações sociais do século xx, abrangendo — a) o exercito na Nação; b) o exercito em si mesmo; c) o exercito e a Nação na guerra.

4.º — Missão politica e tactica das forças indigenas na zona de penetração espanhola ao Norte de Marrocos. Cooperação e articulação tactica das tropas europêas com as indigenas num futuro exercito colonial.

5.º — Nacionalização das industrias a cargo do Corpo de artilharia. Maneira de assegurar a obtenção das matérias primas em caso de guerra. Mobilização industrial.

— Alem destes assuntos, de caracter geral, ha ainda a tratar de assuntos particulares a cada arma. Assim para a arma de infantaria haverá a tratar: Organização e instrução mais adequadas a uma infantaria dotada do armamento e material modernos, e características do combate das diversas unidades.

— Os trabalhos devem ser originaes e ineditos, e as obras devem ser apresentadas num praso de 6 meses. Entre os trabalhos referentes a cada assunto, o que fôr classificado em primeiro lugar terá um premio de 3.000 pesetas. Se entre as obras premiadas houver alguma que, pela sua originalidade, utilidade e possibilidade de se pôr rapidamente em prática as suas idéas, constitua um serviço importante prestado ao pais, essa obra terá um prêmio extraordinário (além do ordinário) de 5.000 pesetas, sem prejuizo de outra distinção honorifica que o governo deva conceder. Poderão conceder-se *accessits*; poder-se-á dividir o premio por duas ou mais obras consideradas em igualdade de circunstancias, e as obras recomendaveis, assim serão declaradas no *Diario Oficial*.

As idéas do sr. Lerroux acerca da organização do exercito espanhol. — Sob o ponto de vista da lei do *recrutamento*, o sr. Lerroux emite a opinião que a *duração do serviço nas fileiras* deverá ser de 3 anos, mas só no 1.º ano é que deverá ser ministrada uma instrução mili-

tar intensiva, devendo as tropas nos dois ultimos anos dedicar-se a trabalhos de interesse geral, como sejam — organização do cadastro, reparação e abertura de novas estradas, abertura de canais de irrigação, arroteamento de terrenos incultos, etc., devendo-se intercalar neste espaço de tempo curtos periodos de manobras militares (escolas de repetição).

Evidentemente prefere a execução destes trabalhos a um licenciamento puro e simples, em que cada um fosse livremente exercer os seus misteres, porque, segundo a sua maneira de ver, os soldados conservando-se enquadrados, contraem por mais tempo os habitos da disciplina, e soldados e officiaes tem mais occasião de se conhecerem mutuamente.

Quer ainda o sr. Lerroux que o 1.º ano de instrução seja ministrado em acampamentos ou campos de instrução para tornar esta mais proficua.

O sr. Lerroux, inspirando-se na rapidez com que se constituíram numerosos exercitos por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos na recente guerra, julga sufficiente o ano de instrução intensiva, não ponderando porém quanto as primeiras forças improvisados da Inglaterra deixaram a desejar assim como os seus quadros, dando lugar a verdadeiros desastres, que não tiveram consequencias fatais pelos socorros prestados pelos francezes.

Além disso a instrução dada durante a guerra é melhor assimilada que no tempo de paz. Todos se compenetraram da necessidade de aprender a tirar o melhor partido das armas de que se tem de servir, pois assim aumentam as probabilidades de escapar à morte, matando o inimigo.

Ainda o sr. Lerroux admite a hipotese que o territorio da Espanha é de facil defesa, quer o ataque venha do lado dos Pirineos, quer do lado de Portugal, não havendo a preocupação de um ataque serio por mar, porque, diz ele, «as operações por mar são hoje quasi impossiveis».

Isto parece ser um equivoco, quando se trata de um país com extensas costas maritimas.

Ainda Lerroux emite a opinião que a guerra é hoje mais uma *sciencia* do que uma *arte*, o que nos parece um exagero, pois apesar de ter tomado um character scientifico na sua preparação e meios de acção, constituirá ainda uma arte quanto se trata do emprego destes meios de acção.

Estados Unidos

Ração de reserva. — A *ração de reserva*, destinada a suprir a ração normal, em todas as circumstâncias em que esta não pode ser fornecida às tropas, é indispensável que constitua uma dotação individual; isto é, que seja transportada pelos homens.

Os americanos destinaram 2 rações de reserva para cada homem, as quais os homens levavam acondicionadas em caixas de fôlha para

evitar a sua inutilização pelos gases, quando o inimigo empregasse êstes no ataque.

Como é indispensável não sobrecarregar muito os homens, procurou-se uma ração leve e compacta, para não tomar muito espaço.

A ração de reserva adoptada tinha sido o resultado de longas experiências realizadas muito antes da guerra.

A primeira ração de reserva, que tinha sido proposta, fôra dada a seguinte composição:

Toucinho 287^{gr},5, pão abiscoitado 460 gr.; farinha de grão 115 gr.; sal, 14^{gr},375; pimenta, 11^{gr},5; café, 57^{gr},5; açúcar 115 gr.; tabaco, 14^{gr},375.

O pêso total desta ração era de 1.060^{gr}875 (fôra o tabaco), e correspondia a 4.100 calorias. A prática mostrava que esta ração era excessiva, e que metade dela era suficiente para manter os homens em boas condições físicas durante um periodo de marchas activas (33 km. em média por dia).

Tinha porêm o inconveniente de não se conservar por muito tempo, naturalmente pelo seu mau acondicionamento. Fabricou-se então uma outra ração, chamada *ração Armour*, do nome da casa que a fabricava, e que era constituída por 3 pacotes contendo cada um 28^{gr},75 de carne sem gordura, sêca e reduzida a pó e que se mistura com 57^{gr},5 de farinha de trigo; e 3 pastilhas, de 28^{gr},75 cada uma, de chocolate e açúcar, em proporções iguais. A ração que é metida numa caixa de fôlha, tem o pêso de 345 gr. e pode conservar-se durante 20 anos sem se alterar, e só o chocolate se torna um pouco mole.

Quando as tropas americanas embarcaram para França não levavam esta ração, mas uma outra, cuja composição era: toucinho (quando pudesse ser fornecido) 345 gr.; carne (em latas) 460 gr.; pão abiscoitado 460 gr.; café 32^{gr},20; açúcar 60 gr. Esta ração não foi julgada em boas condições e em junho de 1918 o general Perhsing pedia telegráficamente que lhe fôsem enviadas 1.000.000 de *rações Armour*, e em setembro pedia mais uma remessa de 3 milhões destas rações.

O pêso de 2 rações destas, e que o homem leva consigo, é de 690 gr., pêso inferior ao da primitiva ração de reserva, mas com o valor nutritivo suficiente para o homem se poder sustentar 2 ou 3 dias desta maneira.

Ao ter lugar o armistício, o govêrno americano tinha uma enorme quantidade da *rações Armour*, cujo custo era de 63,5 centavos, e que foram postas à venda por um preço inferior, especialmente para os caçadores, exploradores, navegantes, escuteiros, barcos salva-vidas, aeroplanos empregados na fronteira mexicana, etc. (*Memorial do E. M. do exército de Colombia*).

Escola de West Point. — No ano findo concluíram o curso 270 cadetes, sendo destinados 15 para o corpo de engenharia, 32 para cavalaria, 54 para artilharia de campanha, 43 para artilharia de costa, 124 para infantaria e 1 para os exploradores das Filipinas, tendo ficado sem destino um dos alunos.

No dia 1 de julho tinham sido admitidos na *escola militar* 600 aspirantes.

Promoção de generais. — Foram promovidos a generais 4 brigadeiros: James Mac Andrew, que foi chefe do E. M. do general Pershing e dirigiu a escola de E. M. em Langres; John L. Hines, que se portou heroicamente no combate de Brezy-le-Sec a 21 de julho de 1918; Henry T. Allen, que comandou o flanco direito das tropas de ataque no saliente de Saint Mihiel; e David C. Shanks, que dirigira o embarque de tropas em Hoboken.

Licenciamento de oficiais. — Desde 11 de novembro de 1918 até 21 de junho de 1920 tem sido licenciados 181.144 oficiais, que tinham sido nomeados pelas emergencias da guerra, sendo: 28 generais, 441 coroneis, 1.703 tenentes-coroneis, 9.151 maiores, 36.760 capitães, 60.431 tenentes e 72.600 2.^{os} tenentes. Muitos destes oficiais eram condecorados e alguns tinham sido feridos em combate, mas como não eram do quadro permanente, foram licenciados, voltando à vida civil.

França

Influência da vitória francesa sobre os exércitos estrangeiros.

— Após a vitória dos alemães em 1870-71, foram numerosos oficiais do exército vencedor chamados a ministrar a instrução militar em diversos países e muitos oficiais dos exércitos estrangeiros vieram seguir os cursos das diversas escolas militares alemãs. Agora, vitoriosos os franceses, são os oficiais da França que vão ministrar a instrução militar em diversos exércitos do mundo, em especial na América.

Há actualmente mais de 30 missões militares em países estrangeiros: no Brasil, no Perú, na Guatemala, no Uruguay, na Grécia, na Polónia, na Tcheco-Eslovaquia, etc. A missão militar da Polónia tem como chefe o general Niessel, e a da Tcheco-Eslovaquia é dirigida pelo general Pellé. Estas duas missões, que ao princípio tiveram um carácter de comando, transformaram-se depois em missões de instrução, e são as de maior importância. Outros oficiais encontram-se fora de França, ocupando-se da execução dos tratados de paz, e são delegados dos países da «Entente», como succede aos que estão na Alemanha, na Austria e na Bulgaria; ainda há numerosos oficiais franceses, fazendo parte das «comissões de limites», que tratam de fixar as fronteiras entre a Alemanha e a Polónia; entre a Alemanha e a Bélgica; entre a Polónia e a Tcheco-Eslovaquia; entre a Alemanha e a Dinamarca; entre a França e a Alemanha; entre a Itália e a Austria; entre este país e a Jugo-Eslavia; entre a Grécia e a Bulgária; e entre este último país e a Jugo-Eslavia.

Também são numerosos os oficiais estrangeiros que tem acorrido, após a guerra, às escolas francesas, sendo actualmente o seu número superior a 400. A Grécia contribuía com um número considerável, mas é provável que, com o regresso do rei Constantino, sejam mandados regressar ao seu país a maior parte destes oficiais, que se destinavam aos exércitos gregos da Thracia e da Asia Menor. A Belgica e a Romania tem também numerosos oficiais, ou nas escolas francesas, ou fazendo serviço nas diversas armas, elevando-se o seu número a mais de

50 para cada um destes países. A Finlândia e a Polónia tem mais de 30. A China tem quasi 20. Há ainda officiaes dos exércitos do Chili, da Dinamarca, do Japão, dos Estados-Unidos da América, da Grã-Bretanha, da Suecia, da Argentina, do Equador, da Holanda, da Noruega, do Perú, da Persia, da Sérvia, do Sião, da Suissa, do Uruguay, da Tcheco-Eslovaquia, e também Portugal tinha ha pouco um official seguindo o curso da escola superior de guerra. Nos 2 anos últimos desta escola encontram-se matriculados mais de 60 officiaes estrangeiros.

Muitas das nações apontadas já tinham officiaes servindo no exército francês antes da guerra. Entre elas podemos indicar a nossa vizinha Espanha, que de há muito envia os officiaes do seu exército a fazer serviço nas diversas armas do exército francês. Já em 1907, quando ali estivemos, convivemos com alguns officiaes do exército espanhol, e que se mostravam satisfeitos pelos conhecimentos ali adquiridos. O falecido general Brun, então ministro da guerra, declarava-me então que de bom grado receberia officiaes portuguezes; mas os nossos governos nunca tiveram tempo para pensarem nestas bagatelas.

Reorganização da escola de Saint-Cyr. — A grande guerra mais uma vez veio provar que, à medida que se desenvolvem os meios materiais e de carácter industrial e científico, maiores devem ser os conhecimentos a exigir aos que se propõem ser officiaes. E ainda também veio mostrar que se não pode tomar como axioma — «*é na guerra que se aprende a fazer a guerra*». Se isto fôra axiomático, só os officiaes que tivessem feito uma vez a guerra seriam os únicos aptos para comandar uma nova guerra. Ora isto não é assim. Na recente guerra viu-se que os homens que tinham preparado o seu espirito com estudos profundos, ou cursando a escola superior de guerra, ou sendo largos anos professores nesta e noutras escolas militares, é que evidenciaram grandes capacidades de comando. Assim o mostraram Foch e Pétain, professores de *tactica geral*, da escola superior de guerra; Fayolle, professor de *tactica de artilharia*, da mesma escola; Maud'huy professor de *tactica de infantaria*; Langle de Cary, professor também da escola superior de guerra; Debeney, professor desta escola e actualmente o seu director; Mauhuy e Lanrezac, ambos antigos professores de Saint-Cyr; Ruffey e Buat, ambos professores de *tactica de artilharia* da escola superior de guerra; e tantos outros que é inutil citar. Tanto o reconheceram assim os franceses que, ao terminar a guerra, voltaram às suas escolas a concluir os seus cursos, os officiaes que os não tinham concluido, alguns já capitães e ostentando várias condecorações ganhas nos campos de batalha, fazendo a guerra a valer. Agora mesmo se vai reorganizar a escola de Saint-Cyr (destinada a formar officiaes para as armas de infantaria e cavalaria), aumentando-se o seu plano de estudos e os conhecimentos a exigir para a admissão nesta escola. E' exactamente por haver grande inferioridade no plano de estudos de Saint-Cyr em comparação com o da escola politécnica, que a afluência de candidatos a esta escola é superior à que tem lugar naquella. Parece à primeira vista que isto é um contrasenso, e assim será nos países em que se procura obter um diploma,

fazendo o menor esforço. Em França, porém, os homens são mais práticos, e procuram preparar-se para a luta da vida, adquirindo os conhecimentos e as habilitações que lhes permitam seguir qualquer carreira lucrativa no caso de se verem obrigados a abandonar a vida militar, o que acontece a muitos saídos da escola politécnica (artelharia e engenharia).

Vão assim ser aumentados os programas das sciências físicas, químicas e matemáticas de Saint-Cyr. Alguns preconizam mesmo uma reforma mais radical, como seria a criação de uma *escola militar geral*, onde se ministrassem os conhecimentos gerais a todas as armas, e daqui fossem os alunos cursar *escolas de aplicação* das diversas armas.

Parece, porém, que esta maneira de ver não será por enquanto posta em pratica, limitando-se a reforma a dar maior desenvolvimento aos programas de Saint-Cyr.

Constituição do exercito francês. — O exercito francês está actualmente constituido pelas seguintes unidades:

A) *Infantaria* — 437 regimentos, sendo 377 de linha, 7 de zuavos, 10 de atiradores indigenas, 3 da legião estrangeira e 40 da infantaria colonial; 92 batalhões independentes, sendo 84 de caçadores e 8 de infantaria ligeira de Africa; 6 grupos de ciclistas.

B) *Cavalaria* — 92 regimentos, sendo 12 de couraceiros, 32 de dragões, 14 de úsares, 27 de caçadores (6 são de Africa e 7 de spahis); 17 grupos e 4 companhias de remonta.

C) *Artelharia* — 157 regimentos e 16 grupos de artelharia ligeira (145 montados, 2 de montanha, 10 mixtos coloniaes; 10 grupos de Africa e 6 grupos a cavalo para as divisões de cavalaria); 106 regimentos de artelharia pesada de campanha (20 com tractores, 73 hipomoveis e 13 de artelharia colonial); 30 regimentos de artilharia pesada de grande potencia; 8 regimentos de artelharia anti-aerea, 5 de trincheira e 10 de assalto, e 3 grupos de carros pesados de assalto.

D) *Engenharia* — 15 regimentos, além das unidades marroquinas.

E) *Aeronautica* — 3 grupos de aviação e 2 de aerostação.

Todas estas unidades constituem 22 corpos de exercito (20 na Metropole, 1 na Argelia e 1 colonial). Ha ainda a contar com as tropas de Tunis, Marrocos e Alsacia, e 6 divisões de cavalaria independente.

O *corpo de exercito* é constituido por 2 ou 3 divisões de infantaria, 1 regimento de cavalaria, 2 companhias de engenharia, uma esquadrilha de aviões, uma companhia de aerostação e a artelharia de corpo.

A *divisão de infantaria* é constituida por: uma *brigada de infantaria* com 3 regimentos, sob o comando de um general de brigada, e uma *brigada de artelharia* (4 grupos de 75^{mm}, 2 grupos de 155^{mm} e 1 grupo de trincheira) tambem sob o comando de um general de brigada; um ou mais esquadrões de cavalaria; 1 ou 2 companhias de engenharia; e os serviços auxiliares.

O esforço da França na guerra. — **Fabrico de armas e munições.** — Em 1914 as fabricas francêsas produziram 3.480 peças de arte-

lharia ligeira e 308 de artilharia pesada; em 1918 o fabrico aumentou extraordinariamente, pois se obtiveram respectivamente 5.000 e 5.500.

Em 1914 fabricavam diariamente 13.600 projecteis de 75^{mm} e 465 de 155^{mm}; em 1917 a produção diaria atingiu respectivamente 356.000 e 41.000.

Em 1914 havia 200 aviões, enquanto que em 1918 existiam 3.174. Neste ano havia 2.500 carros de assalto ligeiros e 100 pesados.

Efectivos mobilizados. — Antes da guerra o exercito francês tinha um efectivo de 817.000 homens, não contando com as tropas indigenas; de 1 a 15 de agosto de 1914 estavam mobilizados 2.287.000; até 1 de outubro tinham sido mobilizados 7.842.000. Tinham sido mobilizadas as classes de 1887 a 1919 inclusivè. As colonias forneceram 465.000 indigenas.

O novo regulamento tactico da cavalaria francesa. O regulamento tactico de cavalaria tem a data de 25 de junho de 1920, e veiu substituir as «Instruções» de 26 de maio de 1916, subscritas pelo marechal Pétain.

O novo regulamento foi elaborado por uma comissão dos mais illustres officiaes das *diferentes armas*, e que era constituida pelo general Debeney, presidente, que é actualmente o director da escola superior de guerra: generaes Feraud, Brecard e coronel De Partouneau, de cavalaria; coronel Hergault, de artilharia; major Sculfor, de infantaria; e como secretario, o major Petiet. Esta comissão, nomeada por um officio do ministro da guerra, datado de 2 de março de 1920, entregava os seus trabalhos de modo que em 25 de junho já o ministro da guerra aprovava o novo regulamento.

É bom frisar o curto espaço de tempo que a comissão levou a elaborar o regulamento.

A comissão, no seu «Relatorio» ao ministro, declara que se inspirou nos princípios exarados na nota do general comandante em chefe, de 3 de agosto de 1919, onde se sintetisa toda a acção da cavalaria: «*Esta é caracterizada pela possibilidade de transportar rapidamente e através de qualquer terreno, poderosos meios de fogo, associada a uma grande capacidade manobradoras*».

Assim a comissão estabelece como principio que — «*o processo normal de combate da cavalaria consiste na acção pelo fogo*». No novo regulamento tudo conduz á applicação deste principio, devendo o cavaleiro, sem perder as qualidades equestres que antigamente se exigiam, tornar-se no combate a pé emulo do melhor infante. Por isso na parte que trata da instrução individual do cavaleiro no combate a pé, na do grupo de combate, na da secção, companhia e batalhão, são seguidos, com pequenas differenças, os principios e instruções contidas no *regulamento tactico de infantaria* de 1 de fevereiro de 1920. O novo regulamento já não trata

do manejo da lança, por isso que esta arma foi suprimida na cavalaria francesa, como já tivemos ocasião de dizer.

Como o emprego da arma branca deixou de ser uma forma normal de combater, as formações e evoluções da cavalaria foram muito reduzidas e simplificadas. O novo regulamento admite ainda a possibilidade do ataque á arma branca para as pequenas unidades, taes como a secção (pelotão) e esquadrão. O tempo de instrução a cavallo é portanto reduzido para assim se aumentar o tempo de instrução do combate a pé. Quando uma unidade destina ao combate a pé parte das suas forças, o comandante da unidade assume sempre o comando das forças apeadas. O combate a pé da cavalaria é principalmente caracterizado pela grande extensão da sua frente, quando a situação não está ainda bem definida; mas pelo contrario, quando a situação é claramente definida, o dispositivo das forças é analogo ao adoptado pela infantaria: frente restrita e dispositivo em profundidade. O novo regulamento compreende 6 *titulos*. o 1.º estabelece os *principios geraes*, tratando das regras a observar na instrução dos quadros e da tropa; o 2.º, trata da *instrução individual* do homem a cavallo, do homem a pé e do emprego das armas peculiares á cavalaria: carabina, baioneta, revolver e pistola automática, sabre, espingarda-metralhadora, metralhadora, granada, ferramenta e mascara; o 3.º, occupã-se do *grupo de combate*; o 4.º, trata dos principios geraes das evoluções, da instrução da secção a cavallo e a pé; o 5.º, trata da instrução do esquadrão a cavallo e da companhia no combate a pé; o 6.º, trata da instrução do regimento a cavallo e da instrução do batalhão (a pé).

Cursos organizados na escola militar de engenharia em Versailles. — Para completar os conhecimentos dos officiaes promovidos na emergencia da grande guerra, ou para desenvolver os de outros officiaes promovidos em condições mais regulares, foram criados cursos diversos na escola militar de engenharia: *cursos tecnicos*, e *cursos de aperfeiçoamento* de 1.º e 2.º grau.

Os *cursos tecnicos* serão seguidos pelos capitães promovidos depois de 1 de agosto de 1914, e que proveem da escola politecnica ou das escolas superiores civis; e pelos officiaes que tenham concluido o curso da escola politecnica em novembro de 1919.

Os *cursos de aperfeiçoamento* do 1.º e 2.º grau são destinados aos capitães e subalternos que tenham sido promovidos durante a guerra; e aos que proveem da classe dos sargentos e que deveriam ter cursado em 1914 a escola militar de engenharia e frequentar o curso do 1.º grau, não o podendo ter feito por causa da guerra. O *curso de aperfeiçoamento do 2.º grau* é destinado aos capitães e officiaes subalternos nomeados officiaes no principio da guerra e que não seguiram os cursos regulares; e pelos officiaes que, tendo obtido o curso do 1.º grau estejam nas condições de poderem ser destinados ao *estado maior da arma*, isto é, á *secção tecnica de engenharia (curso superior da arma)*.

Inglaterra

Forças mobilizadas durante a guerra. — Parece ter caracter official os seguintes dados estatísticos sobre as forças mobilizadas durante a guerra :

Ilhas da Grã Bretanha.....	5.704.416	homens ;
Canadá.....	640.886	»
Australia.....	416.809	»
Nova Zelandia.....	220.099	»
Sul-Africa (tropas brancas).....	136.070	»
India.....	1.401.350	»
Restantes colonias.....	134.837	»
Total.....	8.654.467	»

Forças que deviam existir em 31 de março de 1920. — Terminada a guerra, o exercito ingles tem sido desmobilizado de maneira que em 1 de Dezembro de 1919, segundo a declaração do ministro da guerra (Churchill) o efectivo do exercito estava já reduzido a 485.000 homens, dos quaes 229.000 eram voluntarios e 256.000 eram do recrutamento obrigatorio. Estas forças, que faziam parte do *exercito regular*, estavam assim distribuidas :

Guarnições do Reino-Unido (com exclusão da Irlanda)	138.000	homens
» da Irlanda.....	50.000	»
Exercito do Rhêno.....	30.000	»
Tropas dos Dominios.....	40.000	»
Exercito do mar Negro.....	35.000	»
» do Mar Mediterraneo, Egito e Palestina.....	83.000	»
» India.....	76.000	»
Guarnições das colonias menores.....	10.000	»
Africa occidental alemã.....	3.000	»
Persia.....	5.000	»
Mesopotamia.....	13.000	»
Missões militares na Russia.....	2.000	»
Total.....	485.000	»

Em 31 de março de 1920 estas forças deviam estar reduzidas a 300.000 homens.

O *exercito territorial* vaee ser reorganizado, devendo ter 14 divisões de infantaria e uma *reserva*. Os comandantes das divisões do exercito territorial são tirados do exercito regular, e os comandantes das brigadas serão officaes do exercito activo.

O *exercito indiano*, que tinha ao principio da guerra um efectivo de 159.000 homens, foi elevado durante a guerra a 800.000 homens, que tem sido desmobilizados, conservando porém ainda um efectivo de 300.000 homens assim distribuidos :

Na India 159.000; no exercito do mar Negro 11.000; no Mediterraneo, Egito e Palestina 50.000; na Mesopotania 80.000.

As *tropas dos dominios* (Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul) tem sido quasi todas licenceadas. (*Rivista di Artiglieria e Genio*).

A nova espingarda Lee Enfield M/914. — A nova espingarda da infantaria inglesa veiu substituir os modelos 1895 e 1903. A espingarda M/914 é muito semelhante a Mauser. O carregador em vez de 10 cartuchos, tem apenas 5 e a bala é pontuda do tipo P com envolvero de cupro-niquel. A velocidade inicial é de 820 metros. Emprega um sabre-baioneta, que se encastra no cano da espingarda.

A inovação mais curiosa é a da alça, que está colocada na parte posterior da caixa do mecanismo, entre a ranhura da culatra e a rampa helicoidal, de forma que a linha de mira fica aumentada de 0^m,15, permitindo assim maior exactidão no tiro.

Italia

Criação da guarda real. — Com o fim de assegurar a ordem publica e velar pelo cumprimento das leis e regulamentos, foi recentemente criado um corpo especial, a *guarda real*, dependendo do *Ministerio do interior*, e que tem uma função analogá á nossa G. N. R.

O comandante geral é um tenente general, tendo como 2.^o comandante tambem um outro tenente general, e como auxiliares 2 generaes de brigada.

O comando geral tem a sua séde em Roma. Este corpo é dividido em 7 *legiões*, que a seu turno se subdividem em *batalhões*, *companhias*, *pelotões* e *postos*. Além do E. M. do comando geral, cada legião tem tambem o seu E. M. Cada legião é comandada por um coronel ou tenente-coronel; cada batalhão, por um tenente-coronel ou major; cada companhia, por um capitão; cada pelotão por um tenente; cada posto, por um sargento.

A promoção é feita dentro do quadro do corpo da guarda real, sendo esse quadro constituido por: 2 tenentes-generaes, 2 generaes de brigada, 10 coroneis, 20 tenentes-coroneis, 48 majores, 100 capitães, 155 tenentes e 40 alferes. O numero de sargentos (sargentos-ajudantes, 1.^{os} sargentos e 2.^{os} sargentos) é de 1.500; o de cabos, é de 3.300; o de guardas, é de 19.000.

Os vencimentos são os fixados na seguinte tabela:

	Soldo	Gratificação	Subsidio mensal para renda de casa	Gratificação de remonta
Tenentes-generaes.....	13.700 liras	4.800 liras	470 liras	1.280 liras anuaes
Generaes de brigada.....	11.500 "	1.200 "		
Coroneis.....	9.300 "	2.200 "	250-200 liras	
Tenentes-coroneis com 5 anos de posto..	8.200 "	2.100 "	200-150 "	
Tenentes-coroneis com menos de 5 anos	7.100 "			
Majores com 5 anos.....	6.550 "	1.900 "	150-100 "	
" com menos de 5 anos.....	6.000 "			
Capitães com 10 anos.....	5.780 "	1.500 "	120-90 "	
" com 5 anos.....	5.340 "			
" com menos de 5 anos.....	4.900 "			
Tenentes.....	4.095 "	1.100 "		
Alferes.....	3.520 "	800 "		

As praças tem os seguintes vencimentos diários:

	Soldo	Gratificação
Sargento-ajudante.....	12,80 libras	2,50 libras
1.º sargento.....	11,80 »	2 »
2.º »	10,75 »	1,50 »
1.º cabo.....	9,30 »	1,15 »
2.º »	8,85 »	0,85 »
Guardas de 1.ª classe.....	7,15 »	0,30 »
Guardas.....	6,50 »	
Aluno.....	5 »	

Os sargentos chefes de posto tem uma gratificação extraordinária de 2 libras por dia.

Ha uma gratificação de readmissão por cada periodo de 3 anos e um premio de readmissão, sendo este de 1.000 libras no 1.º trienio, de 2.000 no 2.º trienio e de 3.000 no 3.º

Não ha desconto para fardamento, que é fornecido pelo Estado. As praças casadas e os viuvos com filhos recebem uma gratificação mensal de 70 a 90 libras, conforme as povoações.

Ha uma *escola de guardas alunos* para instrução das praças que se alistam, onde se ministra a instrução especial para o serviço do corpo; e ha tambem uma *escola de aspirantes a sargentos*, onde se habilitam os guardas para puderem ser promovidos a sargentos. O recrutamento é feito entre as praças das diversas unidades do exercito de terra e da marinha, tendo um ano de serviço e obrigando-se a servir por 3 anos.

Diversos

O record de duração no ar de um aeroplano. — Até fins de junho de 1920 quem bateu o *record* de maior permanência no ar foi um biplano Farman, tipo Goliath, com dois motores Lorraine Dietrich de 275 H. P. cada um e que foi pilotado por dois notáveis aviadores da casa Farman. Luciano Bossoutrot e João Bernardo.

O biplano saiu do aeródromo de Etampes, sendo alternadamente pilotado por Boussoutrot e Bernardo e permaneceu no ar durante 24 horas e 19 minutos, vendo-se os pilotos obrigados a descer por causa do mau tempo, havendo ainda gasolina para mais algumas horas. Espera-se construir aeroplanos em condições de se poderem conservar no ar umas 36 horas.

As arvores empregadas como antenas na radio-telegrafia. — Durante a grande guerra foram empregadas grandes arvores (preferindo-se os eucaliptos) como antenas na radio-telegrafia, confirmando-se assim as experiências que se tinham começado a fazer nos Estados-Unidos em 1904.

Para isso collocava-se uma rede de arame delgado em volta do pé da árvore, e um arame isolado que era fixado com um prego de cobre na parte mais elevada da árvore.

Este processo foi ainda modificado. Verificou-se que uma árvore-antena pode receber várias ondas de diferente amplitude, empregando-se distintos terminais a diferentes alturas da árvore. Também se empregou o mesmo tipo de circuito para a transmissão telefonica, assim como foram recebidos com facilidade os radio-telegramas enviados dos aeroplanos. Assim se fizeram transmissões telefónicas entre duas árvores-antenas.

Os americanos foram os que mais empregaram as árvores como antenas.

As conclusões tiradas foram que as recepções são mais fáceis em tempo sêco e claro e de noute, não sofrendo grande alteração com a chuva.

No caso de uma árvore ter de servir para estação permanente então cravam vários pregos, que se unem electricamente, servindo cada prego (6 ou 8) para dividir a corrente de pequena fôrça.

O emprego dos pombos-correios na grande guerra. — Durante a última guerra os pombos-correios prestaram relevantes serviços como meio de comunicação, e em circunstâncias de muitas vezes terem falhado todos os outros meios de comunicação. Verificou-se que as transmissões se realizam com mais facilidade de noute do que de dia, quando os pombos eram convenientemente treinados, segundo o sistema espanhol do sr. Estopiña, introduzido em França pelo sargento João Kaiser.

As pombas deram melhor resultado que os pombos no seu primeiro ano; mas no segundo ano já os pombos se comportavam melhor que as pombas. A orientação era mais fácil em noutes sem luar do que com luar. Os tiros não causavam medo, mas já não sucedia o mesmo com os foguetes de iluminação, quando eram em grande número.

A «*Revue Colombophile de Tourcoing*» traz numerosos exemplos de notáveis serviços prestados pelos pombos-correios, quando já se não podiam fazer as ligações pelo telefonio, nem pela telegrafia optica ou pelo serviço aereo durante o combate. Durante o movimento ofensivo alemão contra Verdun em 1916 acentuaram-se êsses serviços.

Durante o bombardeio de 7 de maio a 28.^a divisão de infantaria ficára isolada e o capitão Michou, que comandava o II/99 conseguiu às 12^h,50' avisar por meio de uma pomba o comandante em chefe da difícil situação em que se encontravam. Durante os combates de 31 a 25 de maio o batalhão Maugin do regimento 129, que se encontrava no forte de Douaumont, consegue receber os reforços pedidos por meio de um pombo-correio. A 9 de maio é enviado o capitão Montarby a fazer um reconhecimento à granja de Thiaumont, conseguindo às 16 horas aproximar-se a 500^m da granja e enviando o seu relatório por meio de pombos-correios, sendo recebido em menos de 20 minutos.

A 12 de junho é grande a affluência de feridos ao posto de socorro do regimento de inf.^a n.º 410, e, não havendo os meios de transporte necessá-

rios, foram pedidos reforços à ambulância divisionária, sendo o pedido feito com pombos-correios, o qual era satisfeito em 25 minutos.

De 21 a 23 de junho o comandante do regimento de inf.^a n.º 67, que se encontrava numa situação crítica próximo de Fleury, envia sucessivamente 4 pombos correios pedindo reforços, sendo salvo desses apuros por meio de um contra-ataque, que só foi possível e eficaz em vista das informações enviadas pelo tenente-coronel Guirardon. Na ofensiva alemã contra Vaux-Chapitre, a 1 de agosto, o coronel Breton enviou um esboço à art.^a, por meio de pombos-correios, quando já não havia outros meios de comunicação, e só assim a artilharia conseguiu regular o seu tiro contra o barranco de Foulaines, por onde o inimigo avançava, infligindo-lhe grandes perdas, que o obrigaram a deter o avanço. Outros exemplos ainda se podiam citar. (*Boletín del Ejército Cubano*).

Maneira de evitar que o gado muar zurre de noute. — No caso de se ter de realizar quaisquer operações de noute, em que se tivesse de empregar gado muar, quer de tiro, quer de transporte a dôrso, havia sempre o grave inconveniente de se denunciar o movimento de tropas pelo zurrar do gado muar, quando se procura sempre nestas operações nocturnas manter o maior silêncio. Chegava-se mesmo a fazer uma operação na garganta desses animais para impedir que êles zurrassem. Um sargento de cavalaria norte americano, depois de várias experiências, reconheceu que o animal para zurrar estende o pescoço procurando dar-lhe uma posição quasi horizontal. Procurou, portanto, evitar que o pescoço pudesse tomar essa posição, para o que colocava-lhe suspenso um pequeno saco de areia. Basta, pois, suspender ao pescoço do gado muar um pequeno pêso (saco com areia, uma pedra, etc.) para se impedir os zurros. Esta descoberta, que à primeira vista parece ter pequena importância, tem contudo grande alcance quando se queira efectuar de noute uma operação por surpresa. (*Memorial del Ejército Chileno*).

O vento balístico. — Como se sabe, antigamente só se determinava a velocidade do vento à superfície do sólo junto das batarias e as taboas de tiro só permitiam uma gosseira correcção. Dai resultava que a regulação do tiro deixava muito a desejar, pela sua morosidade ou imperfeição, exigindo um grande consumo de projecteis para se poder bater o alvo. Emquanto se tratava de artilharia de campanha, não havia grande inconveniente pois esta dispunha de um abundante municamento. Já o mesmo não sucedia com a artilharia pesada, que dispõe de um número limitado de projecteis, tornando-se indispensável actuar rapidamente sem consumir grande número de projecteis na regulação do tiro. E' o mesmo que tem lugar na artilharia de um barco de guerra, cujo remunicamento não se pode fazer facilmente e em todos os momentos.

Tornou-se, pois, indispensável estudar mais scientificamente a acção do vento sobre os projecteis para se poder introduzir a correcção, tão exacta quanto possível. Só em 1915 é que se começou a ventilar com mais atenção a influência que o vento produzia na trajetória do projectil e isto porque os marinheiros-artelheiros, que foram chamados a

servir na artilharia pesada começaram a empregar processos de regulação mais aperfeiçoados que os artilheiros do exército de terra. Estabeleceu-se então uma regra, que foi então julgada suficientemente exacta, e que era: *o desvio do projectil, pela acção do vento, é proporcional ao tempo em que o vento actua sobre ele.*

A aplicação desta regra na regulação do tiro teve lugar pela primeira vez na batalha de Artois, a 9 de Maio de 1915 no 1.º grupo de baterias do regimento n.º 19, francês. Tornava-se, pois, preciso estudar as variações do vento com a altitude do projectil na sua trajectoria, e para isso se instalaram nas proximidades das baterias globos-pilotos que permitiam as sondagens aerológicas a diferentes alturas por meio de um teodolito. Em 1916 as observações aerológicas adquiriram grande importância, por já se ter reconhecido que era um elemento importante para abreviar a regulação do tiro, aumentando a sua precisão, e então chegou-se a fazer 20 sondagens por dia, mas sempre applicando a regra enunciada.

Na batalha do Somme em 1916 este processo deu excelentes resultados. O processo era porém moroso, pois exigia que se estudasse a acção do vento nas diferentes camadas da atmosfera, se determinasse a correcção em cada altura e depois se totalisasse essas correcções para ter a correcção final. Em geral, limitava-se a obter as correcções relativas a $\frac{3}{4}$ e a $\frac{2}{3}$ da altura máxima da trajectoria. Por fim o major Taffon, comandante do 7.º grupo de baterias do regimento 32, servindo-se dos cálculos feitos em Janeiro de 1917 pelos senhores Lebesgue e Montel do Ministério das Invenções, encontrou uma regra mais simples.

Como a duração do percurso dos projecteis nas sucessivas camadas atmosféricas é independente do calibre e da velocidade inicial, mas só depende do valor da flecha máxima (observações de Lebesgue e Montel), os projecteis que se elevam à mesma altura permanecem em cada camada atmosférica durante a mesma fracção de tempo da duração total. Desta forma se substitue as acções do vento exercidas sobre um projectil a diferentes alturas da sua trajectoria pela acção de um *vento fictício*, a que se deu o nome em 1917 de *vento balístico*. Chamando T a duração total de um projectil no percurso da sua trajectoria, e t o tempo de permanencia nessa determinada camada atmosférica, como a accção do vento é proporcional ao tempo em que actua sobre o projectil, será pois proporcional a $\frac{t}{T}$. As quantidades t e T calculam-se como se o projectil percorresse a sua trajectoria no vácuo.

Estuda-se, pois, a accção do vento a alturas variaveis de 500 metros até à flecha máxima e a soma geométrica das acções de vento a essas alturas representará o *vento balístico*, e que convém a todos os projecteis, qualquer que seja o calibre e a velocidade inicial, com a mesma flecha máxima. Hoje são as *estações meterológicas* que determinam os ventos balísticos correspondentes às alturas máximas de trajectórias, cujas flechas máximas sejam 500^m, 1.000^m, 1.500^m, 2.000^m, . . . até 6.000^m.

O emprego do *vento balístico* deu excelentes resultados na artilharia pesada nas batalhas que tiveram lugar a partir de Abril de 1917. (*La Nature*).

A evolução da população na Europa. — No começo do século XIX a população da Europa era de 175 milhões de habitantes, mas no começo do século XX elevava-se a 400 milhões. Este aumento, que foi lento durante o primeiro quartel do século, acentuou-se rapidamente de 1825 a 1860, enfraqueceu-se depois até 1890, para em seguida aumentar de novo, devendo ser de 460 milhões em 1914. A causa principal d'este aumento de população é devida à diminuição da mortalidade.

Em 1815 e 1914 a população da Europa estava assim distribuída pelas principais potências :

	Em 1815	Em 1914	Mobilizados	Perdas na guerra
Rússia da Europa	41 milhões	141 milhões	10.400.000	1.700.000
França.....	30 »	39,6 »	8.400.000	1.357.000
Alemanha.....	23 »	68 »	14.000.000	2.200.000
Austria-Ungria...	20 »	52 »	?	942.000
Itália.....	20 »	35,6 »	5.250.000	468.000
Inglaterra.....	18 »	46,5 »	5.700.000	950.600
Espanha.....	10 »	20,843 »		
Portugal.....		6 »	258.000	8.000

Se além das perdas nos campos de batalha, considerarmos as perdas provenientes das privações da população civil, a guerra recente causou a morte e invalidou uns 20 milhões de europeus. A Sérvia teve 570.000 mortos militares e 630.000 da população civil. (Revue d'infanterie).

V. C.

CRÓNICA MARÍTIMA

Portugal

Os novos sloops. — Encontram-se em Inglaterra, desde os primeiros dias de Dezembro p. p., as guarnições dos sloops «Republica» e «Carvalho Araujo». Ao que se diz, aqueles navios são esperados brevemente em Lisboa.

Os torpedeiros cedidos pela Austria. — Segundo informou a imprensa diária, em notícias de carácter mais ou menos officioso, é muito regular o estado de conservação dos torpedeiros austriacos que foram cedidos a Portugal. Pelo que se verifica nos Anuários, são de construção recente e possuem grande velocidade, dentro do deslocamento limitado de 250 Tons.

As suas caldeiras podem queimar combustível sólido ou líquido.

Os sloops «Republica» e «Carvalho Araujo». — Nos primeiros dias de Janeiro p. p. chegaram a Lisboa os sloops ultimamente adquiridos em Inglaterra. Como é sabido, esta classe de navios começou a ser construída durante o tempo em que Lord Fisher exerceu o cargo de

Lord 1.º do Mar do Almirantado, e destinava-se ao serviço de dragagem de minas na grande expedição que se projectava levar a efeito contra a Alemanha. Não tendo sido realizado este plano, a Inglaterra chegou ao termo do conflito europeu dispondo dum avultado numero de navios dêste tipo, uma grande parte dos quais poderia ceder; foram dois deles que o Governo português resolveu adquirir, depois de ter obtido a indispensavel autorização parlamentar para dispender na compra, a importância de 6.000 contos, pouco mais ou menos.

Os novos *sloops*, que sofreram um grande fabrico em Inglaterra, ficaram armados com 2 peças de 10 c/m, 2 de 78 m/m podendo servir para o tiro horizontal ou anti-aereo, e 2 morteiros para o lançamento de bombas de profundidade. Tem disposição e aparelhos muito completos e modernos para a direcção de tiro, 2 projectores aos lados da ponte de comando, bem estudada compartimentagem estanque e aparelhos de escuta contra submarinos. O leme é manobrado da ponte, por uma combinação de maquinas hydraulicas e de vapor, que tem funcionado muito bem.

As maquinas motoras são de triplice expansão (uma em cada navio) e as caldeiras, em numero de duas em cada sloop, são cylindricas e dispostas para queimarem carvão.

A tonelagem dêstes navios orça por 1.200 tons., a velocidade por 16 nós e o raio de acção por 1.600 milhas a toda a fôrça, e 3.000 a 12 nós.

As qualidades nauticas do «Republica» e «Carvalho Araujo» são boas, o que houve occasião de verificar na viagem de Inglaterra para Lisboa; as suas qualidades evolutivas tambem se podem considerar satisfatorias, tratando-se de navios de um só helice.

As linhas exteriores do casco são bastante elegantes, como é vulgar nos navios de construção inglesa.

Alemanha

Submarinos. — O almirante Von Scheer, comandante em chefe da Esquadra Alemã de Alto Mar, na batalha da Jutlandia, tem publicado ultimamente alguns artigos sobre a efficacia dos submarinos na guerra naval. O almirante alimenta as melhores esperanças no futuro daqueles navios, e crê que será este o instrumento que revolucionará definitiva e completamente a arte e o direito maritimo. Na opinião de Von Scheer o submarino conseguirá impôr o principio da inviolabilidade da propriedade privada e a liberdade dos mares. A conclusão dum artigo publicado na revista *Die Woche*, do ultimo dia do ano de 1920, é a seguinte:

«Então surgirão outras concepções relativamente ao direito de todas as nações participarem do trafico maritimo em proporção com as suas fôrças; essas concepções não serão semelhantes ás que persistiam quando as ilhas britannicas eram senhoras unicas do mar; a liberdade dos mares poderá tornar-se então realidade e a Armada alemã não terá lutado em vão para realizar essa tão elevada aspiração do direito internacional. Não terá sido sem resultado que a Alemanha sucumbiu por ela.»

É conveniente acrescentar que o professor Flamm fez uma conferencia, na Universidade de Charlettenburg, em 15 de Janeiro, annunciando que conseguira realizar um novo sistema de estabilização que permitira construir submarinos de qualquer deslocamento, completamente couraçados, com duas torres de comando e outras tantas para a artilharia. A impossibilidade de construir submarinos, em que se encontra presentemente a Alemanha, impediu o professor Flamm de proceder a experiencias, mas nem porisso deixou de registar o seu invento em varios paizes estrangeiros.

O que precede mostra-nos que nem vencidos nem vencedores se desinteressam da construção de submarinos. Parece que a paz veio desvanecer certos preconceitos que se formaram durante a guerra contra este tipo de navios; a França como já vimos nas crónicas anteriores, e a Italia, como veremos nesta, estão construindo muitas destas unidades; a Espanha segue a mesma orientação.

Espanha

Programa de construções.— Anunciava o *Moniteur de la Flotte*, de 29 de Janeiro, que a Espanha pensa em fazer construir: 4 cruzadores de batalha, 10 exploradores ultra-rapidos, varios destroyers e 3 ou 4 flotilhas de submarinos. Não encontrámos ainda nas outras revistas a confirmação desta noticia, mas o facto que convem registar é que a Espanha procura aumentar a sua marinha de guerra, dando marcada preferencia aos navios ligeiros.

Estados Unidos

As suas novas construções navais.— O *Moniteur de la Flotte*, de 8 de Janeiro, publicava um quadro comparativo dos navios actualmente em construção nos Estados Unidos e em Inglaterra, que é muito interessante sob todos os pontos de vista.

Seja qual fôr a attitude que a America do Norte vier a assumir sob a direcção do presidente Harding, o que é certo é que ela em breve possuirá uma esquadra cujo valor material será, sem duvida alguma, formidavel. Para nos convenceremos disso basta examinar o seguinte quadro, extraído do jornal anteriormente mencionado:

Navios em construção	Inglaterra		Estados Unidos	
	N.º	Tons.	N.º	Tons.
Couraçados.....			12	421.600
Cruzadores de batalha.....	1	41.200	6	261.000
Cruzadores.....			10	71.000
Cruzadores ligeiros.....	9	66.230		
Condutores de flotilhas.....	2	3.500		
Destroyers.....	10	13.300	136	164.820
Torpedeiros.....			12	?
Submarinos.....	12	14.220	{57	48.470
			{10	?
	34	138.450	243	966.896

Em tonelagem e em numero, a Inglaterra está construindo presentemente pouco mais ou menos $\frac{1}{8}$ dos navios que os Estados Unidos têm na carreira. Continuando as cousas neste pé não parece difficil que a America consiga conquistar o primeiro posto entre as marinhas do mundo.

Defesa das costas. — A America do Norte preocupa-se muito com a defesa do seu litoral, apesar de se encontrar separada das grandes nações da Europa e da Asia, pelo Atlantico e pelo Pacifico.

Sob a influencia desta preocupação o general Mitchell, director da aviação, fez ha pouco declarações sensacionais, afirmando que o seu país precisaria, para se defender eficazmente, de possuir 600 aviões no Atlantico e outros tantos na contra costa, da America. Por seu lado o general Frank Coe, chefe do serviço de artilharia de costa, chegou no seu relatorio anual, a conclusões interessantes. Assim, segundo este documento o melhor tipo de artilharia anti-aerea é a peça de 14 c/m, e a defesa contra ataques do ar, duma unica cidade, como Boston, exigiria 20 milhões de despesa. Quanto a defesa contra o inimigo que se apresentasse pelo lado do mar, afirma o general Coe que o maior calibre que até hoje se tem podido empregar, sobre a via ferrea é o de 35 c/m, mas que tem sido examinado o problema de transportar sobre a mesma via, peças de 15. Relativamente a projectores procuram substituir os de 0^m,90, em serviço, por outros de alta intensidade de 1^m,50 de diametro.

Naval War College ; curso por correspondencia. (Correspondence course). — Já anteriormente nos referimos a este curso, uma das mais interessantss inovações do *Naval War College*, instituido pela primeira vez em 1914, com a denominação de *War College extension course*, e interrompido três anos mais tarde, em Abril de 1917, por causa da Grande Guerra. Em Junho de 1919 foi estabelecido o curso por correspondencia em bases inteiramente novas. Os fins que se tiveram em vista com a sua criação foram, principalmente, os seguintes :

- — dar uma instrução preliminar de sciencia e arte da guerra aos officiaes que não se encontrem ainda em condições de frequentar o *Naval War College* ;

- permitir aos officiaes prestes a seguir o curso regular, que adquiram um certo treino nas materias que depois estudarão mais detida e demoradamente ;

- desenvolver a intelligencia dos officiaes sobre varios assuntos de interesse profissional e provocar discussões vantajosas sobre pontos de serviço corrente ;

- finalmente, disseminar a doutrina do *Naval War College*, o que representa incalculavel beneficio para a marinha.

Todos os officiaes do Exercito, da Marinha, de infantaria da Marinha e *Coast Guard*, são admitidos a frequentar este curso, que depende inteiramente do *Naval War College*.

O curso por correspondencia comprehende um certo numero de leituras sobre o exame da situação, formulação de ordens, elementos de estrategia, logistica, tactica e preparação para o comando. Alguns estudos feitos pelo *Naval War College* e desenvolvimentos de tactica, são tambem fornecidos aos officiaes que seguem o *correspondence course*.

Logo com as primeiras remessas enviadas pelo *War College*, seguem alguns problemas convenientemente graduados; as duas ultimas são constituídas exclusivamente por problemas estrategicos de cobertura, busca e exploração.

Todos os elementos e dados necessarios para a resolução dos problemas são fornecidos aos officiaes, que, alem disto, são igualmente informados das regras adoptadas pelo *Naval War College* para realização das manobras estrategicas e tacticas. Qualquer que seja o problema envolve sempre um exame da situação e a formulação das ordens necessarias.

O texto adoptado pelo *Naval War College* sobre os metodos empregados na exploração e cobertura, é tambem enviado aos officiaes que seguem o curso, para se regularem por eles na resolução dos problemas que digam respeito aquellas materias.

Alem disto, ainda são recomendadas certas leituras, especialmente de determinados autores que habitualmente se encontram nas bibliotecas de bordo.

O curso não tem duração fixa, antes esta varia muito em consequencia das diferentes situações em que se encontram os officiaes e o tempo que podem consagrar ao estudo; o trabalho é, porem, sempre regulado de forma a poder ser effectuado gradual e metodicamente. Nenhum official é obrigado a seguir o curso até o fim, e a inscrição pode effectuar-se em qualquer epoca do ano. No termo do curso, os officiaes recebem um certificado do presidente do *Naval War College* e o Secretario de Marinha é tambem informado dêste facto. A Secretaria de Marinha, é, alem disto, informada semestralmente dos progressos realizados pelos officiaes.

No primeiro ano de funcionamento, o curso por correspondencia foi frequentado por mais de 600 officiaes, citando-se o caso de um deles o ter completado em dois meses; o periodo vulgar de frequencia é de 1 semestre.

Politica naval. — Segundo noticias que de vez em quando chegam até á Europa, a grande republica norte-americana não desiste de conquistar o primeiro posto entre as marinhas do mundo. Refere o *Moniteur de la Flotte*, no seu numero de 18 de Dezembro do ano passado, que o sr. Harding, discursando em Norfolk, manifestou a esperança de que em breve os Estados Unidos venham a constituir a mais poderosa marinha; por outro lado, sabe-se tambem que a respectiva Secretaria de Estado tencionava apresentar na proxima sessão do Congresso, um novo programa de construções, comprehendendo: 10 *super-dreadnoughts*, 6 cruzadores de batalha, alguns *super-destroyers* e varios cruzadores ligeiros capazes de navegarem a velocidades superiores a todas que tem

sido conhecidas até hoje naquele país. Este programa deverá ser realizado em três anos.

As aspirações actuais da marinha americana, que se manifestam ruidosamente por variadas formas, não se harmonizam muito com as tendências pacifistas do presidente Wilson, que teve a habilidade de fazer adoptar pela Europa a sua *Liga das Nações*. A Inglaterra tem, portanto, que contar, de hoje em diante, com um vigoroso antagonista, bem mais forte e bem mais rico do que aquele que acaba de abater na Grande Guerra e que se levanta diante dela quando um se encontra abatido e o outro enriquecido por uma longa luta de cinco anos.

Todo o interesse das questões marítimas reside actualmente na competencia anglo-americana, da mesma forma como até 1914 se fixava na rivalidade anglo-alemã.

França

Submarinos. — Conforme noticiou a imprensa, o programa formulado ha alguns meses pelo sr. Georges Leygues, quando ministro da marinha, comportava simplesmente a construção de 5 cruzadores ligeiros e 12 contra-torpedeiros; este programa acaba, porem, de ser aumentado na respectiva comissão parlamentar, de acôrdo com o ministro Landry e auctoridades marítimas, com mais 36 submarinos, cuja construção deve ser iniciada imediatamente. Deve-se notar, todavia, que o numero total das unidades dêste tipo previsto no orçamento, é de 100, o que indica que a França, durante a paz, modificou completamente as suas ideas a respeito de submarinos.

É tambem curioso referir ainda o alvitre sugerido pelo deputado Boussenot, lembrando a conveniencia de serem aproveitados os motores dos 35 submarinos alemães entregues á França para serem demolidos. Segundo ele, o facto de ter sido determinada a destruição daqueles navios não constitue impedimento para a adaptação dos 35 Diesel a quaisquer novos submarinos, que a França venha a construir para a defesa das costas.

Inglaterra

Curso de Estado Maior Naval e de Arte Militar Marítima. — A Grande Guerra patenteou de forma evidente os graves vícios de que enfermava o plano de instrução dos officiais da marinha britânica, tanto pelo que se refere á cultura geral, que lhes era ministrada, como pelo que diz respeito á preparação do alto comando e dos seus auxiliares immediatos. O relatório do 1.º Lord do Almirantado, anexo ao orçamento do ano de 1920-1921, trata largamente dêstes assuntos. Para corrigir o primeiro defeito foram reformados os cursos de instrução, que anteriormente eram de natureza excessivamente tecnica — o que colocava os officiais em manifesto pé de inferioridade, sob este ponto de vista, em relação aos individuos de outras profissões — dando-se neles maior lugar á cultura geral.

Para desenvolver na marinha inglesa o conhecimento dos assuntos

que constituem a arte militar naval, foi constituído um curso elementar para segundos tenentes, em Greenwich, um curso de estado maior e um curso de guerra, este ultimo para os officiaes mais antigos (contra-almirantes e capitães de mar e guerra) que, não tendo frequentado os anteriores, pretendam pôr-se a par dos modernos ensinamentos da arte militar naval.

Actualmente ha, pois, em Inglaterra tres cursos de arte militar maritima, dos quais dois se destinam a difundir os conhecimentos gerais desta materia e o terceiro a criar verdadeiros especialistas no assunto; este é o *War Staff College*.

Como acontece nos Estados Unidos da America, tambem na Gran-Bretanha alguns officiaes do Exercito frequentam os cursos navais de guerra, ao mesmo tempo que alguns officiaes de Marinha se habilitam nas escolas do Exercito. Officiaes de marinha dos dominios britannicos seguem igualmente aqueles cursos.

O *War Staff College* é o mais importante instituto de ensino de arte militar naval, na Inglaterra, e destina-se a seleccionar e educar os officiaes que mais tarde entrarão para o Serviço do Estado Maior Naval, ficando de posse de uma doutrina comum sobre a estrategia e a tactica, e podendo apreciar devidamente as necessidades futuras da Armada e as lições do passado. O *War Staff College*, que tem a sua séde em Greenwich, começou a funcionar em Julho de 1919, devendo ter terminado a instrução do primeiro curso em igual data de 1920. O periodo escolar é de um ano. A intenção expressa do 1.º Lord é que o curso seja frequentado anualmente por 40 alumnos, o que permitirá contar dentro de 10 anos com cêrca de 400 officiaes, repartidos por todos os graus da escala hierarquica. Neste instituto são admitidos em cada curso, officiaes do exercito da fôrça aerea e dos dominios, de forma a assegurar a mais perfeita cooperação entre os diversos serviços da defesa nacional, espalhando por todos eles uma doutrina que fará prosperar a marinha, segundo espera o 1.º Lord.

O ensino no *War Staff College* é ministrado em conferencias. A frequencia dêste curso são chamados, capitães de fragata, capitães tenentes e primeiros tenentes cuja idade oscile entre os 24 e 34 anos. As materias professadas são: inglez, serviços de Estado Maior, Estrategia, Tactica e Sciência do Comando.

O *War College*, instalado tambem em Greenwich, é destinado aos officiaes mais antigos, que não frequentaram o curso do Estado Maior. Foi iniciado em Maio de 1920. Este curso compõe-se de duas partes, uma doutrinal de duração de 4 meses, efectuada no *War College* e a outra tecnica, de 8 semanas de duração, feita em Portsmouth. Como na Escola do Estado Maior o ensino, no *War College*, é ministrado em conferencias, não havendo exames. A frequencia ordinaria é aberta entre os capitães de mar e guerra, extraordinariamente podem, porem, seguir o curso almirantes e capitães de fragata. Alguns, poucos, officiaes do Exercito tambem o frequentam. As conferencias tecnicas devem, em regra, anteceder as de natureza doutrinal. Em cada ano civil realizam-se 3 cursos no *War College*.

A titulo de curiosidade, damos a seguir as linhas gerais do programa dêste Instituto :

— Politica naval e suas relações com a estrategia. Exemplos historicos. Ataque e defesa do comercio.

— Bases, organica e serviço de informações.

— Economia nas suas relações com a estrategia.

— Planos de guerra.

— Ofensiva. Operações combinadas.

— Defensiva. Defesa do comercio. Defesa territorial.

— Direito internacional, sua influencia sobre as operações navais.

— Principios fundamentais de tactica.

— Operações secundarias. Diversões.

— *Trabalhos individuais.* Aplicação dos principios a problemas de natureza estrategica e tactica. Estudo de algumas operações da ultima guerra.

Toda a instrução de caracter tecnico foi banida desta parte do curso.

Como se sabe, paralelamente com a difusão dos estudos da arte militar naval, cuidou o Almirantado de reorganizar o Estado Maior em bases inteiramente modernas e conforme era reclamado pela opinião pública.

Relatorios sobre as operações navais. — Contrariamente ao que se esperava, o almirantado britanico resolveu não dar á publicidade as noticias que possui sobre a fuga do «Goeben» para Constantinopla, logo ao começo da guerra, raid alemão sobre Scarborough e combate de Dogger Bank ; é isto, pelo menos, o que informa o *Moniteur de la Flotte*, de 4 de Dezembro de 1920.

Vê-se do que procede, que tem sido absolutamente ineficaz a campanha intentada naquele país por alguns publicistas e parlamentares, para que se abram os arquivos do almirantado, de forma a permitir a apreciação de todos os factos relativos á Guerra Naval.

A politica do almirantado a este respeito não tem precedentes. Começando por suprimir os conselhos de guerra — o que provocou justos reparos a escritores de alta reputação — acaba por conservar secretos os documentos mais importantes sobre as operações maritimas.

O livro azul da batalha da Jutlandia. — Em quasi todas as revistas da especialidade, estão sendo apreciados neste momento, os documentos publicados pelo almirantado inglês sobre aquela batalha. Só uma leitura demorada e atenta permitirá tirar áqueles documentos os ensinamentos que eles encerram ; entretanto será possivel desde já, referir uma constatação que salta aos olhos, á primeira vista e simples inspecção do livro ; é que durante a acção e ainda no periodo mais activo de combate, foram feitos numerosissimos sinais e transmitidas frequentissimas ordens, e ainda que o almirante em chefe exerceu direcção immediata sobre quasi todas as fracções da Grande Armada. Esquadras de combate e flotilhas de navios ligeiros tudo foi dirigido pelo almirante Jellicoe.

Ao que parece, as grandes ideas que vinham sendo preconizadas a

respeito da iniciativa aos chefes sob-ordens e da unidade de doutrina, sofreram naquela batalha, o mais rude golpe que lhes podia ser infligido ; resta saber se de semelhante facto resultou vantagem ou desprestígio para a marinha britânica.

Construções navais. — Ao que se diz, o Conselho Superior de Defesa Imperial é contrario á construção de grandes navios de linha, já pelo seu elevado custo, que atinge uns nove milhões de libras, já porque exigem numerosos cruzadores e destroyers para sua defesa em tempo de guerra e, finalmente, porque obrigariam a importantíssimos trabalhos nos portos e docas para assegurar a sua conservação e eficiência.

A situação anglo-americana. — Ao mesmo tempo que a Inglaterra procura por todas as formas limitar as suas despesas navais, tendo até para esse fim transformado a base de Rosyth em porto comercial ; os Estados Unidos da America, procuram desenvolver e ampliar consideravelmente as bases da sua esquadra. A ultima manifestação americana a este respeito, de que temos conhecimento, é a proposta do conhecido almirante Sims para a adaptação de Narragansett a grande base, de forma a poder abrigar toda a Armada do seu país. O proprio presidente Harding, não obstante as suas tendencias pacifistas, não perde o menor ensejo para afirmar que a marinha de guerra é a base da segurança do povo norte-americano.

Italia

Cursos de guerra do Exercito e da Armada. — Em consequencia dum acôrdo realizado entre os Ministerios da Guerra e da Marinha, ficou estabelecido que 5-officiais de marinha passem a frequentar na Escola de Guerra de Turin, um curso de 2 anos ; outros tantos officiaes do Exercito poderão seguir o curso superior de guerra para officiaes de marinha, estabelecido em Livorno.

Os officiaes da armada que forem frequentar a Escola de Turin, deverão ter o diploma do curso superior de marinha.

Esta pratica de fazer passar pelas escolas superiores de guerra os officiaes dos dois ramos militares, que, como vimos, está sendo seguido tambem em Inglaterra, parece que virá a produzir os melhores frutos e muito contribuir para estreitar a camaradagem entre a Armada e o Exercito.

Programa naval. — O programa de construções navais italianas só prevê algumas pequenas unidades. É curioso observar que duas das principais marinhas da *Entente* — a francesa e a italiana — já desertaram ostensivamente do campo das grandes construções.

Segundo o programa italiano, as unidades a construir serão :

8 lança-minas de 8.000 tons.

54 submarinos de 600 tons.

- 2 exploradores de 900 tons.
 - 4 destroyers de 900 tons.
- estando tambem prevista a conclusão de :
- 3 exploradores de 2.200 tons.
 - 8 destroyers de 900 tons.
 - 5 destroyers de 800 tons.
 - 6 canhoneiras de 250 tons.
 - 1 canhoneira fluvial e varios navios auxiliares.

Russia

O triste fim dum navio escola. — Quando da entrada dos bolchevistas em Vladivostock. o navio escola «Orel» saiu para o mar com a sua guarnição e 300 alunos da Escola Naval daquela cidade, e como até hoje não receberam qualquer pagamento do seu país, com cujo regimen actual não concordam, tem-se empregado no serviço de carga. Officiais e alunos fazem vida em comum á espera de melhores dias.

Diversos

A crise da marinha mercante. — Um dos aspectos mais curiosos da crise actual do frete maritimo, consiste no facto de varias entidades que haviam alugado navios mercantes, preferirem conserva-los nos portos a fazê-los navegar nas presentes condições, não obstante terem com os armadores contratos muito onerosos. Este estado de cousas, muito grave para a industria maritima, não se tem modificado sensivelmente nos ultimos tempos.

M. O.

BIBLIOGRAFIA

1 — LIVROS

França

- 1 DUAMS (C. B.) — *Guide rappel de Commandement. Organisation, Avant-postes, Marches, Combat*, 1911. Vol. in-8 étroit, cart. Editeur Berger Levrault Paris, 2 fr. + 50 0/0.
- 2 DOSSE (E.) — *Le Thème tactique. Théorie et Méthode*, 3.^a édition, 1913. Volume in-8, broche. Editeur Berger Levrault Paris. 3 fr. + 50 0/0.
- 3 VACHEE, colonel. — *Napoléon en campagne*, 1913. Volume in-8 de 218 pages avec 3 cartes hors texte. Editeur Berger Levrault Paris, 6 fr.
- 4 BUAT (Général) — *L'Armée allemande pendant la guerre de 1914-1918. Grandeur et décadence. Manœuvres en lignes intérieures*. 1920. Volume in-8 broché. Editeur Berger Levrault Paris. 4 fr.
- 5 LARMINAT (E. DE). — *La Topographie chez l'ennemi*. Comment nous dressions la carte du terrain occupé par l'adversaire. 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.

- 6 CLERGERIE (Général), et *Delahaye d'Anglemont* (Lucien), capitaine. — *Le Rôle du Gouvernement militaire de Paris du 1er au 12 septembre 1914*. 1920. Volume in-16, broché, avec 4 cartes. Editeur Berger Levrault Paris, 7 fr. 50.
- 7 DAVELUY (Contre-amiral) — *L'Action maritime pendant la guerre anti-germanique*. Tome I. 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris, 16 fr.
- 8 LAFON (Charles) — *La France ailée en guerre*. 1920. Volume 21/13,5 broché. Editeur Berger Levrault Paris. 10 fr.
- 9 LAFON (Charles) — *Las Armées aériennes modernes. France et étranger*. 1920. Volume 22,8/14,2 broché. Editeur Berger Levrault Paris. 6 fr.
- 10 MINISTÈRE DE LA GUERRE. — *Instruction provisoire sur l'emploi des chars de combat comme engins d'infanterie*. 1920. Brochure 18,8/10,8. Editeur Berger Levrault Paris. 1 fr.
- 11 BUXTORF (A.) — *En Italie avec la 24^e division d'infanterie française (Septembre-décembre 1918)*. 1920. Volume 19/14, broché. Editeur Berger Levrault, 7 fr. 50.
- 12 BONAPARTE (Marie) — *Guerres militaires et Guerres sociales*. Bibliothèque de philosophie scientifique. 1920. Volume 12/19, broché. Editeur Berger Levrault Paris, 6 fr. 75.
- 13 BULOW (Von). — *Mon rapport sur la Bataille de la Marne*. 1920. Volume 14/19, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 6 fr.
- 14 MINISTÈRE DE LA GUERRE. — *Instruction du 26 mai 1918 sur l'emploi de la cavalerie dans la bataille*. 1920. 2 brochures 19/11. Première partie, 2 fr. Deuxième partie. Editeur Berger Levrault Paris, 2 fr. 50.
- 15 ALLÉAUT. — *Essai sur la Bataille, Principes et Procédés*. I. *Quelques considérations sur les principes de la guerre. La recherche et la préparation de la bataille*. 1914. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 6 fr. + 50^o/₁₀.
- 16 MICHELIN. — *Arras et les batailles d'Artois*. 1920. Volume cartonné. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 17 MICHELIN. — *L'Alsace et les combats des Vosges*. 2^e partie. 1920. Volume cartonné. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 18 CLERGERIE (Général), et *Delahaye d'Anglemont*. — *La Bataille de la Marne. Le Rôle du gouvernement militaire de Paris du 1er au 12 septembre 1914*. 1920. Volume 18,5/12, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 7 fr. 50.
- 19 WAUTHY (Dr. Léon). — *Psychologie du soldat en campagne*. 1920. Volume 25,5/16,7, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 20 JOFFRE (Maréchal). — *La Préparation de la guerre et la Conduite des opérations jusqu'à la bataille de la Marne*. 1920. Volume 13/19, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 4 fr. 50.
- 21 PERCHERON. — *Les Aéroplanes de la guerre. Les Aéroplanes de 1916 à 1920*. 1920. Volume 22/27, broché. Editeur Berger Levrault Paris, 30 fr.
- 22 CHERFILIS (Général). — *La Guerre de la délivrance. Opérations sur tous les fronts*. Tome I. 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 15 fr.
- 23 DESCHAMPS (Merce). — *L'Abandon de Lille en 1914 et le général Percin*. 1920. Volume in-16 Jésus, broché. Editeur Berger Levrault Paris, 5 fr. 75.
- 24 MERMEIX. — *Le Commandement unique*. 2^e partie: *Sarrail et les armées d'Orient*. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger Levrault, Paris. 7 fr.
- 25 BECKER (G.), colonel. — *Trois conférences sur Undendorff chef d'armée Réunion des forces. Evolutions. Conduite de la bataille*. 1920. Volume in-8, avec 16 cartes hors texte, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 15 fr.

- 26 DARTIGE DU FOURNET (Vice am.). — *Souvenirs de guerre d'un amiral*. 1914-1916. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 15 fr.

Inghilterra

- 1 ANDERSON (Major-General W. H., C. B.) *Outline of the Development of the British Army up to the Commencement of the Great War*. 1914 8vo, swed., pp. 56. *Hugh Rees* n. 2/6
- 2 BLACKBURN (J. A.) and Watkins (Kenneth) *The British Submarine in Being*. Cr. 8vo, pp. 199. *Gieves Pubg. Co.* n. 6/
- 3 BLACKHAM (Col. R. J.) *Military Sanitation*. 8vo. *J. Bale* n. 10/6
- 4 BRIGHT & Sons' Priced Catalogue of War and Armistice Stamps. 9th edition. 18mo, swd., pp. 112. *Bright & Sons* 1/8
- 5 CORNISH (Vaughan) *Imperial Military Geography*. Cr. 8vo, swd. *Sifton Praed* n. 1/
- 6 DEAN (Bashford) *Helmets and Body Armour in Modern Warfare*. Royal 8vo *Oxford P.* n. 25/
- 7 DINNING (Hector) *Nile to Aleppo: With the Light Horse in the Middle East*. Illustrated by James McBey. Folio, pp. 287. *G. Allen & U.* n. 25/
- 8 DORLING (Taprell) *Ribbons, and Medals of the Great War*, Cr. 8vo, swd., pp., 36. *Philip.* n. 1/6
- 9 FOREMAN (T.) *Whizz Bangs. True episodes of the War. Combining humour with pathos*. 18mo, swd., pp. 95. *Dranes* n. 1/6
- 10 JACKSON (I. M.) *Our Boats in Blue*. 4to. *Collins* n. 7/6
- 11 JELICOE (Admiral Viscount) *The Crisis of the Naval War. With 8 Plates and 6 Charts*. Royal 8vo, pp. 348. *Casseli* n. 31/6
- 12 LESLIE (H. W.) *The Royal Mail War Book*. Illustrated. 8vo, pp. 207. *Heinemann.* n. 10/6
- 13 LEWIS (James C.) *Teaching in the Army*. Cr. 8vo, swd. *Camb. P.* n. 3/
- 14 SHETLANDE' *Roll of Honour and Roll of Service*. Edited by T. Manson. Royal 8vo, pp. 297. «*Shetland News*».
- 15 *Short History of the 6th Division*. August, 1914-March, 1919. Edited by Major-Gen. T. O. Marden. 8vo, pp. 128. *H. Rees* n. 2/6; 3,6
- 16 STEVENS (F. E.) *Battle Story of the Hampshire Regiment*. With Foreword by Rt. Hon. Earl of Selborne. Cr. 8vo, pp. 65. «*Hampshire Advertiser*» 1/6
- 17 TENNANT (Lt-Col. J. E.) *In the Clouds Above Baghdad. Being the Records of an Air Commander*. 8vo, pp. 292. *Cecil Palmer* n. 15/
- 18 WALBROOK (H. M.) *Hove and the Great War*. Cr. 8vo, pp. 203. *Cliftonville P* n. 3/6
- 19 CLIFFORD (Sir Hugh) *The Gold Coast Regiment in the East African Campaign*. Demy 8vo, pp. 306. *J. Murray.* n. 18/
- 20 *Concise Notes for Company, Platoon, and Section Training*. 18mo, swd., pp. 35. *Gale & P.* n. 1/
- 21 *From Public School to Navy. An Account of the Special Entry Scheme*, Edited by Lieut. W. S. Galpin. R. N. With Preface by Commander Viscount Curzon. Folio, pp. 139. *Underhill* n. 10/6
- 22 MOHONEY (H. C.) *Interned in Germany*. Cr. 8vo. *S. Low* n. 4/
- 23 MOHONEY (H. C.) *Sixteen Months in Four German Prisons*. C. R. 8vo. *S. Low* n. 4/
- 24 MAHAN (Captain A. T.) *Naval Strategy. Compared and Contrasted with the Principles and Practice of Military Operations on Land*. Royal 8vo, pp. 498. *S. Low* n. 42/
- 25 *National Union of Teachers' War Record*. 1914-1919. 8vo *Low* n. 2/6

- 26 MARXWELL (Gordon S.) The Naval Front. Illustrations, in Colour and Monochrome, by Donald Maxwell, 8vo, pp. 215. *Black.* n. 25/
 27 MONTGOMERY (Major-Gen. Sir Archibald) The Story of the Fourth Army in the Battles of the Hundred Days, August 8 to November 11, 1918. With a Foreword by General Lord Rawlinson, G. C. B., G. C. V. O. K. C. M. G., A. D. C. In 2 vols. (1 vol. Text, 1 vol. Maps). Folio, pp. 393. *Holder & S.* per set. n. 63/
 28 MUGGE (Maximilian A.) The War Diary of a Square Peg, with a Dictionary of War Words, 8vo, pp. 224. *G. Routledge* n. 10/5
 29 OVERELL (Major (L. D.)) The New Squad Drill with the Quick Turnings and How to Teach It, including Sentry-go Drill and Drill with Canes. Cr., swd., pp. 38. *Gale & P.* n. 1/6
 30 SETON (Brevet Col. Sir Bruce) and Grant (Pipe-Major John) The Pipes of War. Royal 8vo, pp. 201. *Maclehose Jackson* n. 25/
 31 SOMME, The. Vol. 1: The First Battle of the Somme (1916-1917). 8vo, pp. 136. *Michelin et Cie.* n. 4/
 32 SUTHERLAND (Capt. D.) War Diary of the Fifth Seaforth Highlanders, 51st (Highland) Division. Cr. 8vo, pp. 180. *J. Lane* n. 6/
 33 WALSH (Douglas) With the Serbs in Macedonia. Cr. 8vo, pp. 278. *J. Lane* n. 7/6
 34 WATSON (Major W. L.) A Company of Tanks. With Sketch Maps. Cr. 8vo, pp. 296. *Blackwood* n. 7/6
 35 WOOD (William) Flag and Fleet. How the British Navy Won the Freedom of the Seas. With a Preface by Admiral of the Fleet Sir David Beatty. Cr., swd., pp. 301. *Macmillan.* n. 3/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.ºs 7 e 8 de Julho-Agosto de 1920. Salvamento do «Desertas». O Livro de Ouro da Marinha Portuguesa. Em volta de Silurificio de Spezia. Etc.
 N.ºs 9 e 10 de Setembro-Outubro de 1920.
 N.ºs 11 e 12 de Novembro-Dezembro de 1920. Algumas considerações sobre navegação astronómica aérea. Etc.
- 2 *O Instituto*, n.º 11 de Novembro de 1920. A embaixada de Tristão de Mendonça Furtado à Holanda em 1641. O movimento tipográfico em Portugal no século XVI. Terras de Odiana.
- 3 *O Oriente Português*, n.ºs 3 e 4 de Março-Abril de 1920. O sistema das costas. Antigos tecidos no mercado de Damão. Etc.
- 4 *Revista da Historia*, n.º 33 de Janeiro-Março de 1920. Damião de Goes — Na Corte de D. Maria. Subsídios para a história dos Portugueses no Japão. Etc.
 N.º 34 de Abril-Junho de 1920. Ribeiro Sanches e os Jesuitas. Evolução de um município. Etc.
- 5 *Revista de Medicina Veterinaria*, n.º 225 de Novembro de 1920. Algumas observações sobre o melhoramento dos cavalos em Portugal. Considerações clinicas sobre a nefrite do cão. Etc.
 N.º 226 de Dezembro de 1920. Tonicos-Cardiacos. O serviço veterinario do Exercito Inglês na Grande Guerra. Etc.

Argentina

- 1 *Revista Militar*, n.º 3 de Novembro de 1920. Brigadier general don Martin Rodrigues. La deficiente instrucción tactica actual de nuestros oficiales de caballeria. Etc.

Brasil

- 1 *Boletim Mensal do Estado Maior do Exercito*, n.ºs 1 a 6 de Julho a Dezembro de 1919. A engenharia militar no Brasil (origens). Escola de Aviação de Pau. Ensinamentos da Grande Guerra. Historia das fortificações do Brasil. Etc.
- 2 *O Tiro de Guerra*, n.º 12 de Dezembro de 1920. Coronel Ernesto Carlos Cezar. Campeonato de tiro ao alvo de 1920.
N.º 126 de Dezembro de 1920. Isenções — Habeas-corpus. R. E. C. 1920. Cousas de instrução. Etc.
- 3 *Revista dos Militares*, n.º 125 de Novembro de 1920. Evolução, separatismo. O problema da remonta. Etc.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 380 de novembro-dezembro de 1920. El 4.º centenario del descubrimiento del Estrecho de Magallanes. Síntesis de la guerra submarina. El rol de las flotas acorazadas. El enlace de las armas. Etc.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia*, n.º 99 de Setembro de 1920. Segunda corrección del nivel. Dirección superior de la instrucción en los cuerpos de tropas.
N.º 100 de Outubro de 1920. Jura de banderas. Discurso. La primera batalla de la Independencia. Etc.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejercito*, n.º 56 de Outubro de 1920. Conferencias sobre disciplina e instrucción militar. Revolucionando las taticas de combate.
N.º 57 de Novembro. El cruce de los arroyos por pequeños destacamentos de caballeria. Asedio y toma del fuerte Fisher. (Episodio de la Guerra de Sucesion).

Espanha

- 1 *Memorial de Artilleria*, n.º de Novembro de 1920. De la preparación del tiro en las baterias de campaña. El mando de las masas de artilleria — Contribución para la Historia. Etc.
N.º de Dezembro. Apuntes relativos a la instrucción del personal de tropa en los regimientos ligeros de la artilleria de campaña. Etc.
- 2 *Memorial de Caballeria*, n.º 54 de Dezembro de 1920. Un punto de Historia: Qué acaeció en el Marne? Los Depósitos de doma. Etc.
N.º de Janeiro de 1921. La exageración del espirito de Cuerpo. Proposición para la méjora y fomento de la cria caballar em España: Proposición del señor teniente-coronel Primo de Rivera. Etc.
- 3 *Memorial de Infanteria*, n.º 107 de Dezembro de 1920. Infantes ilustres. La técnica del Ametrallador. Del ejército italiano: La guardia regia. Etc.
N.º 108 de Janeiro de 1921. Ametralladoras de Infanteria. El servicio de armamento. Cuidados que requiere la medición de las presiones. El ejército y la cuestion social. Hombres e ideas de la guerra europea. Etc.

França

- 1 *La Revue d'Infanterie*, n.º 338 de Novembro de 1920. Quelques réflexions sur le probleme de la réorganisation militaire. — Les cadres et les effectifs de l'infanterie allemande au cours de la guerre 14-1918. N.º 339 de Dezembro. Id. Id. Pistolets et revolvers. Guerre et démographie. Les balles lumineuses et le réglage du tir antiaérien des mitrailleuses. Etc.
N.º 340 de Janeiro de 1921. Quelques réflexions sur le probleme de la reorganisation militaire. — Les cadres et les effectifs de l'infanterie d'après-guerre. Les chars de combat — Leurs origines et leur évolution pendant la guerre. Etc.
- 2 *Revue Militaire Générale*, n.º 11 de Novembro de 1920. La refonte des règlements et notre doctrine de guerre. Les transports par voie ferrée de l'armée americaine en France (1917-1919).

Italia

- 1 *Rivista de Artiglieria e genio*, n.º de outubro-novembro de 1920. Sguardo generale all'artiglieria italiana nella recente guerra. Rappresentazioni topografiche per gli usi dell'artiglieria. Considerazioni sul calcolo dei pilastri in cemento armato. La compagna romana del 1916.

Mexico

- 1 *Revista del Ejercito y Marina*, n.º de Outubro de 1920. Movimiento de las minas submarinas en el Atlantico del Norte y en el Océano Glacial Artico, durante la guerra y después de ella. Miedo y Cobardia. El Prestigio. Etc.

Salvador

- 1 *Boletin del Ministerio de Guerra*, n.º 68 de Agosto de 1920. Instrucción tecnica del official. — Ligeros apuntes sobre higiene del caballo. N.º 69 de Setembro. Ejercicios Tacticos de Cuadros en el terreno. — Proyecto de Ejercicios.
N.º 70 de Outubro de 1920. Revolucionando la tactica de combate. Algunos adelantos tecnicos en la guerra mundial y los que podrian ser adaptados a nuestro ejército.

Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 11 de Novembro de 1920. Des concours militaires de ski. Le tir indirect de mitrailleuses.
N.º 12 de Dezembro. Culture physique dans les écoles de recrues. La poste de campagne pendant le service actif de 1914 a 1918.
N.º 1 de Janeiro de 1921. Le 9.º corps français aux marais de Saint-Gond. L'instruction d'une unité d'infanterie. L'artillerie franco-serbe à la bataille du Dobropolie. Etc.

Uruguay

- 1 *Revista Militar y Naval*, n.º 4 de Outubro de 1920. Asociación Militar de Football. Curso práctico de tiro a los ciudadanos comprendidos en la Guardia Nacional Móvil. Etc.